

Maria de Fátima Corrêa Amador

Maria Lúcia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção

Belém
2011

MARIA DE FÁTIMA CORRÊA AMADOR

Maria Lúcia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção

Dissertação de Mestrado em Letras apresentada ao curso de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lilia Silvestre Chaves

Belém
2011

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)

C824d Amador, Maria de Fátima Corrêa.
Maria Lúcia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção ; orientadora,
Prof.^a Dr.^a Lilia Silvestre Chaves. – 2011.

Dissertação (Mestrado) – Curso de Pós-graduação em Estudos
Literários, Universidade Federal do Pará , Belém, 2011.

1. Medeiros, Maria Lúcia, 1942-2005. 2. Crítica literária – Pará. 3.
Literatura e sociedade – Pará. I. Título.

CDD 22 ed. 801.9

MARIA DE FÁTIMA CORRÊA AMADOR

Maria Lúcia Medeiros, entreatos, o fato e a ficção

Dissertação de Mestrado em Letras apresentada ao curso de pós-graduação em Estudos Literários da Universidade Federal do Pará, como requisito para a obtenção do grau de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lilia Silvestre Chaves

Banca Examinadora

Profa. Dra. Lilia Silvestre Chaves
Orientadora – MLetras/UFPA

Prof. Dr. Silvio Holanda
Examinador - MLetras/UFPA

Profa. Dra. Eneida Maria de Souza
Examinadora - UFMG

Para meus pais, que sempre incentivaram o estudo.

Para a Lucinha, por longa amizade em vida tão curta.

Para a Professora Lilia, primeira leitora.

AGRADECIMENTOS

À Universidade Federal do Pará (UFPA), pela acolhida e oportunidade de realização deste curso.

À professora orientadora Lilia Silvestre Chaves pelos ensinamentos, amizade e incentivo no decorrer do trabalho e, particularmente, pelo exemplo de que a ética, a busca constante de aperfeiçoamento e de qualidade são atributos essenciais do pesquisador científico.

Aos professores Silvio Holanda, Germana Sales, Socorro Simões, Luís Heleno, José Guilherme, Lilia Silvestre Chaves pelas importantes contribuições no decorrer do curso.

À professora Izabel Cristina Rodrigues Soares pelas ideias, sugestões e amizade de longos anos.

À família da escritora Maria Lúcia Medeiros, em especial, a seu filho José Mariano Klautau de Araújo Filho, guardião do arquivo pela confiança, conversas, sugestões, amizade e incentivo. À sua mulher Walzeli Sampaio pelo apoio.

À professora Germana Sales por uma “fotinha”.

A minha sobrinha Joseane que se divertiu muito com esta minha nova fase de estudante.

Aos amigos Laís Zumero, Newton Elias, Adelaide Santos, Heliana Martins e Cida Botelho pelo incentivo.

Às colegas de turma Lídia Alcântara, Izabela Jangoux, Suani Corrêa, Melissa Alencar e Fabíola Reis pelo convívio, amizade, compartilhamento de ideias e incentivo ao longo do curso.

Aos colegas e amigos do Banco da Amazônia: Lu Lisboa, Socorro Santos, Das Dores, Andréa, Sávio, Betinha, Paulo Melo, Ruma, Oderle e Oduval pela paciência, compreensão e apoio. Em especial à coordenadora Rosângela Costa que, generosamente, me permitiu trabalhar em horário diferenciado.

A todos aqueles que direta e indiretamente contribuíram para o desenvolvimento do trabalho e concretização de um sonho.

Não há <boa ou má> biografia, por natureza, tampouco <bom ou mau> biógrafo. O biógrafo não busca o sentido intrínseco da vida a ser biografada porque sabe que biografar é criar novos sentidos e vidas, e que ao jogar o caniço é possível que ele mesmo seja pescado.

Luciano Bedin da Costa

Tenho trabalhado incessantemente. Tenho lutado contra a dolorosa força de proteger meu texto de uma realidade que se faz de silêncios. Mas confesso que tenho lutado em vão. Pensando melhor não será o silêncio o som de que preciso neste momento para encontrar o lugar da ficção?

RESUMO

Este trabalho é uma Biografia Literária, e tem como objetivo o de traçar um panorama da vida e da obra da escritora Maria Lúcia Medeiros, apoiado nos pressupostos teóricos de uma nova vertente da crítica literária: a crítica biográfica. Com base na leitura dos textos – literários e não literários – de Maria Lúcia Medeiros (contos, fotos, anotações, rascunhos e bilhetes, Diário, documentos e vida), esta dissertação – construída em Atos, a exemplo de uma peça de teatro, com Prólogo e Remate –, procura estabelecer uma leitura interpretativa da vida e da obra da mulher e escritora (como se sua vida fosse um texto a mais entre os outros textos). No prólogo, destacamos como se iniciou este estudo e comentamos as teorias que sustentam a interpretação da vida e da obra de Maria Lúcia Medeiros, reafirmando o seu prazer de lidar com a palavra e sua contribuição para a Literatura Paraense. Ao traçar a sua trajetória nos “atos” da sua peça-vida, acompanhamos seu percurso como ser humano e como escritora – a criança e adolescente, a mulher, a professora de Literatura Brasileira e Literatura Infanto-Juvenil, a leitora, a escritora –, tentando descobrir o *quantum* de sua vida tornou-se obra e em que medida a literatura enriqueceu sua vida. Em seus textos, a autora de *Horizonte silencioso* funde realidades e gêneros literários. No texto deste trabalho, também se unem domínios, que antes se encontravam separados: ler conjuntamente textos e vidas é o que a nova crítica biográfica propõe, fusionando obra e existência. Diante disso, a construção do trabalho mostra o fascínio das biografias literárias, ao permitir a criação de um novo texto que entrelaça o contexto histórico-social com a história da vida e da obra de um autor, neste caso, de Maria Lúcia Medeiros.

Palavras-chave: Biografia literária, Crítica Literária, vida, criação.

RÉSUMÉ

Ce travail est une biographie littéraire, avec l'objectif d'élaborer un panorama de la vie et de l'œuvre de l'écrivain Maria Lúcia Medeiros, tout en s'appuyant sur des concepts de la nouvelle critique littéraire: la critique biographique. Basé sur la lecture des textes – littéraires et non littéraires – de Maria Lúcia Medeiros (contes, photos, notes, brouillons et petit mots, Journal intime, documents et vie), ce mémoire – construit en actes, comme au théâtre, avec prologue et dénouement –, montre comment la nouvelle biographie cherche à établir une lecture interprétative de la vie et de l'œuvre de la femme écrivain, tout comme si sa vie était un texte de plus parmi d'autres textes. Dans le prologue, nous mettons en évidence la manière dont cette étude a commencé et commentons les théories qui embasent l'interprétation de la vie et de l'œuvre de Maria Lucia Medeiros, tout en répétant le plaisir qu'elle éprouvait de travailler avec le mot et la contribution qu'elle a apportée à la Littérature de l'État de Pará, au Brésil. Tout en dessinant son chemin dans les "actes" de sa vie-pièce de théâtre, nous suivons son parcours en tant qu'être humain et en tant qu'écrivain – la petite fille et l'adolescente, la femme, le professeur de littérature brésilienne et de littérature pour enfants, la lectrice, l'écrivain –, en essayant de comprendre le *quantum* de sa vie est devenue oeuvre et la mesure dans laquelle la littérature a enrichi sa vie. Dans ses écrits, l'auteur de *Horizonte silencioso* fusionne la(les) réalité(s) et les genres littéraires. Dans le texte de ce travail, nous aussi, nous unissons des domaines qui étaient auparavant séparés: la lecture de textes et de la vie c'est ce que la nouvelle critique biographique propose, tout en fusionnant l'oeuvre et l'existence. Par conséquent, ce travail montre la fascination de la biographie littéraire, qui permet la création d'un nouveau texte qui entremêle le contexte historique et social, avec l'histoire de la vie et l'œuvre d'un auteur, dans ce cas, de Maria Lucia Medeiros.

Mots-clés: biographie littéraire, critique littéraire, la vie, la création.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Postal enviado de Nova York por Maria Lúcia Medeiros, Nov/1991.....	26
Figura 2	Foto de Dona Nazaré, 2008.....	27
Figura 3	Foto de Maria Lúcia Medeiros, na Ilha do Mosqueiro, década de 70.....	35
Figura 4	Foto de Bragança, fevereiro de 2009.....	48
Figura 5	Foto da casa da Família Medeiros, Bragança, fevereiro de 2009.	49
Figura 6	Foto da Praça do Relógio, em Belém, anos 50.....	51
Figura 7	Foto do cinema Olympia, Belém.....	52
Figura 8	Página, do diário, 15 de fevereiro de 1997.....	57
Figura 9	Carta não datada, possivelmente de 1962.....	61
Figura 10	Carta de 1962.....	60
Figura 11	Carta de 1964.....	62
Figura 12	Foto Mariano Klautau, 1982.....	64
Figura 13	Carta de 1976.....	65
Figura 14	Diário, 29 de abril de 2001.....	69
Figura 15	Maria Lúcia com 3 de seus 4 filhos. Foto Miguel Chikaoka/ Kamara-Kó, 1987/1988.....	72
Figura 16	Maria Lúcia com seu filho Ulisses e sua primeira neta.....	73
Figura 17	Relato de Experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979...	75
Figura 18	Fotografia de Maria Lúcia, Colégio Gentil Bittencout, 1956.....	76
Figura 19	Anotações, não datada.....	81
Figura 20	Foto de Maria Lúcia com a equipe de redação (Professoras: Juruena Bastos, Ana Pettrucelli, Izabel Soares e Lilia Chaves)...	82
Figura 21	Maria Lúcia e alunas. Foto Janduari Simões, 1990.....	83
Figura 22	Imagem do convite para um encontro com Virginia, 1992.....	85

Figura 23	Página de álbum de viagem, 1988.....	89
Figura 24	Maria Lúcia. Foto Orlando Maneschky – A Província do Pará, 1997.....	90
Figura 25	Capa do primeiro livro de Maria Lúcia Medeiros, 1988.....	91
Figura 26	Capa do segundo livro de Maria Lúcia Medeiros, 1993.....	92
Figura 27	Capa do terceiro livro de Maria Lúcia Medeiros, 1994.....	93
Figura 28	Jornal da Jinkings, 1995.....	94
Figura 29	Capa do quarto livro de Maria Lúcia Medeiros, 2000.....	95
Figura 30	Capa do quinto livro de Maria Lúcia Medeiros, 2005.....	95
Figura 31	Esboço do conto l'm in the mood for love, 2005.....	97
Figura 32	Tia Sabazinha, foto Elza Lima, 2002, possivelmente.....	98
Figura 33	Página do diário de Maria Lúcia Medeiros, 1999.....	101
Figura 34	Página da Revista 'Troppo', 1998.....	104
Figura 35	Página 82-83, do livro de poemas de Paul Valéry (1871-1945)....	106
Figura 36	Máquina Olivetti de Maria Lúcia Medeiros, foto Alberto Bitar, 1988.....	107
Figura 37	Foto da escritora em casa, Natal de 1996.....	110
Figura 38	Foto da escritora em casa.....	110
Figura 39	Página do Diário, 16 de outubro de 1998.....	111
Figura 40	Página do Diário, 25 de agosto de 2001.....	114
Figura 41	Página do Diário, 7 de abril de 2002.....	115
Figura 42	Foto da casa do Mosqueiro, 2010.....	117
Figura 43	Foto da casa do Mosqueiro, jardim, 2010.....	117
Figura 44	Foto da casa do Mosqueiro, sala, 2010.....	118
Figura 45	Foto da casa do Mosqueiro, detalhe da sala, 2010.....	118
Figura 46	Foto da casa do Mosqueiro, quintal, 2010.....	119

Figura 47	Foto do Mosqueiro, Praia do Farol, 2010.....	119
Figura 48	Foto do Mosqueiro, Farol, 2010.....	120
Figura 49	Jornal 'O Liberal' 29 de abril de 1998.....	122
Figura 50	Anotações de viagem, 1986.....	130
Figura 51	Maria Lúcia na sala de seu apartamento.....	131
Figura 52	Página da agenda da escritora, 1992.....	132
Figura 53	Pôster da Clarice Lispector na casa do Mosqueiro.....	133
Figura 54	Carta de Marisa Lajolo, 1986.....	134
Figura 55	Carta de Bartolomeu de Campos Queirós, 1989.....	135
Figura 56	Carta de Milton Hatoum.....	136
Figura 57	Cartão de 1987.....	137
Figura 58	Postal de 1991.....	138
Figura 59	Verso do Postal de 1991.....	138
Figura 60	Foto Juruema Bastos e Taís Zumero.....	139
Figura 61	Foto Lúcia Medeiros, Amarilis Tupiassú e Laís Zumero.....	140
Figura 62	Foto Sebastião Ramalho e Renata Malcher.....	140
Figura 63	Foto Maria Lúcia Medeiros, Norma Barata e Laís Zumero.....	141
Figura 64	Foto Elaine e Marcílio.....	141
Figura 65	Foto Maria Lúcia Medeiros e Henrique Pena, 1988.....	142
Figura 66	Página de álbum de viagem, 1988.....	143
Figura 67	Página de álbum de viagem, 1988.....	143
Figura 68	Página de álbum de viagem, 1988.....	144
Figura 69	Página de álbum de viagem, 1988.....	144
Figura 70	Página de álbum de viagem, 1988.....	145
Figura 71	Página de álbum de viagem, 1988.....	145

Figura 72	Página de álbum de viagem, 1988.....	146
Figura 73	Página de álbum de viagem, 1988.....	146
Figura 74	Página de álbum de viagem, 1988.....	147
Figura 75	Página de álbum de viagem, 1988.....	147
Figura 76	Página de álbum de viagem, 1988.....	148
Figura 77	Página de álbum de viagem, 1988.....	148
Figura 78	Página de álbum de viagem, 1988.....	149
Figura 79	Maria Lúcia Medeiros (1942-2005).....	149

SUMÁRIO

	COMO UM PRÓLOGO	25
I	BIOGRAFIA E CRÍTICA LITERÁRIAS	33
1	DA CRÍTICA LITERÁRIA E SUAS NUANCES	37
2	DA BIOGRAFIA AO LONGO DA HISTÓRIA	47
II	MARIA LÚCIA MEDEIROS, ENTREATOS	47
1	NA TRILHA DAS ÁGUAS E DOS TRILHOS	55
2	ENTRE ATOS, MULHER E MÃE	55
3	ENTREATOS, A PROFESSORA E A LEITORA	74
3.1	A professora	74
3.2	A leitora	84
III	MARIA LÚCIA MEDEIROS E O EXERCÍCIO DA FICÇÃO	90
IV	CÉU CAÓTICO	109
1	PRA QUE PAREI DE FUMAR?	109
2	E NÃO TERÁ SIDO A MORTE O PRIMEIRO NAVEGADOR?	120
V	CRÔNICAS DE MINHA PASSAGEM (EROS E TÂNATOS)	125
1	AMIZADE, CERTO APEGO DELICADO	127
5.1	Logos e Eros	128
5.2	“Affecto que une dous amigos”	137
2	A VIDA REINVENTADA, VIAGENS	142
	REMATE – ENTRE ATOS, O FATO E A FICÇÃO	150
	REFERÊNCIAS	154

COMO UM PRÓLOGO

- é necessário em primeira instância procurar o meu ser?

Bachelard

Quando comecei a pensar neste trabalho, tive dúvidas se seria eu o crítico biógrafo ideal, pois a biografada tinha orgulho de ser escritora, de ter em volta de si pessoas de seu *métier* e, embora me tivesse grande amizade, se ela pudesse escolher, certamente, consideraria alguém muito mais ligado às letras e às artes do que eu. Lembro-me do brilho que ela irradiava quando recebia amigos escritores, arquitetos e artistas em geral.

Mas aqui estamos, eu e a biografada. Eu, bancária, professora, mestranda em Estudos Literários, amante do teatro, da poesia, a lidar com algo que me parece (quase) impossível: escrever uma biografia literária de Maria Lúcia Medeiros. A biografada, professora e escritora, com quem convivi durante longos anos como amiga, secretária, monitora. Dentre esses papéis –, destaco o de secretária, pois Maria Lúcia não queria se ocupar das coisas práticas da vida prosaica e não se ligava a essas preocupações, como Imposto de Renda, contas, pagamentos... Deixava-as para mim, que delicadamente as organizava e as vigiava.

Por sua vez, ela sempre tinha muito cuidado com suas amizades. Quando viajava, coisa que gostava de fazer, sempre dava notícias, uma carta, um postal, uma palavra de carinho, como quando estive em Nova York e enviou o seguinte cartão.

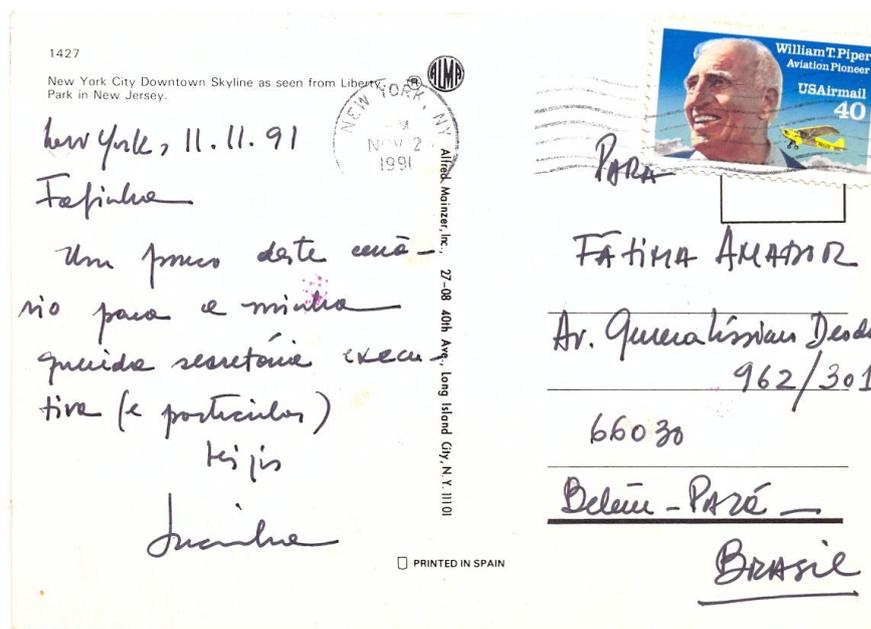


Figura 1: Postal enviado de Nova York por Maria Lúcia Medeiros, nov/1991.
Fonte: Arquivo pessoal.

Lembro que ela gostava de colocar os documentos em uma pasta e os mandava deixar em minha casa para depois mandar buscá-los pelo mesmo mensageiro, quase sempre, a “Dona Nazaré”. Quase todas as semanas, ao menos uma vez, eu almoçava com ela, e conversávamos sobre vários assuntos até entrarmos na parte das contas. Ela achava injusto quando tinha de pagar Imposto de Renda. Costumava dizer: “Não é possível uma mãe de família, uma professora, com tantos descontos no seu salário, ainda ter de pagar impostos. Mas não é justo, mesmo!”. No entanto, manifestava grande preocupação com o pagamento do INSS de quem trabalhava para ela. Ao contratar “Dona Nazaré”, verificou que no emprego anterior não haviam feito o recolhimento do INSS. Maria Lúcia fez-me, então, mandar calcular esse período que não tinha sido pago e regularizou aquele tempo para que Nazaré pudesse contabilizá-lo por ocasião de sua aposentadoria. Detalhes como esse, gravados na memória de quem conviveu com Maria Lúcia Medeiros e representou em sua vida um papel (prosaico) quase profissional de velar suas “obrigações econômicas”, somam-se a outras facetas da vida e aos documentos escritos e não deixam de contar sobre seu pensamento e sua maneira de ser. É nessa escrita ambivalente entre a realidade e a interpretação que se moverá o texto desta dissertação.

“Dona Nazaré”, há pouco citada, por sua vez, com sua presença silenciosa, seu olhar honesto, cuidava de Maria Lúcia e de toda a família. Misto de governanta e cozinheira (aliás, cozinheira de mão cheia) estendia sua dedicação a todos que cercavam a escritora – parentes, amigos, hóspedes. Esteve com a Maria Lúcia durante muitos anos, desde 1978, ajudando-a a cuidar da casa e dos filhos (o menor deles tinha ainda 6 anos) quando ela foi trabalhar com eles), até a morte da escritora, em 2005.



Figura 2: Foto Dona Nazaré.
Fonte: Foto de Joel Alves, 2008.

Quanto a mim, a princípio não pensava em me revelar dessa maneira, mas cheguei a um ponto em que não podia mais me esconder atrás das palavras, principalmente, do “nós”, até porque minha orientadora, como primeira leitora deste texto, começou a insistentemente a me perguntar: “nós quem?”. A propósito SOUZA (2002), ao discorrer sobre a crítica biográfica, insiste que o tratamento dado à recriação de personagens históricas ou literárias por parte do crítico deve ao mesmo tempo ser distanciando e ter uma aproximação interpretativa. Então, aqui estou eu tentando estabelecer uma distância equilibrada, ora emergindo nas linhas, quando minha história se torna mais entrelaçada com a dela, ora permanecendo nas sombras das entrelinhas, quando o texto pede para se tornar mais impessoal.

Quando comecei a pensar em mestrado e obtive informações sobre o curso de Estudos Literários organizado pela Universidade Federal do Pará (UFPA), dei-me conta da necessidade da apresentação de um projeto de pesquisa, no ato da

inscrição. Retomei leituras de teorias literárias que há muito não via e dediquei-me a pensar que estudo eu gostaria de desenvolver e qual orientador poderia me guiar nessa tarefa. Conversei com amigos da área, entre eles Laís Zumero e Izabel Soares (que foi quem me sugeriu o tema), ambas amigas pessoais de Maria Lúcia Medeiros. Daí em diante, esbocei o anteprojeto e pensei, então, em escrever uma biografia literária. Já conhecia e tinha lido alguns trechos do livro *Mário Faustino: uma biografia*, de Lilia Silvestre Chaves (resultado de sua tese de doutorado), que aborda a biografia como “uma nova maneira crítica de olhar o texto múltiplo, da vida e da obra literária” (CHAVES, 2004, p. 16). Assim, nada melhor do que contar com alguém que já havia percorrido esse caminho para me orientar a construir uma biografia literária de Maria Lúcia Medeiros.

Esse foi o início desta aventura. Superadas as etapas do concurso, cursei as disciplinas, tempo em que ia revendo o projeto, maturando o que dizer, lendo e fazendo anotações. Ao entrar em contato com a família de Maria Lúcia, na pessoa de seu filho Mariano, assumi a responsabilidade de organizar seu arquivo. Ah, que aventura! Que susto! Que surpresa! Deparei-me com diários, cartas, anotações, cadernos, fotos, comentários sobre livros que leu, ideias para seus contos, lista de livros, estudos... E daquelas tantas palavras contidas em seus cadernos, foi emergindo outra pessoa, uma Maria Lúcia que eu não conhecia, desdobrada em múltiplas personagens, a mãe preocupada, a mulher amada e amante, a moça estudiosa e a escritora sutil, que soube explorar os recantos da memória. Fiz, então, um inventário de tudo o que encontrei (que consta dos anexos deste trabalho).

Seus pertences estavam guardados em cinco caixas que fui cuidadosamente abrindo e, em muitos momentos, perguntava-me se era aquilo correto, aquela invasão, a curiosidade despertada aliada à surpresa da descoberta. Organizei-os em pastas, numerando-as por temas: cartas, fotos, documentos pessoais, documentos dos filhos, cadernos...

Encontrei, entre outros textos biográficos, o interessante estudo de Janet Malcom sobre Silvia Plath, *A mulher calada* (1995), e um dos tons do livro é justamente sobre essa característica da biografia, a invasão, como Malcom (1995, p.16) bem observa:

A biografia é o meio pelo qual os últimos segredos dos mortos famosos lhe são tomados e expostos à vista de todo mundo. Em seu trabalho de fato, o biógrafo se assemelha a um arrombador profissional que invade uma casa, revira as gavetas que possam conter jóias ou dinheiro e finalmente foge exibindo sua pilhagem. O voyeurismo e a bisbilhotice que motivam tanto os autores quanto os leitores das biografias são encobertos por um aparato acadêmico destinado a dar ao empreendimento uma aparência de amenidade e solidez semelhantes à de um banco.

Os sentimentos que se apoderaram de mim diante do arquivo foram muitos, e em alguns momentos, talvez para explicar a invasão, pensava e comentava com as colegas como às vezes parecia que a Maria Lúcia estava me guiando, como se dissesse à outrora secretária, agora biógrafa: “toma, mostra isto e aquilo”. Mas, mesmo assim, restou-me a angustiante pergunta: o que revelar diante da diversidade e da riqueza do que foi encontrado, o que extrair desse arquivo? Em Derrida (2001), encontrei o começo: a palavra “arquivo” significa ao mesmo tempo o *começo* e o *comando*, ou o *ali* onde as coisas começam e o *ali* onde os “deuses e os homens comandam” (p. 11).

(Esse arquivo é, em especial, o legado por Maria Lúcia, referido ao longo do trabalho como “acervo da escritora”, e há um outro – pessoal - os guardados da mestrandia, referido como “arquivo pessoal”).

Derrida (2001, p. 117) ensina que “nada é menos garantido, nada é menos claro hoje em dia que a palavra arquivo”. É um lugar que une tempos diversos e coisas heterogêneas, fruto de inúmeras reelaborações. Destinado à incompletude, o arquivo sempre perturba a quem o encontra, uma das razões da denominação “mal de arquivo”, mal que pode traduzir, ao mesmo tempo, no espanto, receio e paixão. Benjamin (2006) define os tempos misturados em um arquivo como o Outrora reencontrando o Agora, para formar uma configuração inédita e desconcertante.

Como dosar, o que escolher, o que mostrar desse arquivo, como transformar arquivo em texto biográfico? Como utilizar o autorretrato, ou a autobiografia para escrever uma biografia? Como converter o arquivo em texto? Subitamente, aconteceu: os papéis e documentos se apoderaram de mim e me impuseram seus ritmos e sua cronologia e sua verdade particular, como eu me apoderei agora das palavras de Piglia, citado em uma epígrafe de *O homem encadernado* (WERNECK, 1996, p. 145).

A riqueza e o enigma do arquivo e as questões que me assaltaram remeteram-me, enfim, a uma espécie de estrutura para este trabalho que busca unir vida e escrita, e como o texto de uma peça de teatro, divide-se em seis atos – cada um deles subdivididos em várias cenas, quando necessário –, além do prólogo e do remate. Essa divisão foi inspirada, também, na admiração que Maria Lúcia Medeiros tinha pela escritora Virginia Woolf e no prazer que sentia ao ler seus livros. O enredo de uma das obras de Woolf, *Entre os atos*, desenrola-se, justamente, na ocasião dos entreatos de uma peça de teatro.

Neste prólogo, como se vê, explica-se a presença do biógrafo na escrita, apresenta-se o *corpus* do trabalho, entre vida e arquivo e são definidas as divisões do texto.

ATO I - BIOGRAFIA E CRÍTICA LITERÁRIAS. No primeiro ato, são apresentadas as diversas correntes da crítica literária e da biografia literária, imaginando-se como seriam interpretadas, em outras épocas, a obra de Maria Lúcia Medeiros e sua vida de escritora. Para tal, é dividido em três cenas.

Cena 1 - DA CRÍTICA LITERÁRIA E SUAS NUANCES. A primeira cena (entenda-se subcapítulo), versará sobre as particularidades da crítica biográfica e de algumas tendências defendidas por autores nacionais e estrangeiros.

Cena 2 - DA BIOGRAFIA AO LONGO DA HISTÓRIA. Essa cena tratará da história da biografia como forma de construir ou desconstruir um escritor, em determinado espaço de tempo e contexto. Procurará estabelecer a comparação entre a crítica literária mais tradicional com a nova vertente da crítica literária – a biografia literária.

Ato II - MARIA LÚCIA MEDEIROS, ENTREATOS. Aqui será traçado um perfil da biografada, incluindo trechos de suas obras, de um ensaio escrito por ela, de seus projetos e cartas, e de referências dela sobre si mesma. Sua dificuldade com as coisas práticas, dinheiro, imposto de renda e outras tantas. Todo o texto será guiado pela metáfora das águas – temática proposta pelo teórico francês Gaston Bachelard (1989) em *A água e os sonhos* – pois Maria Lúcia Medeiros veio das margens do rio Caetés para as do Rio Guamá. O segundo ato é composto por três cenas.

Cena 1 - NA TRILHA DAS ÁGUAS E DOS TRILHOS. A primeira cena apresenta a biografada e seus primeiros passos na direção da escrita. Suas lembranças sobre seu jeito de gostar de escrever, de escrever para si mesma, de escrever e guardar...

Cena 2 - ENTREATOS, MULHER E MÃE. Serão descritas, aqui, suas relações familiares. Em seu Diário causou-me surpresa descobrir a filha preocupada com a mãe, a filha que descreve o que sabe da mãe após sua morte, a mãe cuidadosa com os filhos. Por outro lado, a mulher que despertou uma grande paixão, e o desencanto com a relação que viveu durante longos anos.

Cena 3 - ENTREATOS, A PROFESSORA E A LEITORA. Essa cena revela a professora dedicada e a vida de Maria Lúcia Medeiros enquanto leitora, que uma vez quase perde a visão e, “de uma tacada só”, como ela mesma dizia, leu todos os volumes de *Em busca do tempo perdido*. Leu também Virgínia Woolf e sobre ela, e expressava sempre a emoção de ter ido à casa da escritora, na Inglaterra.

Ato III - **MARIA LÚCIA MEDEIROS E O EXERCÍCIO DA FICÇÃO**. Nesse ato de uma única cena, abordarei o processo criativo de Maria Lúcia, as ideias para seus textos literários, a relação metafórica entre sua vida e sua escrita.

Ato IV - **CÉU CAÓTICO**. Nesse ato tratarei, em duas cenas, da doença e da morte.

Cena 1 - PRA QUE PAREI DE FUMAR? Falarei, entre outras coisas, da descoberta de estar com um problema de saúde que ela nunca imaginou que teria. De como se lembrou, na ocasião, de alguém que tinha tido o mesmo mal e de como essa pessoa se revoltou.

Cena 2 - E NÃO TERÁ SIDO A MORTE O PRIMEIRO NAVEGADOR? Falarei de como ela conseguiu lidar com o agravamento da doença e com a ideia da morte. No final, não havia mais palavras. Só o silêncio, a contemplação e a escrita. O final foi com o exercício da ficção (o que será ilustrado principalmente pelo livro *Céu Caótico*).

Ato V - **CRÔNICAS DE MINHA PASSAGEM (EROS E TÂNATOS)**. Comentarei sua concepção de amor, que era, como ela mesma dizia, sem culpa. Não se lembrava de ter remorso, mas sofria com as perdas dos amigos, dos amores reais e imaginários, com os flertes (palavra de que gostava), nada de paquera, era assim mesmo: flerte.

Cena 1 - AMIZADE, CERTO APEGO DELICADO. Falarei de como Maria Lúcia gostava de escrever para os amigos, fosse para os que moravam distantes, fosse em suas viagens.

Cena 2 - A VIDA REINVENTADA, VIAGENS, EVENTOS, CONTOS. Gostava de viajar fosse para participar de eventos literários fosse por deleite. Escrevia e colava em cadernos, *tickets*, fotografias dos lugares que visitara. Tudo feito com muito afeto e esmero.

REMATE (á guisa de conclusão) - **ENTREATOS, O FATO E A FICÇÃO**. Que ao chegar ao remate estejam juntos o fato e a ficção e que eu tenha chegado à resposta para a pergunta: Para que escrevi este trabalho?

Para fundamentar teoricamente esta aventura biográfica, busquei apoio em teorias críticas, inclusive na nova crítica biográfica e em biografias de modo geral. Hoje, povoam o meu imaginário os mais variados nomes de críticos e teóricos como Sainte-Beuve (cuja teoria critiquei, seguindo o exemplo de Proust), Jauss, Gaston Bachelard, Foucault, Roland Barthes, Derrida, Eneida Maria de Souza, entre outros, para mostrar-me os diferentes olhares sobre a crítica literária, às vezes, intimamente ligada ao texto, à literatura, com enfoque ora voltado para o autor, ora para o texto, ora para o leitor, dependendo da época. Para uns, o autor e sua vida não podem estar separados, para outros, o que importa é o texto e com diferentes nuances ora com foco em sua estrutura, ora em seus significados. Há, ainda, os que falam da morte do autor, que os textos se entrelaçam, que o leitor recria o texto com base em seu horizonte de expectativa. Afora isso, e com o intuito de traçar a ponte que une a vida e a obra de Maria Lúcia, examinarei de perto a biografia literária que aproxima vida e arte literária – o texto que tece a si mesmo, a vida que se escreve.

E as perguntas me seguem. Desvendarei segredos? Saberei inventar fatos para tornar interessante meu texto? Despertarei a curiosidade do leitor?

ATO I - BIOGRAFIA E CRÍTICA LITERÁRIAS

Que trama é esta
Do será, do é e do foi?
BORGES, Heráclito

Biografia literária é o que pretende ser este trabalho. Mas para isso é preciso haver o biografado e o biógrafo, e que se saiba desde já que, no decorrer do estudo, eles ficarão tão misturados que talvez não saibamos mais quem é quem. E é nesse entrelaçar de memórias que entra esse tipo de crítica literária, em que os dois, biógrafo e biografado, serão os autores-críticos do texto – construído no passado, no presente e no futuro – que narra e interpreta vivência e obra.

Quanto a essa tripartição do tempo, em *Confissões*, nos idos da Idade Média, Santo Agostinho (2002) desenvolveu, entre outros temas, o do tempo, dividindo-o em três: presente, passado e futuro. Sobre o passado, diz que já não existe, uma vez que passou, o futuro, ainda não existe e mesmo o tempo presente não aconteceu, pois se reduz sempre ao instante. Ora, se considerarmos, como Santo Agostinho, que o presente não tem espaço, o passado não existe mais e o futuro ainda não aconteceu, então, podemos deslocar-nos no tempo e fazer uma viagem em torno “do que foi” e “do que poderia ter sido”.

O que poderia ter sido, por exemplo, se, situando-nos no século XIX, e se estivéssemos na França oitocentista, fôssemos estudar a obra de Maria Lúcia Medeiros? Seria preciso partir do exame dos diferentes aspectos de sua vida. Estaríamos sob a influência da teoria do crítico literário Saint-Beuve (1804-1869). A base de interpretação da obra, de acordo com o método crítico de Sainte-Beuve – que se convencionou chamar de biografismo – é a ciência moral, pois, segundo ele, não se separa a produção literária do resto do homem e de sua maneira de viver, nem as qualidades pessoais do escritor de sua intenção poética, e ele enfatizava “o intencionalismo do autor”, que mais tarde foi alvo de tantas críticas.

Que tipo de mulher seria essa escritora de ideias independentes, no século XIX? Teria, talvez, uma identidade pública? Certamente teria conta no *Banque de France* (criado por Napoleão Bonaparte em 1800). Como viveria? Que

tipo de papéis guardaria em suas gavetas? Teriam, por exemplo, seus extratos bancários importância para a sua história de vida? Que livros leria? Seguiria provavelmente com interesse os romances populares, publicados sob a forma de *feuilletons*, nos “rodapés” [*bas de page*] dos jornais franceses da época? Que espetáculos assistiria? Como seriam seus passeios, suas idas e vindas aos mercados, suas noites – ela bebe, vive só, tem amantes? Possivelmente, teria escolhido para morar uma água furtada, com uma escrivaninha ao canto, um teto que fosse seu.

A escrivaninha estaria certamente cheia de papéis, anotações, listas, contatos e ideias para seus escritos. A Maria Lúcia da Belém do século XX gostava da noite. Era seu momento do dia preferido para ler, conversar com amigos, escrever os primeiros esboços de sua criação literária, rabiscar as primeiras ideias. Riscava cadernos – às vezes usava as primeiras páginas e logo os abandonava, passava para outros – cadernos bonitos, com capas contendo belas ilustrações. A chuva também a inspirava, o som e a visão da água escorrendo pelos telhados enchiam seu coração de um sentimento que vagava entre a nostalgia, a beleza e o sonho, imagens que ela seguia e transformava em criação literária, tal qual nos fala Bachelard (1884-1962):

Para ter essa constância do sonho que dá um poema, é preciso ter algo mais que imagens reais diante dos olhos. É preciso seguir essas imagens que nascem em nós mesmos, que vivem em nossos sonhos, essas imagens carregadas de uma matéria onírica rica e densa que é um alimento inesgotável para a imaginação imaterial (BACHELARD, 1989, p. 20).

A imagem da escritora com olhar distante e sonhador, embora a represente na Ilha do Mosqueiro, no estado do Pará (e abstraindo-se a moda da época), poderia pertencer a qualquer tempo, a qualquer espaço, pois são infinitas as possibilidades da imaginação e da escrita literária.



Figura 3: Foto de Maria Lúcia Medeiros, na Ilha do Mosqueiro, década de 1970.
Fonte: Acervo da escritora, setembro/2009.

Sainte-Beuve dizia ainda que só através da vida do escritor é possível avaliar sua obra. Segundo sua análise crítica, a obra de um escritor é, antes de tudo, reflexo de sua vida, portanto só pode ser explicada por ela. Esse método se estabelece na busca do intento poético do autor (intencionalismo) e das suas qualidades pessoais (biografismo). Para Sainte-Beuve,¹ a verdadeira crítica consistia em estudar cada ser conforme sua natureza, uma espécie de vontade de desvendar a genialidade de um autor e encontrar seu lugar na literatura. Para ele o valor está no eu social, aquele lado que o escritor deixa transparecer em sua vida. Assim manifesta-se Sainte-Beuve acerca de cada escritor:

Cada escritor tem sua palavra de predileção, que volta ao discurso com frequência, traindo, por irreflexão de quem a emprega, um desejo secreto ou uma fraqueza. Notamos que Madame de Staël adora a vida [...]. Um certo grande poeta deixou escapar sem cessar a *harmonia* e as *ondas* [...]. A divisa de Nodier, que não verifiquei poderia ser *graça, fantasia, multiplicidade*; a de Sénancour é seguramente *permanência*. Esta expressão resume sua natureza (SAINTE-BEUVE, 1864, apud ROGER, 2002, p. 51).

¹ A concepção de Sainte-Beuve vai ser retomada um século depois por Jean-Paul Sartre (1905-1980), que acreditava na ligação entre o escritor e sua obra. Para ele a obra era como um compromisso e, assim, as ideias do autor se refletiriam em seus escritos.

Mas se procurássemos em Maria Lúcia Medeiros um outro eu que não o social, o eu que cria, o que a inspirou a escrever, o que narra os contos – contos que em uma primeira leitura desvendam mistérios, traçam rotas de fuga, mostram personagens que se esgueiram, que correm na chuva, que nadam em rios, contos extremamente poéticos –, estaríamos adotando o ponto de vista de Proust (1871-1922), segundo o qual o eu criador não é o mesmo eu social, e “que um livro é o produto de um outro eu e não daquele que manifestamos nos costumes, na sociedade, nos vícios” (PROUST, 1988, p. 51-52).² Se perseguíssemos essa outra maneira de análise crítica, separando vida e obra, estaríamos transpondo quase um século de distância entre Sainte-Beuve e seu mais famoso contestador. De certa maneira, foi criticando o método crítico de Sainte-Beuve que Marcel Proust construiu sua própria poética.

Por sinal, Proust foi o escritor que ela leu inteiro, de uma só vez. Maria Lúcia, certa vez, teve um problema grave de visão. Só procurou tratamento quando observou que começara a enxergar muito mal. Descobriu que havia adquirido toxoplasmose e, mesmo com o tratamento, continuou a ver muito pouco. Anotávamos (Nazaré, os filhos, eu) em letras garrafais números de telefones e recados para que ela os pudesse ver – à ocasião usava uma luneta para enxergar melhor. Amava ler, dizia-se uma leitora compulsiva e essa situação de quase cegueira a angustiava. Até que lhe foi indicada uma cirurgia para implante de lentes. Ela estava tão ansiosa com a cirurgia e tão assustada, que teve um problema com a anestesia. O importante é que após a cirurgia, realizada com sucesso, recuperou a visão e, empolgada e emocionada, leu “de uma tacada só” todos os volumes de *Em busca do tempo perdido*.

(Dentre as lembranças que se entrelaçam neste relato, retiro a de uma amiga comum, muito querida, que conta da emoção de Maria Lúcia – sentada em um pequeno sofá no apartamento de Sérgio Wax, poeta italiano seu amigo que morava à época em Belém –, dizendo do seu pavor de não poder mais ler e do medo de nunca poder ler Proust, por causa de seu problema de visão, e, ao mesmo tempo, comentando a maravilha que sentiu ao ter novamente a chance de ler e descobrir também com os olhos da imaginação, todo aquele mundo romanesco,

² Marcel Proust, em seu ensaio *Contre-Sainte-Beuve* (publicado em 1954), foi o primeiro a contestar a visão crítica do escritor francês, e a escola formalista russa, bem como os críticos Curtius e Sptizer, os seguiram neste caminho.

revelado pela prosa poética do romancista francês, que tentava ilustrar sua teoria dos dois “eus”, teoria que iniciara no seu famoso *Contre Sainte-Beuve*, publicado postumamente em 1954).

CENA 1 - DA CRÍTICA LITERÁRIA E SUAS NUANCES

Seja qual for o caminho que eu
escolher, um poeta já passou por
ele antes de mim.

Sigmund Freud

Maria Lúcia lançou seu primeiro livro de contos em 1988, sob o título *Zeus ou a menina e os óculos*. Os textos que compõem o livro já mostram a veia poética de sua prosa, feita de luz e sombra, linhas e entrelinhas, sons e silêncios, do que se revela e do que se adivinha. Um mundo povoado de mistérios e descobertas. Meninos e meninas descobrindo-se e descobrindo o mundo, caminhos feitos de constelações e estrelas, como *Caminhos de São Tiago*, título de um dos contos do livro. Um em particular trata, em sua tessitura, exatamente dessas descobertas, *TER SER*, no qual o personagem desvenda os mistérios da linguagem e, nesse encontro, escreve um pequeno poema, entretecendo, conforme a sonoridade das palavras que compõem o título do conto, prosa e poesia, unidas para contar uma história de amor:

Amarte eu quero,
em Marte.
Em Marte não quero
a morte.
Só quero tirando o r
poder dizer amo-te
E se teço e anoiteço
amorteço
sem estar amortecido
mesmo tecendo amor.

Por volta de 1920, um grupo de estudantes russos, sob a tutela do conhecido linguista Roman Jakobson (1896-1982), buscava criar uma “ciência literária autônoma a partir das qualidades intrínsecas do material literário”

(EIKENBAUM apud BRAIT, 2009, p. 80). Ou seja, o que importava, segundo eles, era o objeto literário. Esses estudos seguiam a direção da Linguística e desenvolveram uma teoria que retomava o texto como base para a crítica literária, em contraposição aos estudos de uma poética que envolvia a história cultural ou a vida social.

Jakobson, Saussure e Benveniste desempenham um papel fundamental nos estudos fundamentados no texto. A base da análise de Saussure é a “teoria do signo”, que discorre sobre estruturas e sistemas relativamente autônomos a partir de pesquisas sobre o texto e a poesia. Benveniste, por sua vez, insere na base de sua concepção da linguagem a noção de sujeito e segue em direção à interlocução e aos gêneros definidos pela sua relação com o discurso. Introduce a “poética comparada” e a “pragmática da leitura” (VALENCY, 2006).

Esses caminhos que começam com os traçados do formalismo russo, seguem, ainda segundo Valency (2006), na perspectiva chamada “estrutural”.

A inovação do estruturalismo reside no fato de o objeto estudado ser visto como um sistema, o que forma a base dos estudos linguísticos de Saussure. Com relação à análise da obra, não há mais a preocupação com o autor, o texto é o que importa.

Então, voltando à ideia anterior “do que poderia ter sido”, podemos nos perguntar o que seria se Maria Lúcia tivesse lançado seu primeiro livro não em 1988, mas antes, ou mesmo no momento de efervescência política e cultural da ex-União Soviética, em que surgiram diferentes estudos a partir da ótica do texto? E, se por um acaso, seus textos, em especial TER SER, despertassem o interesse de um desses estudiosos? Seu texto seria esmiuçado, analisado parte a parte, visando a interpretação, sem nenhuma preocupação com a vida do escritor, ou com a época em que foi escrito, e desligado forçosamente dessa mistura realidade e ficção, de que trata a crítica biográfica atual.

Nunca, antes do século XX, a teoria literária foi tão questionada. Explodiram inúmeras correntes críticas divergentes, privilegiando um método ou um ponto de vista particular. “No confronto entre críticas ‘formalistas’, ‘genéticas’, ‘temáticas’, de inspiração sociológica ou psicanalítica, foi a cada vez toda a questão da natureza do texto – e do olhar que lançamos sobre ele – que está em jogo”

(BERGEZ, 1989, p. 19). São olhares críticos interpretativos que muitas vezes se completam entre si. Outros contrapõem-se, veementemente, como a leitura temática de um Gaston Bachelard, por exemplo, que refuta a pertinência da psicocrítica (pois discordam a respeito do que é o “imaginário”).

Foram esses estudos retomados por outros teóricos que deram vazão a diferentes formas de se ver o objeto literário a partir do texto. Ideias como essas, que construíram a crítica literária através dos tempos, mostram a importância e o papel que têm na história da literatura e da crítica literária. Basta lembrar a trilha dos críticos que às vezes centraram sua leitura no autor, outras vezes, no texto, outras ainda, no leitor, entre eles, Barthes, Bachelard, Jauss, entre outros. Cada momento que envolve a história da literatura e da teoria e crítica literárias foi único e certamente cumpriu e cumpre seu papel no percurso da arte e da literatura, e isso foi o que me levou a refletir sobre como seria visto o conto *TER SER* no momento em que a interpretação literária olhava com lentes de aumento a ficção.

Por sua vez, Roland Barthes (1915-1980), em *A morte do autor* (1984), artigo publicado pela primeira vez em 1968, destaca a importância do ato de escrever. Para ele, é esse ato que faz o autor e não o contrário, pois o autor não existe fora ou antes da linguagem. Juntamente com a famosa conferência de Foucault (1926-1984), no ano seguinte, na *Société française de philosophie*, com o título *Qu'est-ce qu'un auteur?* [“O que é um autor?”], o artigo de Barthes tem o efeito de uma bomba e torna-se, de certa forma, o credo do pós-estruturalismo francês.

Barthes (1984) destaca que o discurso se sobrepõe ao autor na medida em que aparece a figura do leitor e sua relação com texto. No momento em que nasce o leitor, configura-se a morte do autor. Nessa nova visão da crítica, destacam-se o texto e as transformações que ele sofre a partir de diferentes leituras, na qual cada leitor dá um significado próprio ao texto. Foucault (1992), na conferência (pronunciada em 1969), retoma a discussão sobre o autor, mostrando que não basta atribuir um texto a um indivíduo com poder criador para que se construa a “função-autor”. Segundo ele, esta se constitui na medida em que estudamos, delimitando, recortando e caracterizando os textos atribuídos a determinado autor. Foucault invoca a maneira como um texto é recebido em determinada cultura, o estatuto que lhe é dado. Para ele, o autor a partir de sua concepção deve apagar-se, ou melhor, ser apagado em proveito das formas

próprias do discurso, permitindo a descoberta do jogo da função de autor, função que não permanece constante, visto que depende da circulação do discurso.

Todos esses estudos levam à relação do autor com o leitor, e, finalmente, à perspectiva de um texto em um determinado horizonte de tempo de que nos fala Jauss. Esse crítico formula um novo conceito de leitor baseado nos horizontes de experiência e de expectativa: ao interagir com o texto, o leitor o recria a partir de suas leituras e das questões que coloca para si mesmo. Ao contrário do formalismo, cuja ótica era o texto e sua literariedade, a estética da recepção traz à superfície a relação do leitor com o texto e sua experiência estética, advinda da relação entre a obra e o leitor. Aqui o que conta não é mais o autor e sua produção, mas o leitor e a recepção que ele tem da obra, quando considera a análise da obra artística.

Traço esse cenário para mostrar como no decorrer do tempo as teorias críticas sobre a literatura, de que falo nos parágrafos iniciais, buscam contribuir para a minha compreensão da criação literária de Maria Lúcia Medeiros. Conceitos como literariedade, instâncias da crítica, crítica genética, retórica e outras formas de leitura foram surgindo (e, em alguns momentos, sendo abandonados, substituindo-se uns aos outros), como os estudos imagéticos de Bachelard e essa maneira nova de fazer crítica, e de se chegar a escrever uma biografia (que se quer literária), por meio da interpretação da vida do biografado. Na crítica biográfica, é como se a vida fosse também um texto, que, ao ser vivido, foi “escrito”, um texto a ser interpretado, juntamente com os tantos outros textos deixados pelo escritor: os escritos, as anotações, os rabiscos e os borrões e, até mesmo, extratos bancários, as listas de compras; os audiovisuais – suas fotos, gravações, vídeos, filmes. Serão esses textos, que me valerão nesta caminhada cujos trilhos se fazem de ferro, água e barro.

A propósito, nos estudos sobre a imaginação da matéria de Gaston Bachelard, como já dissemos, um dos elementos abordados é a água, cuja imagem poética pode ser entendida como opressão, desejo, feminilidade e maternidade, de acordo com o texto que se está analisando. Em *A água e os sonhos* (1989), encontramos esse elemento da natureza interpretado da forma como surge na literatura, tais como, águas claras e primaveris em Narciso, turbulentas nos escritos de Poe, paradas representando a morte em Ofélia, etc.. Bachelard fala da poesia da

água, de sua fruição e continuidade. Em *A poética do espaço* (1998) destacamos, entre outros temas, o testemunho dado pela realidade dos objetos nos quais se encontra um estoque de imagens e lembranças que não são facilmente confidenciadas. Os objetos, incluindo a casa e tudo que nela se encontra, podem ser lidos como espaços de intimidade, revelando o que está além ou por trás das palavras, uma outra margem do real, onde aporta o imaginário pertencente ao campo da literatura.

Cabe-nos, no entanto, dar maior visibilidade à questão da crítica biográfica, objeto deste trabalho. E mostrar que essa crítica literária atual volta, novamente, seu olhar para o autor:

É significativo o retorno da crítica em direção à figura do autor que, na pesquisa dos acervos, reaparece com seu traço e resíduo, sua marca autoral, impedindo que se considere sua ausência como resultado de um pacto ficcional com a escrita que se inscreve de maneira fria e distanciada (SOUZA, 2009, p. 2).

Para SOUZA (2002), as abordagens contemporâneas permitem uma abertura que transcende as fronteiras onde se produz conhecimento. Nessa abordagem, destaca-se a crítica biográfica por estabelecer uma relação complexa entre o autor e sua obra, ao escolher tanto a ficção quanto os documentos de vida do autor para análise. Podemos destacar na crítica biográfica, certas tendências como:

a) a construção canônica do escritor por meio dos rituais de consagração de sua imagem e dos protocolos de inserção cultural na vida literária de sua época; b) a reconstituição de ambientes literários e da vida intelectual do escritor, sua linhagem e sua inserção na poética e no pensamento cultural de sua época; c) o ato da escrita como narração da memória do outro (Ricardo Piglia), na medida em que o ausentar-se atua como presença, e a experiência do escritor conta menos do que aquela vivenciada pelo outro; d) a caracterização da biografia como *biografema* (Roland Barthes), conceito que responde pela construção de uma imagem fragmentária do sujeito, uma vez que não se acredita mais no estereótipo da totalidade e nem no relato de vida como registro de fidelidade e autocontrole; e) a eliminação da distância entre os pólos constituintes do pensamento binário, ou seja, as categorias referentes ao exterior/interior, à causa/efeito, ao anterior/posterior, por meio da utilização da categoria espacial de *superfície*, imune à verticalidade, que pressupõe um olhar analítico em profundidade, e ao sentido de origem (Jacques Derrida, Giles Deleuze); f) a ampliação das categorias de texto, de narrativa e

da própria literatura, considerando-se o alto grau de interligação dos discursos e da contaminação dos mesmos entre si, procedimento comum à linguagem operacional das ciências humanas, incluindo-se aí a teoria da literatura, a história, a semiologia, a antropologia e a psicanálise (SOUZA, 2002, p. 112-113).

São esses princípios básicos da crítica biográfica, que possibilitam a construção de um novo texto que junta a teoria, a ficção e a documentação (arquivo). Essa conjunção, por sua vez, “desloca o lugar exclusivo da literatura como “corpus” de análise e expande o feixe de relações culturais” (SOUZA, 2002, p. 111).

A partir dessas leituras, tomo os registros de vida e os textos de ficção de Maria Lúcia Medeiros, confrontando-os e espelhando-os – não uma obra em particular, nem um aspecto de vida em especial, mas expandindo o olhar sobre o conjunto para o que os registros legados proporcionem a criação de um novo texto, trazendo à tona um outro, às vezes desconhecido do próprio criador.

CENA 2 - DA BIOGRAFIA AO LONGO DA HISTÓRIA

[La biographie, un genre] aussi
impossible à définir qu'à pratiquer.
Madelénat

Cabe-me, também, lembrar as biografias que li fascinada pelas vidas que se descortinavam diante de meus olhos, tenham sido elas romanceadas ou não. É impossível negar o fascínio que as biografias despertavam na própria escritora que inspira este trabalho, por sugestão de quem li *Esboço para um possível retrato*, de Olga Borelli, sobre a vida e a maneira de escrever de Clarice Lispector. Borelli entremeia seus comentários com os textos de Clarice, que por sinal nos diz que “Viver, afinal de contas, é entre dois nada: antes o nascimento e depois a morte” (LISPECTOR apud BORELLI, 1981, p. 19). Cabe a quem se decide estudar ou algumas vezes ao próprio escritor preencher esse espaço, essa linha entre um tempo e outro.

Em *O homem encadernado*, pude observar as maneiras diversas de se olhar a biografia e a crítica de um autor e sua obra no decorrer do tempo. Maria Helena Werneck lança o que ela chama de um olhar saudável sobre biografias, e desenvolve um estudo, procurando discutir o que as biografias querem, o que elas tomam ou emprestam para unir vida e obra.

Janet Malcom em *A mulher calada* também segue os rumos das biografias de Sylvia Plath: o papel da família, dos amigos, dos editores, cada biógrafo querendo mostrar o pior e o melhor da biografada. O conflito entre o público e o privado, o compromisso do biógrafo “que não pode admitir dúvidas sobre a legitimidade do empreendimento biográfico” (MALCOM, 1995, p. 17). As diferentes vozes que surgem, dos diários, dos poemas e textos, da família e do próprio biógrafo.

Em *Mario Faustino – uma biografia literária*, de Lilia Chaves, vemos surgir o poeta comprometido com a arte da poesia, uma vida se entrelaçando com seus textos, um projeto em que a vida transbordaria de seus poemas e vice-versa como um diário poético.

Daniel Madelénat (1984), em *La biographie*, aborda entre outros assuntos o da definição da biografia através de dicionários e enciclopédias e discute o que vem a ser esse gênero, que campo semântico ele ocupa, para concluir, com relação ao conceito desse gênero:

Les mots *récit, narrateur, historique* indiquent l'appartenance commune à la littérature et à l'histoire avec une discrétion qu'imposent la complexité du problème et les polémiques qu'il a suscitées (MADELENAT, 1984, p. 20).³

Também, destaco a autobiografia do psiquiatra suíço Jung (1875-1961), intitulada *Memórias, Sonhos e Reflexões*. As lembranças de uma vida dedicada ao estudo da alma começam com a frase “Minha vida é a história de um inconsciente que se realizou” (JUNG, 1983, p. 19). O lembrar aqui se faz pelas pesquisas realizadas por Jung e às quais se entrelaçam os fatos de sua vida, seus sonhos, seus pensamentos, suas realizações. Em determinado momento, a respeito de sua escritura, Jung cita Goethe, que dizia de si para escrever a respeito de si

³ “As palavras *narração, narrador, histórico* indicam o pertencimento comum à literatura e à história com uma discricção que impõem a complexidade do problema e as polémicas que eles suscitaram”.

mesmo: “Se suprimisse tudo o que devo aos meus predecessores, restaria pouco. Minha obra é a de um ser coletivo que se chama Goethe” (JUNG, 1983, p. 8).

Nós não somos os criadores de nossas ideias, mas apenas seus porta-vozes: são elas que nos dão forma... e cada um de nós carrega a tocha que no fim do caminho outro levará (JUNG, 1983, p. 8).

Essas tantas lembranças me levam ao brilho que vi no olhar da Maria Lúcia ao contar as memórias de Marlon Brando em *Canções que minha mãe me ensinou* (BRANDO & LINDSEY, 1994), que acabara de ler, e em que o artista expõe, sem mitificações, sua vida, seus fascínios, suas ilusões. Ao contar o que lera, descrevia uma cena entre Brando e sua mãe narrada no livro, que suas palavras tornavam quase visível.

Essa união da vida com a arte também vem das memórias, das lembranças e impressões, das confissões, de qualquer escrito do eu para a interpretação nas grafias de vida, e principalmente nas das vidas de escritores e artistas.

Críticos biógrafos, quando articulam a vida e a arte, também fazem uso da criação e, nessa aventura, acabam inventando encontros imaginários e laços de amizade entre escritores. Às vezes, habitam, como personagens, a sua própria escrita, principalmente quando biografado e biógrafo, muito antes do propósito da escrita da história da vida, eram parentes, amigos, ou tinham algum outro vínculo estreito.

Na verdade, são caminhos que se encontram. Quando falávamos do tempo na concepção de Santo Agostinho e nos referíamos ao futuro, ao que “poderia ter sido”, vemos que isso não deixa de ser “a tocha” que, em algum momento, outra pessoa – professor, aluno, biógrafo, secretário – levará. E há, também, encontros entre biógrafos e biografados, entre biógrafos e seus secretários, que se dedicam, posteriormente, a revelar a vida e a obra daqueles com quem conviveram. Resta-me desejar que esta biografia não seja como a história de *Griffin e Sabine* (1995), que nunca se encontram. Que nela haja um ponto de encontro em que apareça a face, ainda que em fugaz instante, da biografada, a exemplo do que diz Herman Broch (1982, p. 8) em *A morte de Virgílio* – “Com isso te deves conformar... Cada vida e cada obra humana encerram em si um oculto rosto inacabado: é a sina que todos nós carregamos conosco”.

Mais um olhar para trás: ainda no primeiro parágrafo deste capítulo, falávamos da existência do biografado e do biógrafo. Aos poucos fomos comentando sobre a escritora que dá vida a este estudo, mas a pergunta ainda existe: afinal, quem é ela? Em que tempo viveu? E que tipo de análise pretendemos realizar? Que história queremos mostrar? O que está sendo escrito? Uma biografia? Uma análise de seus contos? Procuramos, então, traçar a ponte metafórica de que fala Souza (2002), que une o fato e a ficção, tecer a estreita relação entre a criação literária e a vida de Maria Lúcia Medeiros, interpretando-as, e não no sentido de verificar o quanto uma influenciou a outra ou, ao contrário, em que uma se opôs à outra, sem a preocupação de avaliar a medida que a escritora atuou como personagem na sua vida e o *quantum* dessa vida está na criação de seus personagens.

Esse é o *modus faciendi* da biografia crítica e literária, uma das novas vertentes da crítica literária. Sabemos que as biografias sempre despertaram fascínio em leitores ávidos de conhecerem a intimidade de um pensador, de um escritor famoso, de um ídolo, sobretudo, quando a vida privada, por algum fato incomum ou diferente para os padrões sociais da época vem à tona, tal como o suicídio de Sylvia Plath aos trinta anos, ou Van Gogh cortando a própria orelha, ou a vida tumultuada de Rimbaud. A vida dos que desfrutam alguma fama tem algo que atrai o público leitor seja pela genialidade, pelo exemplo, pela loucura, ou seja, por comportamentos diferentes e, então, o liame entre o público e o privado torna-se extremamente tênue, como observa Malcom (1995, p. 16):

Os órgãos de divulgação que proliferaram em nosso tempo são apenas uma extensão e uma amplificação da bisbilhotice fundamental e incorrigível de nossa sociedade. Basta alguém querer para nossa vida passar a ser da conta de todo mundo. O conceito de privacidade não é mais que uma espécie de biombo destinado a esconder que ela é praticamente impossível no universo social.

Nos casos de Mário Faustino e de Maria Lúcia Medeiros, foi tanto a obra de cada um – ao mesmo tempo curta e intensa –, quanto o fato de a “indesejada das gentes” ter chegado cedo demais, que atraiu o olhar de Lília Silvestre Chaves e o meu, respectivamente. Isso me fez querer percorrer o mesmo caminho da biografia literária que relaciona e interpreta obra e autor (ou autora), e nos faz questionar sobre os limites entre a vida e a escrita, sobre a natureza de uma

crítica que toma a vida de um escritor para lê-la como a um texto, analisá-la e reescrevê-la. Ora, é preciso enfatizar, “a crítica biográfica, por sua natureza compósita, englobando a relação complexa entre obra e autor, possibilita a interpretação da literatura além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção de pontes metafóricas entre o fato e a ficção” (SOUZA, 2002, p. 111).

Ainda segundo SOUZA (2002, p. 111), a biografia literária também tem seu fascínio, pois, ao articular a obra e a vida, recria de forma infinita o “exercício ficcional da literatura, graças à abertura de portas que o transcendem”.

É chegado o momento de olhar mais de perto a trajetória da biografada, que vem de uma cidade à beira de um rio. Assim como ela, faremos, também, esse caminho das águas, através dos estudos temáticos sugeridos por Bachelard (1941), em *L'eau et les rêves*. O crítico nos fala que a imaginação é a faculdade de formar imagens que ultrapassam e que cantam a realidade. Em Maria Lúcia Medeiros (em sua obra), encontraremos pontos que velam e desvelam o real pautado em um mundo imaginário feito de água, mangueiras e tardes quentes.

ATO II - MARIA LÚCIA MEDEIROS, ENTREATOS

Esta é a vida vista pela vida. Posso não ter sentido mas é a mesma falta de sentido que tem a veia que pulsa.

Clarice Lispector

Maria Lúcia viveu muitos atos: mulher, mãe, filha, leitora, professora, escritora. Passeava confortavelmente pelos seus diferentes papéis. Quais os sonhos da jovem universitária? O que esperava a jovem leitora? A filha que sai de casa para viver com o amor de sua vida? A mulher? Essa é a história de toda uma existência, com seus atos de confiança, suas decepções, seus grandes e pequenos momentos, a vida vista pela vida, inclusive o lado que inclui as lembranças de sua infância e adolescência.

CENA 1 - NA TRILHA DAS ÁGUAS E DOS TRILHOS

Ah, de que silêncio precisamos nos lembrar na vida que passa!

Bachelard

Maria Lúcia nasceu no interior do Pará, em Bragança, cidade com um rio na frente e um trem que trazia em seus vagões histórias de colonos e de colonizadores, e que, sem dúvida, enriqueceram sua imaginação, cujos limites ultrapassam a vida, iluminando seus textos, falando de sentimentos decerto comuns à humanidade, mas não apartados dessa cosmogonia que neles aparece velada, não-literal, latente. Em suas próprias palavras:

Eu nasci em Bragança, uma cidade simples do interior, com um trem de ferro e um rio na frente. Tive, portanto, uma infância bem brasileira: quintal, primos, frutas, tios, igreja, cinema Olympia (MEDEIROS, 2005, p. 61).

A cidade de Bragança, no interior do Pará, simboliza essa mistura de vida tranquila com representações de outros mundos. De origem portuguesa, localiza-se às

margens do Rio Caeté, é cortada por rios, mangues e igarapés. Transformada em município no século XVII, ainda hoje preserva algumas construções históricas, como igrejas e casarios, e festas populares como a Marujada.



Figura 4: Foto de Bragança, fevereiro de 2009.
Fonte: Foto de Armando Teixeira Soares Filho.

Maria Lúcia Medeiros, que nasceu em um desses casarios, assim descreve sua casa:

A casa do Major Simpliciano Fernandes de Medeiros, em Bragança, está situada na Rua 13 de Maio, n.º 622 e faz esquina com a Travessa Cônego Miguel.

Trata-se de imóvel construído dentro de um terreno arborizado com as seguintes características: para a Rua 13 de Maio a fachada mostra uma porta de entrada comprida e duas janelas com venezianas de cada lado; para a Travessa Cônego Miguel se abrem outras sete janelas, também com venezianas em cima das quais despontam protetores que compõem esteticamente a fachada e dão estilo a ela. Mais em cima há um outro protetor mais largo e

proeminente que faz base à platibanda azulejada e resguarda o telhado de ponta a ponta nas faces que dão para as duas ruas. Sobre a platibanda, cinco pontões esculpidos fecham com chave de ouro essa fachada totalmente recoberta de azulejos do século XIX (projeto para recuperação da casa, MEDEIROS, 2003).



Figura 5: Foto da casa da Família Medeiros, Bragança, fevereiro de 2009.
Fonte: Foto de Armando Teixeira Soares Filho.

Esse lugar é um convite à imaginação – casa, quintal, vila de pescadores, o significado da família e da própria casa em um lugar de muitas histórias e mistérios, rico em seu folclore, como a marujada, a igreja as procissões, sobretudo se o morador se revela um ser criativo. Em *O Lugar da Ficção* (2004), Maria Lúcia relembra-se da menina, com 9 anos, entrando na sala de costura de suas tias, em Bragança, escondendo o sapato molhado que ela propositadamente mergulhara na poça d'água. Seus personagens, sejam meninos, sejam meninas, são transgressores e quando não o são transfiguram a realidade para vê-la melhor, como a menina do conto *Zeus ou a menina e os óculos* (1988), em que a menina aos sábados ajuda a mãe no restaurante e dispensa os óculos e a nitidez de algumas formas para ver tudo pelas suas próprias lentes.

Ninguém saberia que ela usava óculos de lentes claras e que ela dispensava a nitidez de algumas formas. Que era como se visse tudo pelas suas próprias lentes e mergulhasse assim no cenário agradável com cheiro de sábado, com barulho de sábado, com imagem não muito nítida que ela recobria do jeito que bem entendia e queria, sem medo, sem óculos, ela que os usara sempre desde muito tempo, para ver melhor... (MEDEIROS, 1988, p. 17).

Ainda em *O Lugar da Ficção* (2004), Maria Lucia diz que um dia, revendo seus textos, surpreendeu-se por encontrar neles, de forma clara ou velada o que viveu, sentiu-se “um outro” a examinar seus escritos. Essa revelação conduz aos seus contos, em que encontramos crianças a brincar em quintais, a tentar entender mistérios na fala dos adultos. No conto “Janelas Verdes”, por exemplo, temos uma avó dormindo, enquanto a casa se desprega do chão e sai voando, deixando no ar um forte cheiro de doce de goiaba.

Ouviu-se um leve bater de asas. A casa rangeu um pouco despregando-se do chão. Um vento forte e sibilante curvou os galhos da goiabeira e soprou a casa para a amplidão. Alvorçadas as estrelas escorregavam pelas frestas das portas e das janelas... (MEDEIROS, 1988, p. 61).

Essa imagem de leveza, de casa aérea revela a poética de sua prosa, os fatos dando asas à ficção, de que nos fala Souza (2002) ao tratar da biografia enquanto crítica literária. Para Bachelard (1998, p. 67), a imagem da casa aérea é valiosa para a imaginação:

A imagem dessas casas que integram o vento, que aspiram a uma leveza aérea, que abrigam na árvore de seu inverossímil crescimento um ninho prestes a voar, tal imagem pode ser rejeitada por um espírito positivo realista. Mas para uma tese geral da imaginação, ela é valiosa porque tocada, sem que provavelmente o poeta o saiba, pelo apelo dos contrários que dinamizam os arquétipos... A casa bem enraizada gosta de ter uma ramificação sensível ao vento, um sótão que tem barulhos de folhagem.

Sua casa de Bragança (figura 5), ao contrário, parece assentada no chão da província com o peso das construções antigas. Apega-se ao solo, como um

pesado retângulo de muitas janelas, que, pelo menos na foto (que é do século XXI), não são verdes. É desse lugar onde está assentada a casa da sua infância, leve e aérea na lembrança da escritora, que ela, ainda adolescente alça voo, para estudar na cidade. Esse espaço, com tudo o que pode nele caber, sempre fará parte do mundo da escritora, cuja curiosidade a leva a outras descobertas em outro espaço-tempo.

Em Belém já cheguei quase adolescente e meus fantasmas viviam sob as mangueiras, nas ruas largas, na arquitetura imponente de uma cidade de 250 mil habitantes que era Belém dos anos 50 (MEDEIROS, 2005, p. 61).



Figura 6: Foto da Praça do Relógio, em Belém, anos 50.
Fonte: Coleção Allen Morrison.

Entre 1956 e 1957, Maria Lucia foi aluna do Colégio Gentil Bittencourt – um colégio de freiras, para meninas e moças. A jovem estudante conhece uma Belém que já contava com vários cafés e com o sempre lembrado por ela Cinema Olympia. A cidade era resultado da grande expansão da época da borracha e do movimento da *Belle époque*. As moças divertiam-se indo ao cinema e depois sentando para conversar no terraço do Grande Hotel. Nos cafés, na década de 1950, reuniam-se, também, os intelectuais, conforme contado no *site* “o Pará nas ondas do rádio”.

No período de 1950, as manifestações culturais eram marcadas por encontros nos bares e cinemas da cidade. Segundo o geólogo e fundador da Rádio Difusora, Carlos Raimundo, que veio morar em Belém no ano de 1955, para se divertir, as moças assistiam um bom filme no Cinema Olímpia e depois se reuniam no terraço do Grande Hotel, atual Hilton Hotel.

O escritor Benedicto Monteiro, observa que outra diversão exclusiva era o cinema, o Grande Hotel e também o Central Hotel, onde se reuniam os intelectuais, como Rui Barata, Francisco de Paulo Mendes, Mário Couto, Abel Leão Figueiredo, entre outros. Eles se reuniam para discutir sobre literatura, teatro e o modelo das boates que existiam no Sul (www.oparanasondasradio.ufpa.br).



Figura 7: Foto do cinema Olympia, Belém.

Fonte: www.cinemaolympia.com.br/historia.html.

Dessa época, são marcantes para Maria Lucia as sessões do cinema Olympia. Os filmes que não podia ver, ela os “via” pelas palavras de seu primo Valdir (Saruby), sobre quem fala com muito carinho, dizendo ter tido na infância e adolescência “uma amizade bonita, simples, despojada, sem cobranças, meio lírica (paixão sublimada?), conservada até hoje [na lembrança]: meu primo Valdir, para quem quero todo o bem do mundo” (ABRAMOVICH, 1985, p. 90).

Quando descobri os livros, descobri um outro jeito de viver. Personagens, situações, lugares ajudavam meu aprendizado do mundo. Ler para mim sempre foi uma salvação. Agora, escrever,

acho que sempre escrevi. Lembro que muito menina eu me recolhia e escrevia, escrevia para mim (MEDEIROS, 2005, p. 61).

A descoberta de mundos reais e imaginários sobrepuja a vida de Maria Lúcia Medeiros e sua criação literária. Quanto aos personagens, ela os via e os revia para reconhecê-los em seus familiares e assim melhor entender o que se passava em suas relações com eles e com os amigos. Sobre sua escrita, ela encerra os fatos de sua experiência para transmutá-los em obra ficcional. Aqui, neste estudo, procuro contar sua vida e seus contos, interpretando-os, enquanto textos que são, paralelos, contrários ou complementares. Experiência e ficção são componentes importantes para a biografia literária, lembra Souza (2002, p. 119):

Os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sob a forma de uma representação do vivido.

Nos textos de Maria Lúcia aqui revelados pode-se sentir sua intimidade com a arte da palavra. Sua vida transfigura os seus escritos que, por sua vez, têm, em si mesmos, a capacidade de transfigurar a realidade. Realidade que, enquanto viveu, foi enriquecida e transformada pela busca do indizível, do imprevisível, do que pode ser encontrado em toda forma de documentos (todos guardados, como já dissemos, no arquivo que deixou): cartas, poemas, fotos, fragmentos de textos, álbum de viagens, Diário, anotações, bilhetes e pela leitura de livros. Ela mesma revela-se uma “leitora compulsiva, e sempre que chegava à última página e fechava o livro, baixava leve melancolia” (MEDEIROS, 2004, p. 7).

E ela própria se descobre, escrever fazia parte do dia a dia, da maneira de viver, a vida já era uma escrita para ela, com uma espécie de ritual para todas as tarefas. Escrevia sobre tudo e tinha o cuidado de arquivar o que escrevia. Daí resulta que sua vida constituía-se em uma lista interminável de escritos e, por outro lado, que seus diversos textos eram inventários de guardados e de palavras. Isso é, também, o que a escritora confessa, na voz de um de seus personagens, no conto TER SER:

O dicionário ajudava quase sempre e aulas ele se dava e mistérios desvendava e lições aprendia... Ele prendia-se (sabia que estava errado) porque prendia-se (sabia que estava certo), agarrava-se ao

mistério. Horas seguidas, lápis entre os dedos, jogo febril, aula inventada a menor sopro de vento. Invento outro (pensava) é só querer, mesmo sem sopro de vento (MEDEIROS, 1988, p. 27).

Na busca do recurso do texto, vivência e literatura reúnem-se. É essa junção, esse paralelo entre vida e obra literária, sem descurar da crítica literária (repito ainda), é a razão de ser deste estudo, para revelar a riqueza do texto de Maria Lúcia, impregnado do verde que marca os escritores da Amazônia, fluido e forte como as águas dessa região. Metaforicamente, a água desliza por sua vida e seus contos, situando-os entre chuvas e rios. Menina de cidadezinha banhada por um rio amazônico, cujas margens são verdadeiras praias de areias morenas, à maré baixa, criada nessa região tropical de clima úmido e chuvoso, encontramos em muitos de seus textos chuvas torrenciais, águas que se derramam de diferentes maneiras como uma forma peculiar de destino, pois “a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser” (BACHELARD, 1989, p. 6).

Traçar a trajetória da escritora Maria Lúcia é ir além da simples vida, é mostrar o quanto de sua vida de “leitora compulsiva” (como ela diz a seu próprio respeito) foi enriquecida com a literatura, e o quanto esse ganho, vindo da curiosidade, da descoberta, da invenção, do novo, enriqueceu sua obra. Se, em seus textos, a autora de *Horizonte silencioso*, funde realidades e gêneros literários, também a crítica literária, hoje, une domínios que antes se encontravam separados: ler conjuntamente textos e vidas é o que a nova crítica biográfica propõe, fundir obra e existência, trazendo à tona o encanto de um texto que fala “das coisas mais sérias, sem pedir, à diferença da ciência, [...] para ser tomado completamente a sério” (BOURDIEU, 1992, p. 61). A crítica biográfica (que nada tem a ver com o biografismo da crítica literária do século XIX) permite uma nova interpretação da poesia “além de seus limites intrínsecos e exclusivos” (SOUZA, 2002, p. 43), ligando a realidade à invenção da realidade.

A referência à crítica literária nos remete ao comentário de Benedito Nunes a respeito do texto literário de Maria Lúcia Medeiros, na apresentação do primeiro livro da escritora, *Zeus ou a menina e os óculos*:

Cada uma dessas ficções é a gênese de um universo imaginário: ouvir sons inaudíveis, escutar o silêncio, passar dos livros de histórias para a vida ou vice-versa, tecer palavras, resumir a vida num quintal cheio de árvores, sentir na chuva o apelo da liberdade (NUNES, 1988, p. 5).

O discurso literário de Maria Lúcia tem essa capacidade de estar além de sua própria significação, como uma sinfonia cuja musicalidade se faz do silêncio imperceptível entre as notas tocadas (o silêncio da lembrança de que fala Bachelard, na epígrafe desta terceira cena do primeiro ato, na página 17 desta biografia). É dessa capacidade de tecer seu texto nas linhas e entrelinhas que nos fala Nunes (1988, p. 5), a “eficácia estética desses textos; a capacidade da narradora para sugerir, para velar a significação literal, para deixar quase sempre o sentido em estado de latência, a significação como que ofuscando o leitor, para além das palavras”.

Zeus ou A Menina e os Óculos (1988) traz, no conto que dá nome ao livro, a personagem menina que tirava os óculos para dispensar a nitidez de algumas formas, como se ela visse tudo pelas suas próprias lentes. Isso nada mais é, segundo as palavras de Antonio Candido (1976, p. 13), do que o “quinhão da fantasia, que às vezes precisa modificar a ordem do mundo justamente para torná-la mais expressiva”.

CENA 2 - ENTRE ATOS, MULHER E MÃE

Aqui é dor, aqui é amor, aqui é amor e dor:
onde um homem projeta seu perfil e pergunta atônito:
em que direção se vai?

Adélia Prado

Em 1960, Juscelino Kubitschek inaugura Brasília, a nova capital do país, Carlos Lacerda assume o governo da Guanabara e Jânio Quadros é eleito o novo presidente do Brasil. Nessa mesma época, fundava-se o jornal *Folha de S.Paulo* e no rádio ouvia-se Celly Campelo. Começava uma década de profundas mudanças no mundo e no Brasil. Um dos acontecimentos marcantes, conhecido como maio de 1968, levou os jovens às ruas em Paris e em outros lugares do mundo. Falava-se em liberdade, paz e amor. Na América do Norte, os jovens se rebelavam contra a guerra do Vietnam.

No Pará, governava Aurélio do Carmo até ser cassado pelo Governo militar que se instalara em 1964 e que permaneceria por longos anos.

Antecipando-se aos anseios de liberdade, a jovem Maria Lúcia, então com 19 anos, sai de casa para viver com o estudante de Sociologia Mariano Klautau, em regime de concubinato, como ela mesma conta: “Para um regime de concubinato, saí de casa aos 19 anos (bela confusão armada na família), e tivemos quatro filhos homens” (ABRAMOVICH, 1985, p. 90). Era revolucionária nas escolhas, na maneira de olhar o mundo, na coragem de viver, com um toque de insolência vindo das filhas bem-nascidas e bem-criadas. Tinha orgulho da família (embora falasse muito pouco no pai) e de ter estudado no Colégio Mâncio Rodrigues e no Instituto Santa Terezinha, em Bragança.

Esses momentos significativos estão registrados em seu Diário, no qual ela conta que os acontecimentos importantes de sua vida aconteceram no mês de fevereiro e nos meses próximos, como o fato de a família ter vindo para Belém, de ter saído de casa para viver com Mariano, de ter tido filhos. E rememora:

Olho para trás. A gente sempre olha para trás, acho que se pode fazer isso a partir dos 40, 45 anos. Ainda pulsam em mim alguns orgulhos. Gosto do mês de fevereiro, gosto do número 15 [data de seu nascimento].

Um mês diferente, esquisito, pequeno, incompleto. Um mês que tem um significado muito grande para mim. Dei-me conta de que todos os fatos mais importantes da minha vida estão ligados ao mês de fevereiro ou a meses próximos a ele. Vamos ver. Depois de meu nascimento [1942] vem janeiro/fevereiro de 1955, ano em que minha família mudou-se para Belém. Com certeza, a minha permanência em Bragança, onde nasci, me teria proporcionado outro tipo de vida. Então, a 1.^a considerável mudança, o primeiro fato decisivo. Depois desse ano (1955), lembro do ano de 1962, também janeiro/fevereiro quando entrei na Universidade e quando conheci o Mariano com quem vivi 24 anos da minha vida. No dia 14 de fevereiro de 1963 fomos viver juntos (Diário, p. 1 e 2).

olhado) e uma maneira de se dar a seu olhar pelo que diz a ele de si mesmo (FOUCAULT, 1983, p. 16-17).

Quando comecei a organizar o arquivo, em 2009, essas cartas enviadas por Mariano Klautau a Maria Lúcia Medeiros, estavam dobradinhas, dentro de um envelope de papel, junto com um caderno que pertencera a ele, Mariano. Um caderno de Sociologia, nas páginas do qual, o estudante, entre as anotações de aula, rabiscava o nome dela, como se tatuasse o nome da mulher que amava em sua própria pele. O momento político fazia com que os casais reinventassem um tipo especial de correio. Os amigos entregavam as cartas, os bilhetes. As notícias iam chegando de uma forma ou de outra por amigos que iam ou que vinham.

Conheceram-se na Universidade e viveram um grande amor, como relembra sua irmã Yêda⁴: “formavam um belo casal, as pessoas comentavam”. Em uma dessas cartas, ele conta como seus pais reagiram à decisão de se juntarem, oferecendo ajuda, e termina dizendo: “Eu não aguento mais.”

⁴ Depoimento obtido em conversas informais com membros da família.

①

Minha Lucinha,
 continuei a conversa com mamãe
 e papai. Melhor não poderia ser. Eles nos deram
 a cama (com colchão de mola), guarda-roupa e
 uma penteadeira. A mobília de sala também é
 nossa. Papai garantiu todo apoio e não
 nos deixará faltar nada. Eles afirmaram
 que farão tudo por nós. E eu creio, sem
 qualquer dúvida.

Lucinha, apesar disto tenho
 uma candade angustiante. Peço para que
 nos mudemos logo. Da sua resposta am-
 nhã, irei certificar o Caminhão e depois
 de amanhã tudo já estará em nossa
 casa.
 Eu não aperto mais.

Figura 9: Carta não datada, possivelmente de 1962.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Há, entre os guardados, apenas duas cartas de Maria Lúcia Medeiros para Mariano Klautau. Uma, bastante longa, permaneceu fechada entre as páginas do caderno dele, e data do final da relação. Outra, de 1962, ao lado do envelope com as muito dobradas cartas dele. Nessa última, ela fala de seus sentimentos, da sensação de estar em um outro mundo, refere a dedicação de seu amado, seus gestos, a saudade que sente, conta de sua espera por um tempo que os levará a “eles” – “espero pelo dezembro que nos levará a nós”, escrita em um papel do escritório da família de Mariano, possível lembrança ofertada pelo amado.

DR. JOSÉ EXPEDITO KLAUTAU DE ARAUJO
 11-10-62
 Amor meu,
 Estou com soninho e
 algumas dores, preciso vou
 deitar. Sinto muitas saudades
 de ti e de tua dedicação
 que me faz tão feliz e
 como que me leva outro mundo.
 Afanoso, posto demais de você?
 Se pudesse dizer tudo, diga.
 Você ouvira palavras que
 pareciam escritas.
 Mas é difícil. Dentro de
 mim há muita coisa.
 Espero pelo dezembro que
 nos levará para nós. Te
 amo. Durmo com ten-
 dedos do teu peito, e
 de tua dedicação ÚNICA.
 Teu carinho sempre.

Figura 10: Carta de 1962.

Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Seu primeiro conto publicado, "Corpo Inteiro" (in: *Ritos de Passagem de nossa infância e adolescência: antologia*, 1985, p. 91) inicia com o texto bíblico "A alma que queima como fogo ardente não se apagará antes de ter devorado alguma coisa". Eloquentemente, a epígrafe do conto poderia inscrever-se na história do amor vivido por Maria Lúcia e Mariano. A força do texto religioso, recortado e colado doravante nesta biografia, abre o portal do novo texto, abençoando-o, decifrando e justificando a trama. Nada podia deter esse amor, nem os apelos da família dela, nem a dor do pai. As desventuras da vida, amor e dor, o que foge ao nosso controle, o que escapa aos nossos sonhos, também estavam ali. Alguns fatos turvaram a aura de felicidade e, por outro lado, os aproximaram mais. O pai de Maria Lúcia nunca se

recuperou da decisão que ela tomou, saindo de casa solteira para viver com um homem que já tinha estado casado. Sofreu muito, contam suas irmãs. No dia em que ela partiu, ele andava de um lado para o outro resmungando. Nunca mais foram os mesmos. Em seu diário, ela diz que acha ter às vezes o egoísmo do pai.

Viveram juntos por 24 anos. Tiveram três filhos, Mariano, Mauro e Rodolfo. Mariano já tinha um filho, de um primeiro casamento. Ulisses morava com o avô materno na cidade do Rio de Janeiro e Maria Lúcia preocupava-se muito com essa situação e mandou buscá-lo para viver com eles.

(Maria Lúcia contava aos mais chegados que o Ulisses a adotara. O jovem adolescente, já há algum tempo com eles, um dia chegou e perguntou se podia chamá-la de “mãe”).

A política brasileira estava em crise. As ruas cheias de operários, a visita do então presidente João Goulart à Rússia, o famoso comício da Cinelândia, e outros acontecimentos acabaram culminando com o que já estava gestado, o golpe de estado de 1964, e todas as consequências que ele trouxe: as perseguições, as denúncias, a repressão, os exílios. Isso acontecia em todos os estados. No Pará não foi diferente, segundo o depoimento do poeta João de Jesus Paes Loureiro:

Familiares e amigos dos ditos “subversivos”, muitas vezes, foram também perseguidos. Em consequência, era comum perceber-se algum conhecido atravessando discretamente a rua para não ser visto a nos cumprimentar... (NUNES, 2004, p. 264).

Mariano Klautau, companheiro de Maria Lúcia, fazia parte do Movimento Estudantil, filiado ao Partido Comunista Brasileiro, “o partidão”, como relembra José Seráfico de Carvalho (2004):

Quando cheguei à Universidade, presidia a UAP o estudante de Serviço Social José Augusto Moraes. O Juba. Conheci-o durante a pantomima janista, ocasião em que fui atraído pelo PCB. Terão sido as manifestações pró-assunção de João Goulart meus primeiros movimentos nesse novo palco de ação política. Depois vieram Floriano Barbosa, Heitor Dourado e Pedro Galvão de Lima. Com Dourado fui feito assessor de imprensa e dividi com José Mariano Klautau de Araújo a direção do Tablóide-UAP, que saiu em apenas 4 edições. O suficiente para marcar época e desencadear a ira dos opositores políticos, dentro e fora da Universidade (NUNES, 2004, p. 181).

Foi nessa época que nasceu o primeiro filho do casal, de um parto complicado. Deram-lhe o nome do pai: Mariano. Tornou-se difícil para Maria Lúcia cuidar do bebê. Ela permitiu, então, que outras pessoas da sua família cuidassem do bebê. Por intermédio da irmã, enviou o filho para a mãe, com um bilhete. As razões foram sérias: a falta de saúde e, em seguida, as perseguições que vieram com o golpe militar fizeram com que ficasse um ano sem ver o filho. Nesse bilhete, lembra o que já havia escutado da mãe, D. Maura, com quem sempre teve uma ligação muito forte.

MARÇO, 64

Mamãe querida,

Segue o seu neto. Nos precisa dar trabalho é seu hora, ~~mas~~ não vou ficar longe dele, mas é que essa situação nos permite ficar acordado de noite e me levantar muito mais cedo. Se o papai nos tivesse aderido a crise seria outro. Um dia o seu hora disse que cada neto que chupasse seria um pedacinho do seu coração e seu ~~coração~~ dividido. Portanto, eu espero que o pedacinho que comer e ele, seja bastante grande e profundo como o que também me comi.

Beijo ^{lhe} carinhosamente

Figura 11: Carta de 1964.

Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Anos mais tarde, arrumando seu arquivo, ela encontra o bilhete e escreve uma carta para o filho Mariano (então com 33 anos), em que lhe envia o bilhete que o acompanhou naquela ocasião em que mãe e filho recém-nascido se separaram. Maria Lúcia conta, na carta, do parto que a deixou muito mal, e que talvez se aliasse a um pressentimento do que viria pela frente, “pois pouco dias

depois arrebentou o golpe militar e ficamos um ano sem nos ver. Se tivesses ficado, com certeza seria mais difícil a nossa fuga”. E continua nessa carta-desabafo:

Tiveste o carinho e o amor dela [da avó] e da tua tia Yêda com quem dormias no mesmo quarto. Tua presença também aplacou a fúria de teu avô que havia rompido comigo e começou a se encantar contigo. Nessas alturas eu estava impedida de ir lá, tanto eu como teu pai. Razão porque a Yêda veio te buscar, razão porque eu te deixei ir. Bem, escrevendo essas coisas, contando esses fatos trinta e três anos depois, parece história muito antiga de heróis românticos. Eu tinha 22 anos e teu pai 28 e as palavras que faziam tremer eram DESQUITADO e comunista. Hoje fazem rir, no mínimo.

Mas as coisas eram assim e isso nem faz um século... E também não se tinha a noção do perigo, tudo era na base da paixão, nenhuma grande responsabilidade (a não ser a social) e em nome de Deus sabe lá o quê.

Bom, agora essa história voltou com a morte de minha mãe e esse grande buraco que ficou. Lições de amor, de força, de simplicidade e humildade que ela nos deixou. De solidariedade, tão importante em qualquer tempo.

Estremeci e me emocionei quando encontrei o bilhete, parte da minha história que é a tua história também.

Passo às tuas mãos, agora, o original e uma cópia para garantir qualquer coisa (o papel está velhinho).

É isso vou ficando por aqui driblando o grande vazio e lutando sempre até porque já me acostumei (Carta de 24 de novembro de 1997).

Este o nosso destino: amor sem conta,
distribuído pelas coisas perdidas ou nulas,
doação ilimitada a uma completa ingratidão,
e na concha vazia do amor a procura medrosa,
paciente, de mais e mais amor.

Carlos Drummond de Andrade

E o amor de tantas alegrias trouxe dor, a de seu término. Maria Lúcia deu-se conta de que as coisas não eram as mesmas, os gestos haviam mudado. Agora eram as ausências, a omissão, o silêncio. Mariano era um homem bonito, inteligente, comunista, o que no seu meio tinha um significado especial. As tantas reuniões do Partido, as companheiras e seu jeito de estar nesse mundo o levaram a outros caminhos e a outros encontros sem largar o porto seguro (casa, mulher e filhos). Até que ela se cansou e deu um basta, um prazo para que ele saísse de

casa. Como não o fazia, um dia ela encaixotou as coisas dele e as deixou na porta do elevador e assim ele se foi.



Figura 12: Foto Mariano Klautau, 1982.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Em carta datada do dia 14 de outubro de 1976 (a carta longa já referida), escrita para Mariano Klautau (pai), Maria Lúcia Medeiros fala da consciência que tinha da mudança e do sentimento que tudo isso despertava nela, da saudade do que viveram, dos apelidos pelos quais carinhosamente se chamavam, e interroga-se sobre a mudança tão visível.

Falávamos de um dezembro como se fala do paraíso. E quanta luta tínhamos pela frente! Tu tinhas 25 e eu 19 mas éramos como gigantes desesperados a derrubar obstáculos. Vê o teu bilhete registrando a “entrega” medrosa. Vê as viagens, os telegramas de saudade e desejo. Admirável é a força que norteava todos os gestos. Peko, Púnko... Uma vida. Vê o retrato no arraial como nossos figurinos tão modestamente vestidos e nossos filhos tão bonitos e protegidos. Sofro a saudade daqueles momentos. O

que realmente um homem espera da vida? O quanto nos foi dado! Tudo o que queríamos e muito mais. Hoje é essa força antiga que se aproxima: suave, envolvente e grande. Valerá a pena olhar o "arquivo" e não sentir?

14.10.76
Mariano,
Tudo isto faz parte
do meu arquivo. Revi e reli tudo
agora. A "mudança" forçou (e eu
perguntei: forçou?)
Talvez eu de um deslembro cru
se fale do paraíso. É preciso lutar
luchamos pela frente! Tu tinha 25 e
eu 19 mas eu ^{como} ⁸⁷ soute desespere-
do a derubar os obstáculos.
Vê o teu bilhete registroudo a "entre-pá"
medrosa. Vê os viagens, os telegramas
de saudade e desejo. Admirável é a
força que norteava todos os nossos
gestos. Peko, Peko... Uma vida.
Vê o retrato ao anacal em nossos
figuras tão modestamente retradas
e nossos filhos tão bonitos e protegidos.
Sofro a saudade daqueles momentos.
O que realmente um homem espera
da vida? O quanto nos foi dado!

Figura 13: Carta de 1976.

Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

(Talvez a relação entre os dois tenha acabado por coisas não ditas, por interferências externas, pois Mariano chorou muito ao lado do corpo da Lucinha, quando de sua morte. Uma cena comovente, revelando um amor que, apesar de tudo, não acabara.)

Quando o filho mais novo estava pelos seus 25 anos de idade, trabalhou algum tempo na África e foi apanhado pela guerra do Congo. Foi um sofrimento para Maria Lúcia, que empreendeu uma verdadeira luta para trazê-lo de volta ao Brasil, passando horas intermináveis de desassossego, tentando obter informações sobre o seu paradeiro e sobre a maneira de tirá-lo do meio do perigo. Ao descrever essa sua dor no diário em setembro de 1997, comenta sobre a atitude do seu ex-companheiro: "Penso na omissão do Mariano, tão distante sempre, e eu sempre a pensar e resolver tudo. Como mudou o Mariano. Como pôde deixar de ter uma

relação com os filhos. E eu que tinha tanta certeza nele como pai, amigo dos filhos” (Diário, setembro de 1997). Essa reflexão é da mãe que criou os filhos senão sozinha, pelo menos sem a presença do pai, que foi ficando sempre mais ausente. Essa mulher que em 1964, por estar se recuperando do parto deixa seu primogênito com a mãe e fica um ano sem vê-lo por ter tido de fugir com o companheiro, em razão do golpe de estado no Brasil, tem anos mais tarde o filho mais novo apanhado por uma revolução na África e começa uma caminhada às autoridades e embaixadas para trazê-lo de volta. Teria ela mesma associado esses fatos da vida? Fugas e fugas? Talvez, mas deve ter lembrado suas lutas, como quando escreve a carta para o filho mais velho contando a razão de tê-lo deixado e ao finalizar, manifesta seus sentimentos: “É isso vou ficando por aqui driblando o grande vazio e lutando sempre até porque já me acostumei” (Carta de 24 de novembro de 1997).

Segundo Foucault, em *L'écriture de soi* (1983) a carta – a correspondência – é também um meio de “escrita de si mesmo”, de escrita da “alma”, como o *hypomnemata* (espécie de ajuda à memória, como anotações em cadernos, “registros de citações e fragmentos de obras, de coisas ouvidas e tidas, constituindo um material sempre a mão para ler, reler, meditar – uma coleta do lógos fragmentário transmitido pelo ensino, a escrita ou a leitura” (ÁVILA, 2008, p. 64). O diário também faz parte dessa “coleção” de coisas escritas para auxiliar a memória.

Memória, memória, de que matéria é feita? De lembrança e de esquecimento, responderia o poeta... Aqui, nesta dissertação, são dois planos da memória que se intercalam, o de Maria Lúcia Medeiros, que registra, em seu Diário e em outros cadernos, lembranças do já vivido, e o deste texto, que busca atravessar o esquecimento e unir o fragmentário, lançando mão dessa matéria encontrada nos guardados, perdidos, achados. Este estudo nutre-se desses fios, que participaram da trama de uma vida, para reconstituir, em outra tessitura, uma história feita de vivência – entre gestos (fotos), pensamento (reflexões da escritora) e escrita (ficção). Uma espécie de superposição de vidas, que existem também em seus contos, como em “Quarto de Hora”, em que mãe e filha estabelecem uma relação tão profunda, que o viver de uma vai sendo o viver da outra. Quartos de horas encontrados em cartas, no Diário, nas anotações: fragmentos de vida. Ah! O arquivo!

A cada leitura dessas cartas, torno a ter o sentimento de estar invadindo um mundo que não me pertence, mas, sobretudo, levando esse mundo a um outrem que não sei que leitura fará, nas tantas que se pode ter de um texto. A carta, sendo

um texto destinado a outro, não deixa de ser uma forma de falar de si. Faço-me as mesmas perguntas de Lejeune (2008, p. 254) “após o falecimento, pode-se ler a correspondência íntima recebida por um parente, escrita por alguém ainda vivo? Quando recebemos um patrimônio familiar, ou encontramos velhas cartas que, inversamente, não tem mais nenhuma importância, podemos, devemos destruí-las?”. Devemos queimar diários quando morrem os escritores? Impedir sua leitura?

Ao tratar do tema do Diário, em especial, Lejeune (2008), cujos estudos se voltam para a escrita autobiográfica e para a prática diarista, afirma que as pessoas escrevem diários para si mesmas, para lembrarem-se de eventos ou para serem lembradas, e nem sempre mantêm uma regularidade. No caso de Maria Lúcia, há um momento de sua vida em que ela sente a necessidade de registrar, não apenas o seu dia a dia, como também situações passadas, relações familiares, impressões. Ela começa dizendo que naquele seu aniversário de 15 de fevereiro de 1997 ia começar um diário e prossegue desejando que o Rodolfo (filho mais novo) e a Petra (neta), um dia o pudessem ler. No dia 29 de abril de 2001, ela registra em seu Diário o desejo de escrever um conto para o filho Rodolfo, comenta sobre o personagem, descreve sua maneira de se vestir, detalha o evento em torno do qual se passa a história – a ficção e a realidade entrelaçadas.

De tarde partiram de volta. A semana terminara. Naquela semana não leu nenhum livro, perdida em meio às conversas depois do jantar. Não abriu nenhuma página, abriu portas, sim. E como folhas de livros, estavam lá os personagens belos, saídos das páginas, ou da sala? (MEDEIROS, 1988, p. 26).

O diário é um vestígio, uma linha dos acontecimentos em determinado período de tempo, mas pode vir a se transformar em muitas outras coisas. No caso de Maria Lúcia, seu Diário tornou-se, também, palco de discussões que travava consigo mesma sobre escrever, em geral, sobre ideias para novos contos ou retomadas dos que já havia começado, sobre livros, sobre observar pessoas – personagens saídos das salas reais ou das páginas dos livros. Maria Lúcia costumava registrar aquilo que estava vivendo no momento. Falava sobre as pessoas próximas, fazia reflexões sobre fatos vividos e, em vários momentos, descambava para o que poderia vir a ser o ensaio de um conto, para a possibilidade de converter uma pessoa conhecida em personagem. É esse olhar metafórico e

condensado do escritor que permite, segundo SOUZA (2002), a abertura de mais uma vertente de interpretação do texto de vida e de ficção. Esse tema da biografia literária vai muito além do biografismo do século XIX, em que Sainte-Beuve defendia como método crítico o tratamento da obra como reflexo da vida do escritor, é o contrário disso. Nesse estudo, ao postular a leitura da vida e da obra como metáforas para a criação literária, trago como resultado dos princípios básicos da crítica biográfica, “a produção de um saber narrativo, engendrado pela conjunção da teoria e da ficção e pelo teor documental e simbólico do objeto de estudo” (SOUZA, 2000, p. 114). O arquivo deixado por Maria Lúcia permite ampliar o olhar interpretativo para os fatos da vida e da criação literária pelos diferentes registros deixados que vão de uma foto, um cartão postal até os textos mais simbólicos e metafóricos de seus contos: “...pras histórias que me contas desses mil novecentos e poucos fatal foi tua mansidão de bicho: o búfalo, a corça e o cão. Diante da mão espalmada, retomo o meu ofício e aceito ler o teu destino, mas, te adianto, não vejo mais – pesada hora – o rastro sequer da fortuna, perdeu-se a do coração” (MEDEIROS, 1990, p. 12). Fatal foi a paixão pela literatura e pela escrita cujos contos nos prendem sedutoramente em sua composição enigmática, claro enigma para o olhar mais sonhador. Uma viagem!

E nessa viagem, sempre mais e mais, perseguia os rumos que os papéis me apontam, também eu sofrendo do mal do arquivo de que fala DERRIDA (2001), um mal que não dá sossego, que faz com que corramos atrás dos guardados de forma compulsiva e repetitiva, um desejo irreprimível de voltar à origem, de tornar à casa, ao começo de tudo. E em uma dessas buscas dei com umas folhas de carta, datada de 19 de outubro de 1973, em que Maria Lúcia descreve seus filhos, a idade de cada um, fala do que gostam e do que não gostam. Fotografando a infância, ao escrever, fixando-a.

Deleuz 29 de abril — 2001

Há 10h no própio deste articulado diário. Aiu-
visti de Jovene. Alugamos me core de mãe dele. Eu,
Lis, Léo, Neta e Chie, Alexandre, Denise e Dona Juicy,
sempre mansinho. Que force tem esse mulher!

Parece que o core do Jorge de Sé agora vai ser
uma realidade. Só preciso que Deus me ajude. A
venda do meu apartamento parece mais perto. Vitor
e página. Escreva novo capítulos. Espero que meus
amigos ajudem me ajude.

Tudo que escrever o conto em homenagem ao Rodolfo.
Parece que ele deve comer a cidade toda de bicicleta
ou patins, ele deveria ~~ser~~ ser uma personagem bem à
moda dos 50. Primeira de vertiz, camiseta tipo Norman
Brooks, frequentador de academia de Hellenophiles e
música clássica (opera); frequentador p/ o Portoro, por,
as idas dele ao teatro.

Ele tem um ~~obstáculo~~ obstáculo. Ou no vídeo (como o pai)
ou no filme (como Rodolfo). Ou toca um instrumento,
sua?

O conto se desenvolverá todo em torno de uma
festa (ou de uma apresentação dele).

Terá que ter uma lida de box, uma rinha de
briga de galo, um menino que tem um galo de
briga e que é obrigado a comer o galo como
castigo, servido no almoço.

Terá que ter alguém que esteja de folga de
internet. O conto se passa numa fúria-de-sacana.
Valdi / Jmor / Rodolfo (tops)

Figura 14: Diário, 29 de abril de 2001.

Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Mauro Augusto – 7 anos e 7 meses.

O que mais gosta: Milo. Toma uma média de 6 copos por dia. A frase é sempre esta: “Faz um milo pra mim?”

Pizza. Sempre quando saímos para jantar ele pede uma pizza.

Futebol. É capaz de não ter sono para ver futebol. Já foi ao campo três vezes. Assiste jogos pela TV. Joga botão muito bem. Quando falta parceiro joga só, de preferência na minha cama. É Remo, Santos e Botafogo. Pelé, Jair e Alcino são os jogadores preferidos. Joga muito futebol no colégio, na rua e dentro do apartamento.

O que não gosta: Tomar banho, ir ao dentista e comer carne. Também pentear o cabelo.

Obs: Ainda não fala corretamente. Não pronuncia bem o som kA. Ex. Estola (escola) bidode (bigode) dol (gol) afadar (afagar) Tenedy (Kennedy).

É muito chorão e impaciente. Gosta de ir para o colégio. Adora a Tia Daisy. Fala muito nos seguintes colegas: Moisés, Lauro, Adalberto, Marçal. Diz que namora com a Patrícia coleguinha do colégio. Seus amiguinhos no edifício são: Alexandre, Betinho, André Gustavo, Sérgio, André. Melhor programa: jantar fora. Pior programa: Fazer a tarefa do colégio.

É muito ligado ao papai. Tem um coração muito bom e sente pena de meninos pobres, animais e chora quando alguma coisa triste passa na televisão. Ainda vai pra minha cama, esporadicamente. Se preocupa com as portas quando vai dormir. As pessoas que mais gosta: Almerinda, Ulisses, Fanny a professora, o pai. Doce de leite é a melhor sobremesa. Fala alto, chuta tudo quando anda na rua. Mal humorado. Quer ser médico.

José Mariano – 9 anos e 8 meses.

O que mais gosta: Ouvir música, cinema, teatro, conversar.

O que não gosta: ser chamado à atenção.

Se alimenta bem. Acorda cedo. É organizado. Limpo. Excelente relacionamento com as pessoas. Muito ligado a mim. Alegre e está sempre de bom humor. Desenha bem. Tem bom gosto. É tímido, obediente, compreensivo. Acha a Tia Ana “uma graça”. Os coleguinhas do colégio que mais fala: Paulo Leite e Luís Eduardo. Gosta de nadar, fazer Educação Física, correr. Os coleguinhas do edifício: Carlos Eduardo e Mônica. Muito espirituoso. É capaz de cantar músicas inteiras em inglês sem saber palavra de inglês. Gosta de mansões, ir ao comércio e comer “sonho de valsa”. Dança muito bem. A prima mais amiga: Lula. Gosta de ambiente alegre, barulhento. Diz que quer ter 10 filhos. Diz que quer ser artista plástico, Já quis ser ornitólogo. Conhece muito sobre pássaros. Gosta de ambiente movimentado. É Paissandu, Vasco e Coríntias, como o pai. Lê revistas. É reflexivo. Observador. Crítico. Quer ter um quarto só pra ele.

Ulisses – 15 anos e 1 mês.

Obs: Quer ser engenheiro aeronáutico. Adora aviões. Não gosta de café nem leite. Gosta de pão, bolacha, churrasco e refrigerante. Adora televisão, futebol e festinhas, Santos, Botafogo e Paissandu. Os colegas do colégio que mais fala: Bravo, Alberto, Paulo Emílio, Mesquita. Colegas no edifício: Luís, Rosane, Socorro, Miguel.

Movimentado, curioso, inteligência prática.

Seu maior desejo: crescer, ficar homem feito. Bom relacionamento no colégio e com as pessoas em geral. Faz amigos com certa

facilidade. Andar de avião, sua maior vitória. Sabe fazer compras, gosta de consertar, mexer, descobrir.

Brinquedo que mais anseia: um transmissor.

Tem uma paixão recolhida: Gigliola Cinquetti e suas interpretações de canções italianas.

Outra que Marianinho não perdoa: Altemar Dutra.

Estuda música, quer tocar piston.

Sonha sempre casando, noivando, sempre com mulheres. Rói unhas. Gosta de filmes de aventura espaciais ou sentimentais.

Disputa com Marianinho a preguiça maior de buscar coca-cola no Chacrinha.

É meigo, carinhoso e tem muita conversa. Gosta de dançar e se relaciona bem com Marianinho. Com as garotas também. Adora tacacá, sorvete de ameixa e tamarindo.

Rodolfo – 1 ano e 9 meses.

Fala muito. Canta “Boi da cara preta” e quando vai dormir pede a música tchéu que significa céu (vamos ver a lancha nova que do céu caiu no mar).

Gosta de assistir “Vila Sésamo”, ir pro Horto, Peti-cola e passear de carro. Adora o pai. Mexe no jogo de botão do Mauro, rasga os livros do Marianinho e tira o telefone do gancho. Urina no tapete e qualquer descuido corre pro banheiro e lava o rosto no bidet. Tem uma namoradinha prometida: Isabela Castelo Branco Sampaio, conhecida como Bebela.

As amiguinhas e os amiguinhos do edifício: Larissa, Renata, Paulinho, Paulo Sérgio, Ronaldinho (MEDEIROS, ANOTAÇÕES, 1973).

Na foto a seguir, Maria Lúcia posa, com os filhos já adultos, para um conhecido fotógrafo profissional, de Belém. Na parede, podemos observar várias fotos dos filhos, inclusive a do Ulisses, que não estava presente na ocasião. Todos fazem pose, os filhos, a mãe consciente de seu papel de matriarca sorri com ar meio divertido, assim como os filhos, cada um à sua maneira. O que fuma meio virado para um lado é o mais tímido, o que queria ser artista plástico e veio a ser professor da área de comunicação e fotógrafo, o mais ligado às artes, o guardião do arquivo. O que está bem de frente é esportista – joga tênis. O mais novo, que esteve na África e hoje mora no estado do Rio de Janeiro, parece divertir-se. A pose, diria Barthes (1984, p. 117), “não é aqui uma atitude do alvo... mas o termo de uma “intenção” de leitura: ao olhar uma foto incluo fatalmente em meu olhar o pensamento desse instante por mais breve que seja, no qual uma coisa real se encontrou imóvel diante do olho”.



Figura 15: Maria Lúcia com 3 de seus 4 filhos. Foto Miguel Chikaoka/Kamara-Kó, 1987/1988.

Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Neste outro momento, a imagem congelada, ao ser abarcada pelo olhar, revela cena espontânea, fotografia caseira: a avó com a neta sob o olhar enternecido do filho. O lugar é o mesmo, o tom é outro – e permite à imaginação supor que se trata de um fim de semana, talvez um sábado, uma visita familiar.



Figura16: Maria Lúcia com seu filho Ulisses e sua primeira neta.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

É inegável o prazer de escrever, de registrar o momento, de guardar o instante, uma espécie de ensaio de uma escrita futura – e o registro do momento estende-se também às fotos, que permitem ao biógrafo a leitura de detalhes. Não se pode deixar de notar que, ao lado das pequenas fotos de familiares, a linhagem dos retratos que figuram nas paredes completa-se com o rosto de Virgínia Woolf. A escrivaninha, fechada, lembra os móveis antigos ingleses – teria Woolf seus guardados em móvel similar?

O perfil que Maria Lúcia traça de seus filhos poderia ser o rascunho de personagens, difícil de precisar até onde vai o real, até onde vai a ficção. Malcom (1995), ao analisar os diários de Sylvia Plath, comenta que Sylvia escrevia sobre as pessoas que conhecia como se fossem personagens de um romance, os diários são uma espécie de primeiro esboço, nos quais escreve com os olhos perceptivos de romancista.

Essa mãe preocupada com o destino e a felicidade dos filhos surge mais fortemente nas páginas do Diário, na escritura da alma. Fala dos filhos amiúde, das características de cada um. Mas, além de cuidar dos filhos, essa mãe, a que vim a conhecer mais profundamente nas páginas de seu Diário, é uma das muitas faces da escritora, charmosa, viajante, cujo amor pelas letras salta desses escritos mais secretos. Maria Lúcia Medeiros aproximou-se cada vez mais da Literatura e do ofício de escrever. Viajou, para falar sobre a sua ficção e sobre muitas outras, de seus

escritores de predileção. Como escritora e professora, participou de congressos e colóquios no Brasil, na Alemanha e na França. Tomou gosto pelas viagens, pelo prazer de estar, de vez em quando, indo para algum lugar – errando, como dizia, pelos caminhos das diversas formas de ficção.

CENA 3 - ENTREATOS, A PROFESSORA E A LEITORA

À medida que nos falamos, aparecem-nos matizes de emoção que podiam estar representados em nós há muito tempo, mas que permaneciam invisíveis: assim como a imagem fotográfica que ainda não foi mergulhada no banho no qual irá ser revelada.

Bergson

Se existe destino, o de Maria Lúcia esteve ligado à Literatura. Formada em Letras pela Universidade Federal do Pará, seu primeiro trabalho foi com adolescentes, em uma escola particular, onde, dito por ela mesma, experimentou tudo o que quis e em que sempre acreditou com relação à Literatura, Cinema, Teatro e Música, como consta em autoapresentação feita para Fanny Abramovich (pedagoga, escritora, uma das primeiras pessoas a incentivar Maria Lúcia a publicar seus contos) no livro *Ritos de Passagem de nossa infância e adolescência* (1985).

3.1 A professora

Formada em Letras, meu primeiro trabalho foi com adolescentes numa Escola particular, onde experimentei tudo o que quis e sempre acreditei com relação à Literatura, Cinema, Teatro, Música. Um trabalho arrojado naqueles tempos (74, 75, 76 etc.) trabalho limpo, honesto, equipe mesmo, meu primeiro orgulho profissional

Maria Lúcia Medeiros.

Questionadora, reflexiva, independente, assumiu seu primeiro trabalho como professora indagando-se o que era a escola. Em um período em que talvez as perguntas não caíssem bem e em que se preocupar com a reflexão e a criatividade não fosse de bom tom, ela o faz. E conta, sem subterfúgios ou meias palavras, e sem culpa (aliás, sempre se dizia sem culpa), em uma época em que se lutava por

uma sociedade igual para todos, que trabalhava com meninos de classe média, bem alimentados. Indagava-se: “E por que não aproveitar o potencial desses meninos para criar?”. E foi o que fez.

Esse trabalho desenvolveu-se no período de 1972 a 1974, na Escola John F. Kennedy, em Belém, cujo projeto era de um ensino mais liberal, apesar da época, sob regime militar, e dos questionamentos de alguns pais, inclusive sobre a indicação de certos livros para leitura. Trabalhava como docente da disciplina Comunicação e Expressão em Língua Portuguesa.

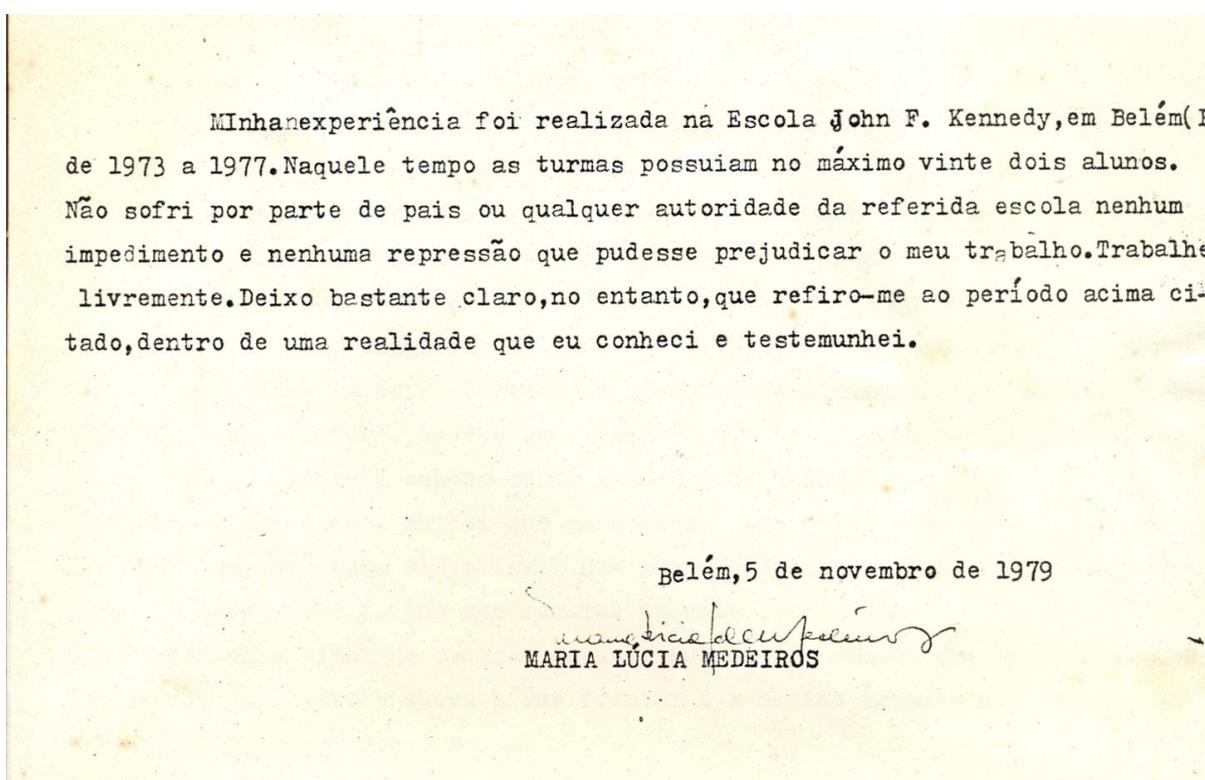


Figura 17: Relato de Experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979.
Fonte: Acervo da escritora, 1979. Organizado entre 2009/2010.

O que chama a atenção, além da expressividade do trabalho realizado, são as imagens poéticas que surgem em um simples relatório escolar⁵ sobre seu trabalho, primeiros ensaios, talvez, de uma escrita futura.

Faço parte de uma geração para a qual a ESCOLA representava um grande castigo. Um lugar onde se conquistava, entre palmas e

⁵ Parte do acervo sob a guarda de seu filho Mariano Klautau.

horrorosas medalhas de honra, o primeiro grande trauma de nossas vidas...

... Mas de uma coisa eu tinha certeza: antes de frequentar a escola, eu me sentia perfeitamente feliz. Lá entre dezenas de crianças de minha idade, eu aprendi o medo, a tristeza, a infelicidade, a revolta, o ódio, a melancolia e – principalmente – minha cabeça começou a encher-se de grandes dúvidas.

Quem era afinal aquela mulher que permanecia conosco a tarde inteira? O que representávamos nós para ela, afinal? Que identidade? Que busca? Que satisfação? Quais os motivos enfim que nos reuniam naquela sala?

Que ressonância tinha no coração daquela mulher, uma menina que sentava ao meu lado e que gaguejava e suava a sua frente? E o menino trêmulo nas pernas compridas de olhos parados e secos?

Reprimidos, mutilados, castrados, aprendíamos a somar e dividir laranjas, maçãs, pêssegos...

Mudos, quietos, medrosos, conseguíamos fazer diferenças entre um substantivo e um adjetivo...

A escola de meu tempo era assim. Um lugar onde a gente aprendia a ser infeliz (MEDEIROS, Relato da experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979).



Figura 18: Fotografia de Maria Lúcia, Colégio Gentil Bittencourt, 1956.
Fonte: Acervo da escritora, 1979. Organizado entre 2009/2010.

(Sua irmã Yêda⁶ conta que um dia Maria Lúcia com outras colegas trancou a porta da sala para impedir a entrada de uma professora de quem não gostavam. Foram severamente castigadas pela irmã-diretora. Maria Lúcia escreveu uma carta e desde então passou a ser vista com outros olhos).

A aluna questionadora, que viria a se transformar na professora reflexiva, queria despertar em seus alunos o gosto pela leitura e pela escrita, em seu anseio por uma outra escola, criativa, expressiva, contadora de uma realidade pela palavra em que tudo fosse aproveitado, uma palavra, um som, um dia de sol..., como registra Maria Lúcia em relato escolar (1979): “Mas eu perseguia o texto, o

⁶ Depoimento obtido em conversas informais com membros da família.

expressar essa realidade através das palavras, e tudo era aproveitado: o assunto primeiro do dia, uma palavra, um som...”.

Ser professora era um trabalho de que gostava, pois dizia que nunca conseguiria fazer algo que não amasse. Em seu relatório fala de seus alunos com imenso carinho, dedica-lhes trechos de sua “prestação de contas” como docente, descrevendo a maneira como eles entregavam seus textos, suas expressões. Aliava, naqueles idos anos de 1970, à expressão escrita outras expressões artísticas que ela mesma amava, como o cinema, a música (em seus arquivos há um caderno em que ela copiava letras de música).

E aí, eu confesso, comecei a ver todas aquelas carinhas por dentro, comecei a amá-los e respeitá-los muito mais, respeitar aquelas realidades tão cuidadosamente escondidas. Assinar o nome era uma opção deles. Entregar o texto também. Muitos não entregavam, alguns não assinavam (mas eu conhecia as letras) e outros ainda dobravam os papéis tão dobradinhos e com que respeito eu os desembulhava quando chegava em casa (MEDEIROS, Relato da experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979).

A jovem estudante do Colégio Gentil que “escrevia e guardava”, era naquele momento a professora que desejava despertar nos alunos o gosto pelas letras, pelas artes em geral, como ela mesma se manifesta: “Não posso deixar de confessar que foi a beleza do texto, a paixão e o respeito pelas artes em geral, mais um dos motivos”, para constatar que os alunos “mais curiosos, mais sensíveis, mais criativos” não correspondiam à melhor opinião de seus colegas. Mas observa que, à medida que criavam seus próprios textos, nascia o respeito pelo texto alheio, pela poesia. “Eu então aproveitava poemas do livro texto ou escolhia autores brasileiros (Drummond, Cecília, Bandeira, João Cabral etc.)”.

Tudo era motivo para discussão e para proposta de escrita: um dia de sol, a justificativa de um aluno que faltou à aula, a chuva... E daí nasciam os textos que se iniciavam, segundo Maria Lúcia, com um “bate-papo” e acabavam com um desafio “vamos tentar escrever o que falamos?”. Sobre a chuva, vale a pena conhecer pelo menos um pequeno trecho dos textos que ela citou em seu relatório escolar em um dia em que o tema foi a chuva que caía à noite.

Numa noite chuvosa o céu escurece, as estrelas desaparecem, tudo fica triste e quase sempre fica frio. O luar desaparece. Na floresta os

pingos d'água caem sobre a terra e a terra vira lama; as ruas ficam escuras e vazias, sempre um gato passa sobre as ruas, os animais se escondem (L. W., aluno) (MEDEIROS, Relato da experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979).

O amor pela leitura manifesta-se na apresentação de textos a seus alunos. Ao mesmo tempo questionadora e crítica, naqueles anos, em que era perigoso pensar, Maria Lúcia se pergunta se o aluno continua sendo um mero receptor de ideias e se indaga sobre o papel do educador.

Que diferença existiria finalmente entre aquela mulher presa na memória e meus colegas? Seria o medo? A recessão das atividades políticas pós-64, a autocensura mais que a censura, o medo de criar, de experimentar, a má formação profissional, a falta de acuidade psicológica, o receio de desagradar o corpo diretor e, fundamentalmente, o desconhecimento da palavra EDUCADOR. Seria isso tudo? (MEDEIROS, Relato da experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979).

E seus alunos e colegas como a viam? O que pensavam sobre a Maria Lúcia professora? Sobre aquela mulher que um dia se viu menina diante de uma outra, para na qualidade agora de ser essa outra se perguntar, como vimos, o que pensava aquela professora. Em seu relatório, há o depoimento de seus alunos falando do que fora despertado neles, do que sonhavam.

Não guardo mágoa de nenhum professor, mas da minha professora de comunicação e expressão, eu guardo uma grande admiração. E porque não dizer, um amor fraternal de uma pessoa que nunca poderei esquecer (C.A.S., aluno).

Comecei a me interessar seriamente por Poesia e Teatro. Além de ouvir, ler e trabalhar com isso eu queria conhecer e interpretar todo aquele mundo de palavras. Depois que comecei a fazer interpretação de textos e redação, notei que me identificava com a escrita e isso me ajudou a desenvolvê-la cada vez mais já pensando em termos de futuro (R. C., aluno) (MEDEIROS, Relato da experiência na Escola Kennedy, novembro de 1979).

Mundo das palavras, mundo de palavras, de certa forma o próprio mundo da escritora, sempre ligado à manifestação pelo texto. Como ela mesma diz a respeito de si própria (e que estamos repetindo aqui quase como um refrão que a define): escrevia, escrevia e guardava até que sentisse chegar a hora de escrever como ofício. Para isso, foi de essencial importância o incentivo de Fanny

Abramovich, pedagoga, que, no final da década de 70, vinha muito a Belém ministrar palestras sobre arte e educação e de quem Maria Lúcia se tomou de amizade. Então, quando a hora de escrever como ofício chega, o universo escolar, o mundo de crianças e jovens adolescentes aparece em sua escrita. Essa é a outra faceta de seus textos – que falam da menina que ela foi e dos meninos que teve como alunos. Seus contos nos apresentam personagens infantis, meninos e meninas, ora livres em quintais, ora adivinhando as palavras, ora fugindo das salas de aula, para se encontrar com personagens de outras histórias.

O tema dos professores repressores e do estudo não interessante, enquanto a aventura chama – seja real, na natureza, seja imaginada, nos livros –, é recorrente em seus enredos. Naquela época, fora da escola, para as meninas, por exemplo, entre as aulas de prendas domésticas, havia a de costura. No conto “Chuvas e trovoadas”, presa entre as paredes, a menina ouve o apelo irrecusável de liberdade das águas da chuva, da chuva grossa – foge da aula, e nunca mais reaparece, prefere dedicar-se ao exílio de personagens de livros, como ela própria...

A professora ergueu os olhos por cima dos óculos. Mas a menina já estava de pé, braços abertos num longo espreguiçamento e, ligeira, atirou caixas e agulhas e linhas e dedal pra cima, pro alto, bem pro alto, esparramando pela sala dezenas de alfinetes e pedacinhos de renda que se foram alojar, num voo doido, por cima das meninas costureiras.

Na mão esquerda, a tesourinha ameaçadora que ela fincou sobre a mesa e virou as costas, rindo das caras assustadas das outras meninas. E abriu a porta.

– Merda! Que ela disse ainda, antes de mergulhar na chuva grossa que banhava ruas e calçadas.

Contam, por fim, que a menina, filha de um professor de filosofia, passa as tardes devorando livros de aventuras, contos de fada, lendas e mitos, sonhando com terras distantes... E que (já ia me esquecendo) anda apaixonada por um tal de Robinson Crusó (MEDEIROS, 1988, p. 54-55).

Em outro conto, “Nimbus, Cirrus, Cumulus e Estratus”, são descritas outras lições quase mágicas, para um menino quase sábio, lições ensinadas entre arbustos, pedras e jasmineiros:

Quase sábio menino, ali sentado como se estivesse no alto da mais alta montanha, o mundo lá em baixo, e desenrolasse romances de aventuras, histórias de encantamento, soltas ao vento e que iam alojar-se depois nos ouvidos da menina...

Pastel, óleo, litogravura... A copa altíssima, tronco vigoroso, resina e formigas brilhantes, menino e menina, a sombra derramada, frutos amadurecendo, adocicando...

– Mas... uma menina nua eu nunca vi!

No instante seguinte liberto das roupas, de pé, o corpo nu da menina, lição primeira estampada no rosto do menino quase sábio que não ousou se levantar.

Pálido, estudava o mapa pequenino, visão impúbere, delta cor-de-rosa, nascente, afluyente, correndo ruidoso para desaguar borbulhante nos olhos (agora sábios) do menino.

Faltou contar de dragões e de princesas. Faltou cantar cantigas que aprendera com a avó... Faltou assobiar para chamar o vento...

Faltou soprar a gaitinha guardada no bolso para fazer dançar as árvores e aproximar os gnomos...

No entanto, não dançavam agora as árvores? Não soprava o vento? E não eram os gnomos que se aproximavam, ao som da gaitinha, para festejar lições, entre arbustos, folhas de bananeira, musgos e pedras, capim e jasmim? (MEDEIROS, 1988, p. 32-33).

Para Maria Lúcia Medeiros, a obra é revestida pela imaginação poética sugerida pela vida, e a vida retoma a imaginação para os fazeres (poético e docente). Surge, então, esse mundo imaginário, que nos propõe Bachelard (1979), onde a imaginação é a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, que cantam a realidade, que a inventam.

Da mesma forma, também trançando experiências e textos escritos, quem se empenha na biografia de uma escritora, mais do que quem escreve sobre uma pessoa comum, encontra o fascínio da descoberta seja pelos livros seja pela vida. Esse vaivém envolve a trama da biografia literária e, espalhando-se no espaço textual, preenchendo os intervalos criados entre a criação literária e o referente biográfico.

Após a experiência na Escola Kennedy, Maria Lúcia ingressou na Universidade Federal do Pará, em 1978, de onde saiu aposentada, em 1991. No Centro de Letras e Artes, ministrou as disciplinas Literatura Brasileira, Teoria Literária, Literatura Infanto-Juvenil.

Dedicou-se com enorme e delicado prazer à Literatura Infanto-Juvenil, colecionava livros da área, tencionava especializar-se na disciplina. A leitora que existia nela desde muito tempo continuava a tentar despertar esse mesmo prazer em seus alunos. Relembrou escritores que já havia lido, como Monteiro Lobato, José Lins do Rêgo, Helena Morley. Relacionou-se com escritores que pertenciam a esse

domínio: Ligia Bojunga Nunes, Fanny Abramovich, Bartolomeu Campos Queirós, entre outros.

Exigente com o uso correto da língua tanto na escrita quanto na fala, corrigia de imediato o pronome “tu” com o verbo usado na terceira pessoa. Procurava conhecer os alunos, saber-lhes o nome. Em seus cadernos, há a relação de nome de alunos, com as respectivas notas, trazendo, ao lado do nome, a anotação de que aspectos “leitura” ou “uso da gramática” precisavam melhorar.

Outro momento prazeroso de seu trabalho foram as correções de redação do vestibular da UFPA, entre 1991 e 1995. Em seu caderno, relaciona as participantes: Lila, Izabel, Ana Petrucelli, Telma, Sonia Celia, Graça, Lilia, Juruema (assim mesmo, sem sobrenomes). Estar com o grupo e com esse trabalho, segundo suas anotações, trazia-lhe muito trabalho e também muito prazer.

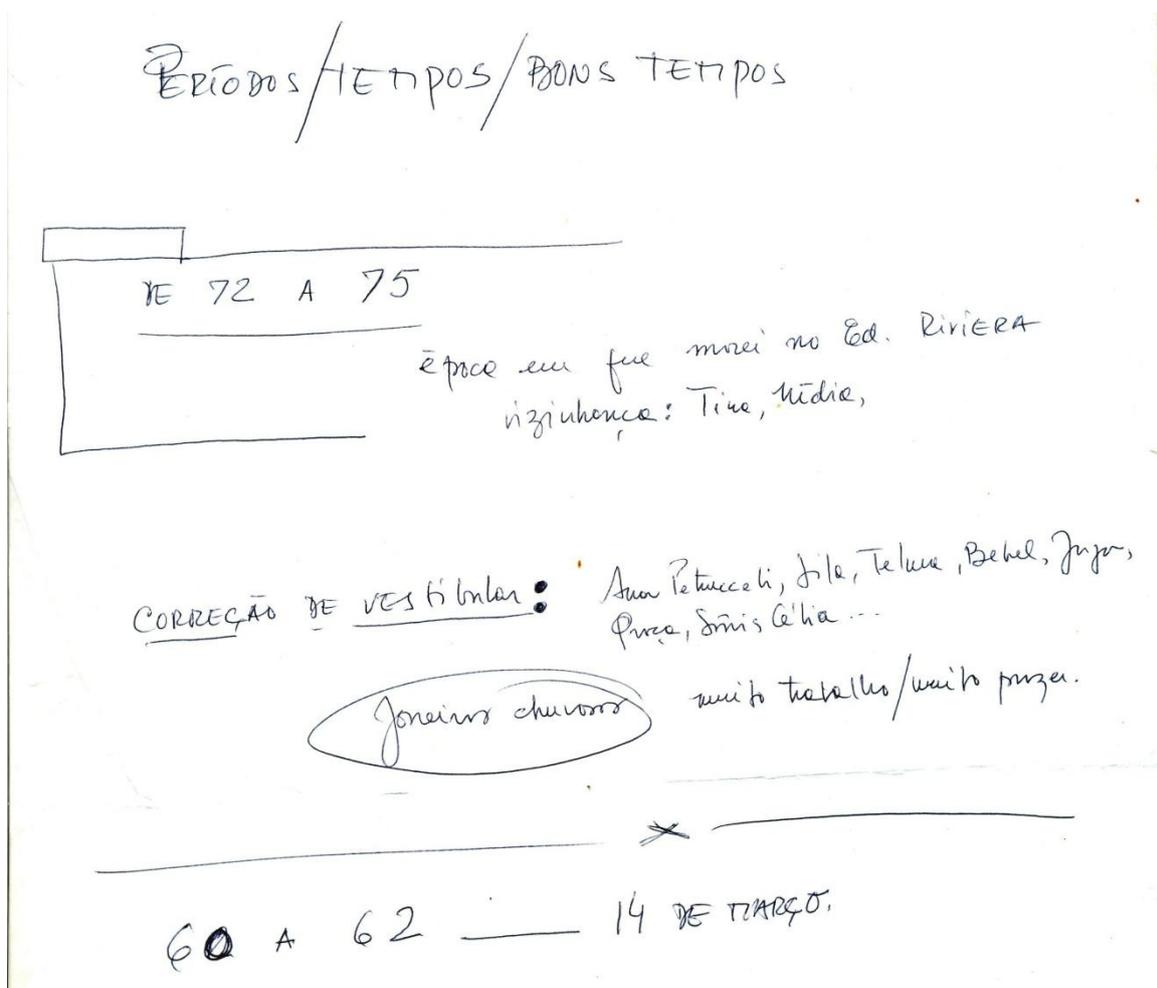


Figura 19: Anotações, s/d.

Fonte: Acervo da escritora. Organizado entre 2009/2010.

Na sequência, a foto do grupo de trabalho em uma das salas da Universidade Federal do Pará. O companheirismo do grupo e a relação de confiança, certamente, superavam a “trabalheira” que devia ser corrigir, comparar e acertar na avaliação das redações para que não houvesse injustiça. Isso transparece na expressão das componentes do grupo. A foto não deixa de ser esse registro de um momento único com um significado maior para quem viveu a experiência, uma espécie de ressurreição, dirá Barthes (1984) em suas notas sobre a fotografia.



Figura 20: Foto de Maria Lúcia com a equipe de redação (Professoras: Juruema Bastos, Ana Petrucelli, Izabel Soares e Lília Chaves).

Fonte: Acervo da escritora. Organizado entre 2009/2010.

Aposentada, não deixou de trabalhar com as palavras – ao lado do escritório de escrever –, foi consultora na Casa da Linguagem junto com o poeta Max Martins,⁷ então diretor daquela instituição. E mais uma vez uniu vida, criação e leitura. Observava atentamente tudo o que se referia à manifestação sobre uma boa leitura, um bom escritor, destacava personagens (considerava Juliana Couceiro criação magistral de Eça de Queiroz). Sobre essa temática, ela conta:

⁷ Max Martins, desde 1991, atuou como diretor da Casa da Linguagem, da Fundação Curro Velho, em Belém.

Cena comum na Casa da Linguagem era a entrada de jovens na sala do diretor Max, à procura da luz orientadora do poeta para escritos e falados, bem como comum era dali saírem para a biblioteca da mesma Casa da Linguagem em busca de obras citadas por Max, imprescindíveis leituras para quem buscasse bons exemplos.

De minha mesa a poucos passos da dele também aproveitava a oportunidade de ouvir enquanto, de cabeça baixa, desenvolvia minhas tarefas.

Um dia Max falava sobre Thomas Hardy e sobre JUDAS, O OBSCURO, romance, um dos prediletos do poeta. Max contava a história de Judas com detalhes, atalhos e alongamentos absolutamente encantadores que Thomas Hardy jamais havia escrito.

Era o Judas, mais obscuro ainda, nascido naquele momento de puro êxtase criativo, estranho a mim, sim, mas absolutamente grandioso, igualmente genial, surgido de um lugar de incerto endereço, o lugar das míticas vozes, o lugar da ficção (MEDEIROS, 2004, p. 9-10).

O lugar da ficção é também o lugar da vida, da troca, da retomada de memórias sobre o texto lido por um leitor e recontado por outro, em um espaço de trabalho de formação de jovens leitores, sobre diferentes tipos de linguagem. É o texto da vida, da memória sobre o espaço do texto da ficção no qual se observa a atividade viva da imaginação, desprendendo-se ao mesmo tempo do passado e da realidade. O espaço da imaginação, segundo Bachelard (1998), é o espaço vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades que ele contém.

Seu trabalho até o fim foi com a palavra, mesmo onde havia silêncio, quando perdeu a fala, seja como professora, palestrante, leitora, escritora.



Figura 21: Maria Lúcia e alunas. Foto Janduari Simões, 1990.
Fonte: Acervo da escritora. Organizado entre 2009/2010.

Na foto, Maria Lúcia conversa com alunas, após palestra sobre seu livro *Velas. Por quem?* Diz Barthes (1984, p. 127) que a fotografia fala “daquilo que foi”. O que foi este momento no espaço de uma sala de aula? Com delicada toalha de crochê, a mesa posta: o alimento é o texto da palestra, os livros. O olhar instigante da escritora contrasta com a postura das estudantes, e os claros espaços recortados pelos uniformes como um intervalo – a ser preenchido – de quem espera alguma coisa: o interesse em entender quiçá o mistério da escrita e o prazer de conhecer alguém que lida com isso. Nesse espaço, coexiste a professora a escritora e a leitora.

3.2 - A leitora

Lia com paixão e com uma incrível entrega, porque além de ser uma senhora devoradora de livros, ela fazia os deveres da escola e ninguém tinha do que se queixar.

Maria Lúcia Medeiros

Tratemos, agora, da leitora. Assídua frequentadora de livrarias, Maria Lúcia tornava-se conhecida dos livreiros. Em Belém, sempre uma visita à Livraria “Jinkings” e, em anos mais recentes, à “Ponto e Vírgula”. Tornou-se amiga da livreira, Teresa Azevedo, sugeria-lhe livros, eventos. Lia por prazer e pelo prazer da descoberta, comentava que sempre, ao acabar de ler um livro, “baixava leve melancolia”, mesmo com a imaginação ainda às voltas com o ambiente, com as personagens, com o enredo. Quanto ao *Grande sertão veredas*, de Guimarães Rosa, dizia que depois de lê-lo nem ela que nada tinha publicado nem ninguém que havia lido e amado sabia de nada. Segundo suas palavras, passou por uma crise seriíssima, mas aos poucos foi se recompondo da emoção.

Seus cadernos estão recheados de anotações sobre livros, títulos e comentários a respeito deles. É inegável seu fascínio pela escritora Virginia Woolf, sobre quem, além de fazer várias anotações em diferentes cadernos, chegou a

organizar um evento na Casa da Linguagem intitulado “Conversando sobre Virginia Woolf”, em janeiro de 1992.

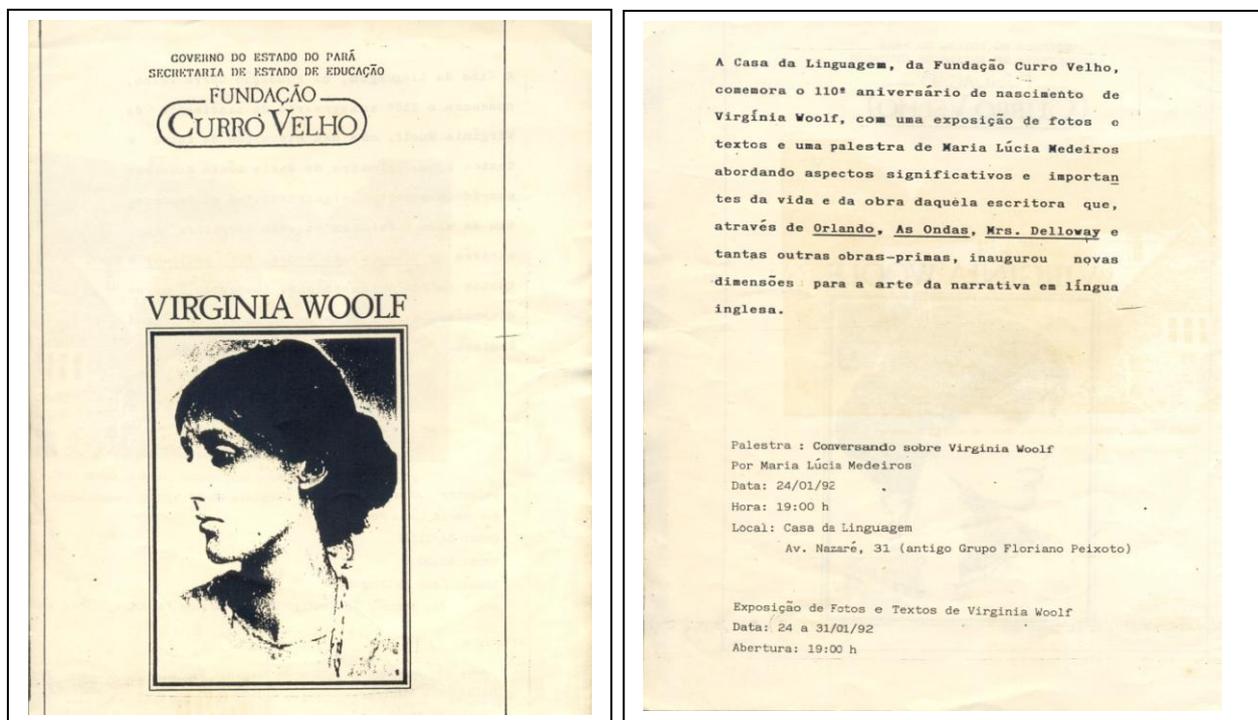


Figura 22: Imagem do convite para um encontro com Virginia, 1992.
 Fonte: Acervo da escritora. Organizado entre 2009/2010.

No que diz respeito a essa escritora inglesa, Maria Lúcia Medeiros comenta seus livros, o grupo de “Bloomsbury”, do qual faziam parte, escritores, pintores, desenhistas, críticos de arte, economistas. Especificamente sobre o livro *Mrs Dalloway*, ela faz questão de escrever que foi o primeiro de seus três livros que a crítica mais exigente aponta como um dos melhores. E prossegue, tornando-se ela mesma uma crítica de Woolf:

[...] é o primeiro – então – que inaugura uma técnica nova chamada “stream of conscientious” – ou seja – o “fluxo da consciência” quando o narrador se dilui nesse fluxo e ficamos nós, os leitores, a encaminhar os momentos de acordo com a nossa maior ou menor percepção de sensibilidade (Caderno 1992, acervo da escritora).

Do livro *As ondas*, ela comenta sobre as personagens, diz que nesse livro Virginia conseguiu domar a loucura da escritora, aproveitando as “visões” como

pano de fundo para as personagens (irmã, irmão, amigo) que a cercavam. Continua, então, com sua percepção de leitora e crítica sobre essa publicação:

Não tem uma história. Há fragmentos cuja única linha é a “visão” que ela tem.

Obs: os claros e os escuros presentes na obra inteira transformam-se num único dia onde o sol nasce e morre. Ela refaz lucidamente o ciclo solar. Não há sombra e luz entremeados (seriam os momentos que ela não domava). Nas “Ondas” ela doma e tem a lucidez de encaixá-los no dia e na noite como um ciclo completo do dia ou da vida pessoal ou de escritora (Cadernos de 1992 a 1996, acervo da escritora).

Maria Lúcia Medeiros discorrendo sobre Virginia Woolf, a escritora falando da escritora relaciona – como faço neste trabalho – a vida pessoal e a de autora, e desenha o traço imaginário entre fato e ficção, os princípios básicos da crítica biográfica. Essa nova narração, entre real e fictícia, configura-se em um novo plano narrativo, gerado pela conexão entre a teoria e a ficção e pelo teor documental e simbólico do objeto de estudo, demonstrando que os pequenos relatos não apenas constituem o objeto da análise como também compõem a narrativa literária e cultural.

Muito tempo depois, as lembranças de Maria Lúcia, após ter passado um ano na cidade do Rio de Janeiro para tratamento, voltam-se, novamente, para suas leituras e recorda, em *O lugar da ficção* (2004, p. 14-15.), um Rio machadiano “a fazer surgir personagens que descem a Rua do Catete quando, aos sábados, vou ver as lojas, as alfaiatarias, os ‘pregam-se botões’. Esse lugar existiu, existe ainda ou carreguei comigo das minhas primeiras incursões nos livros de Machado de Assis?”. Maria Lúcia Medeiros, exímia ficcionista – inclusive na maneira de viver –, mistura todos os espaços em uma errância de pensamento, e tudo se torna, enfim, em “lugar de ficção”: as ruas sonhadas, as imaginadas, as verdadeiras, as lidas...

E prossegue em suas reflexões.

Há ainda hoje uma Rua do Catete? Pregam-se botões naquela porta ou carreguei comigo a tabuleta de uma casa da Cidade Velha, em Belém? Ou são minhas tias solteiras de grandes olhos amarelos, curvadas, a bordar nos bastidores? E onde estão os botões cobertos que, agora mesmo, deixei na Rua do Catete?

Não os encontro mais, encontro a maquete que os transforma, ali bem no canto à esquerda de quem adentra a porta da sala de costura de minhas tias, em Bragança, no Pará. E eu tenho só nove anos e escondo das tias o sapato que, propositadamente, mergulhei na poça d’água.

O que se transforma, então, botões simples em encapados ou a mistura das lembranças da vida e da ficção em um tear em que as linhas se embaralham, e tudo, por ser ou não ser real, já não importa mais? As coisas existem porque a memória guardou sem se importar com as gavetas dos guardados reais e imaginários. Walter Benjamin, citado por MIRANDA (2000), salienta o ilimitado da recordação ao se referir às provas de *À la recherche du temps perdu*, que Proust devolveu ao editor Gallimard sem nenhuma correção gráfica, embora tivesse preenchido todos os espaços em branco das páginas com novos parágrafos.

Esse ato de recuperação da memória que vaga entre o real e o imaginário recria um texto novo a partir das vivências e das lembranças das várias “vidas” misturadas, as reais e as encontradas nas leituras, num exercício infundável – e, portanto, atemporal e sem espaço definido – da criação literária.

Em outro trecho, Maria Lúcia conta acerca de uma viagem a Nova York, quando, andando pelas ruas, entrou em uma livraria e encontrou um livro que falava de “lugares especiais criados pelos romancistas, lugares edificados pela imaginação criadora, e que se tornavam para sempre cidades reais, lugares reais”. E ela conclui:

Folhee o livro trêmula de emoção. Havia até os mapas dessas cidades. Livro bonito e caro para nossas bolsas brasileiras e eu partiria, de volta ao Brasil, no dia seguinte além de ter um amigo muito apressado. Lembro muito bem do mapa de Macondo. Ou não era Macondo? Eu de fato vi ou gostaria de ter visto? Realidade ou ficção? A Pasárgada do Bandeira estava lá? Difícil referência de encontrar, eu sei. E as cidadezinhas ásperas de Faulkner? Estavam lá, eu também sei.

O relevante de tudo é o tema, o assunto que remete às incompreensíveis voltas das fontes criadoras, lugares errantes ou feitos das errâncias do pensamento, de impossíveis medições (MEDEIROS, 2004, p. 10).

Esse deslocamento do pensamento, esse recobrar da memória, refaz a noção de texto, outrora concebido como algo acabado ou definitivo. A criação escrita passa a ser considerada como produto de um novo tipo de memória, que lembra, guarda, mas também cria, ao sabor de “um *jogo de intensidades*, marcado pela força de significação que cada elemento vai adquirindo no conjunto significativo que é o texto concluído e, a rigor, nunca terminado” (MIRANDA, 2000, p. 51).

(Lembro que, ao reescrever o texto de Maria Lúcia contando que escondera os sapatos propositadamente mergulhados em uma poça d'água, veio-me à lembrança o dia em que ela, encantada, mostrou-me o livro *Minha vida de menina*, da Helena Morley, que acabara de ler. Para mim, ela era a mesma menina do romance que me fizera ler – figura humana fictícia e real.)

Suas leituras eram muitas e diversas, livros de literatura infanto-juvenil, poemas, de autores novos e de autores consagrados. Os cadernos contêm letras de música, poemas, lista de livros, nomes de filmes, álbuns de viagem. Há cadernos somente para algumas viagens, verdadeiros diários de bordo, em que ela colava – com muita sensibilidade – *tickets* de metro, *folders* de exposições, entradas de museus, tudo, enfim.

Em um deles, ela se refere à releitura que fez de *Primo Basílio* de Eça de Queiroz, na casa de um amigo, em Lisboa. O início do livro de Eça de Queiroz descreve um ambiente lisboeta de outra época...

A sala esteirada, alegrava, com o seu teto de madeira pintado a brando, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo: fazia calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, escaldar a pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa [...]. Um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, enchia toda a sala dum rumor dormente (QUEIROZ, 2001, p. 54)

Mas, no seu pequeno *carnet de bord*, a leitora de *O primo Basílio* teve o cuidado de colar a foto da sala da casa onde estava hospedada.



Figura 23: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora. Organizado entre 2009/2010.

E deixou-se levar pelo prazer de reler Eça, ouvindo os ruídos de uma Lisboa em suas próprias palavras literárias. Considerava Juliana Couceiro uma criação magistral, a única das personagens do romance a possuir grande densidade psicológica, talvez uma mostra do conhecimento do autor sobre o gênero humano ou quiçá a própria magia da inexplicável ficção. Nesses comentários, podemos sentir a escritora refletindo sobre o processo de criação literária, dos autores que lia e do seu próprio. Refletindo sobre o destino das personagens.

Retomo a frase do início deste entreato, como para fechar um ciclo e passar para outro, que também poderia começar com a mesma frase: se existe destino, o de Maria Lúcia esteve ligado à Literatura.

ATO III - MARIA LÚCIA MEDEIROS E O EXERCÍCIO DA FICÇÃO

No fundo, um escritor não cria sua obra simplesmente em seus livros, mas sua obra principal é afinal de contas ele mesmo no processo da escrita de seus livros.

Michel Foucault



Figura 24: Maria Lúcia. Foto Orlando Maneschy – *A Província do Pará*, 1997.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Esta é a escritora por ocasião do lançamento de seu segundo livro *Velas. Por quem?*, em 1997 em edição especial Secult / A Província do Pará.

Mas, lembremos da jovem que escrevia e guardava e que sempre gostou de escrever. Seu primeiro trabalho publicado, resultado, finalmente, da escrita como ofício, foi “Corpo inteiro”, na antologia *Ritos de Passagem da nossa infância e adolescência*, organizada por Fanny Abramovich (1985). Em 1988, lançou

seu primeiro livro de contos, intitulado *Zeus ou a menina e os óculos*. “Corpo inteiro” abre essa edição. Nesse primeiro livro, já temos ideia da singularidade de sua escrita, da capacidade de velar significados, de poetizar enquanto narra suas histórias. Em 1993, publica *Velas. Por Quem?*. No mesmo ano, participa do Colóquio *Nouvelles Dailleurs* (novos escritores latino-americanos), na Sorbonne, em Paris. Sobre sua escrita, diz o crítico francês Michel Riaudel: “Sintaxe, léxico, sonoridade, nada é deixado ao acaso, tudo é cuidadosamente pesado, calibrado, para chegar a este fraseado tão sutil, um tanto arcaizante, que é a sua marca” (RIAUDEL, *Jornal da Jinkings*, 1995).⁸

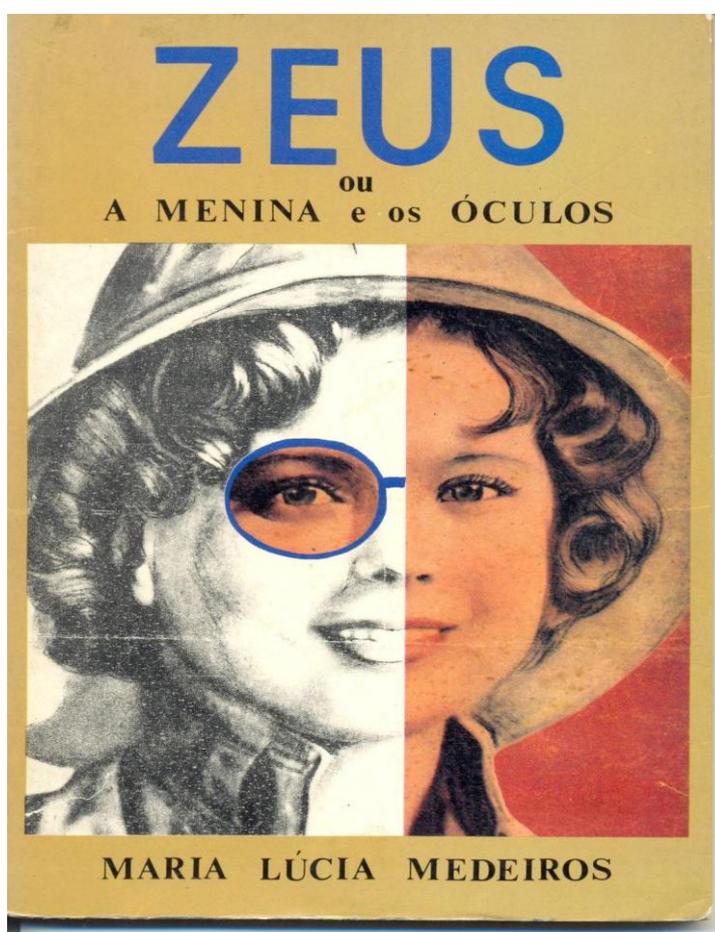


Figura 25: Capa do primeiro livro de Maria Lúcia Medeiros, 1988.
Fonte: Arquivo pessoal.

⁸ Acervo da escritora, sob a guarda de seu filho Mariano Klautau.



Figura 26: Capa do segundo livro de Maria Lúcia Medeiros, 1990.
Fonte: Arquivo pessoal.

Em 1994, a Editora Cejup, Belém do Pará, publicou seu terceiro livro de contos *Quarto de Hora*. Nesse livro, há um texto mais longo, uma novela, seguido de textos mais curtos. Em todos, o esmero com a palavra, sempre o não dito, o poeticamente escondido nas linhas, a transgressão, o reflexo de espelhos, o jogo de luz e sombra ora revelam a face mais humana das personagens, ora deixam na sombra seu lado sombrio, que por vezes salta das entrelinhas.

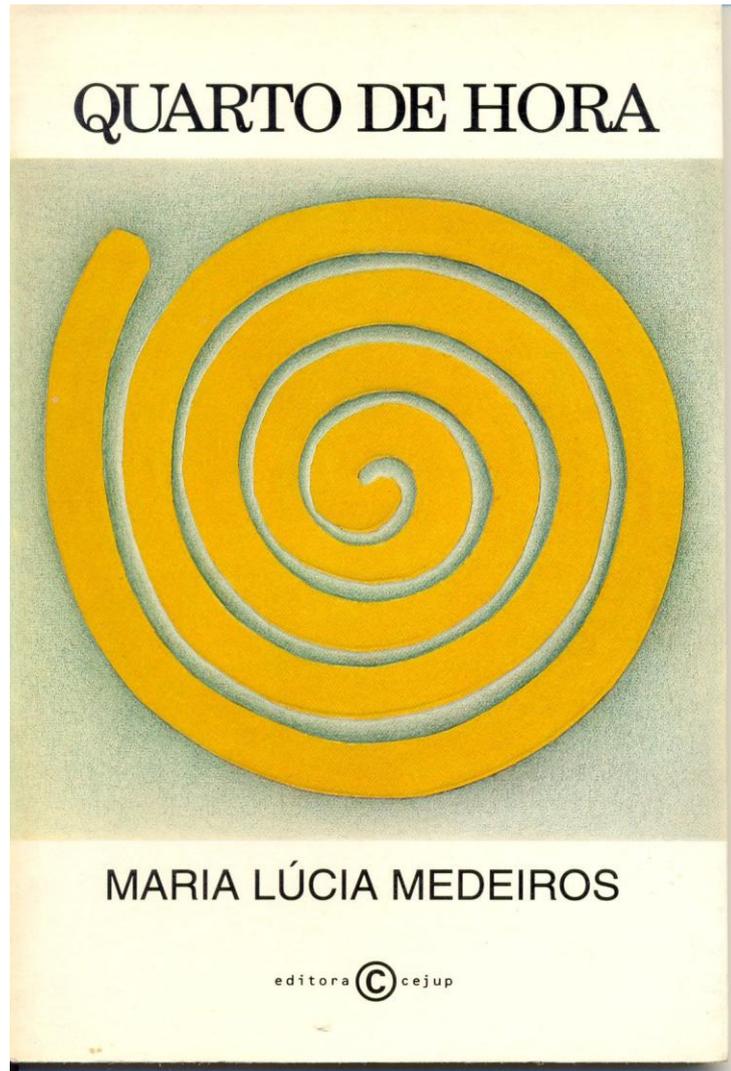


Figura 27: Capa do terceiro livro de Maria Lúcia Medeiros, 1994.
Fonte: Arquivo pessoal.

Sobre *Quarto de Hora*, diz o poeta Max Martins:

Quarto de Hora, por exemplo, que meio nos enlaça com a poesia... sendo contista. É possível? Tudo é possível se a alma (e a técnica de sua escrita) é possível de horizontes e profundidades que Maria Lúcia sabe e vai descobrindo. Todas as portas estão abertas, ou não há portas para os verdadeiros artistas.

Acho que acabo dizendo que o que amo desse livro é a poesia. As palavras que Lúcia faz fluir no arrumar de suas frases e dos seus textos se avizinham da poesia.

Não esqueço que ela é uma contista, mas seus personagens não estão *fora* da linguagem. Esta também faz as figuras, os tipos. São poéticos porque são ditos e estão possuídos pela seiva daquela árvore (MARTINS, *Jornal da Jinkings*, 1995).

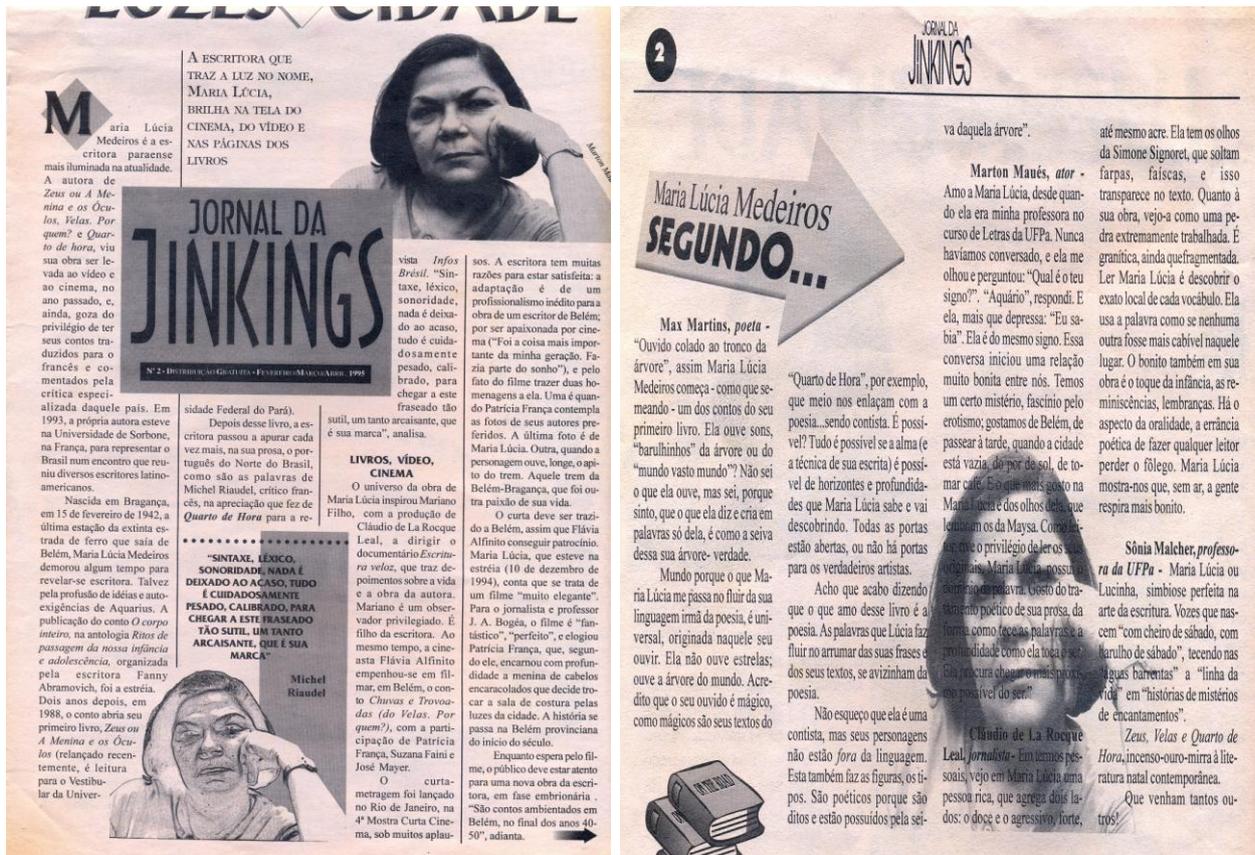


Figura 28: Jornal da Jinkings, 1995.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Horizonte silencioso viria em 2000, em uma publicação da Editora Boitempo, realizando uma incursão pelos recantos da memória, com personagens que retomam lembranças antigas, histórias do passado, quadros que estão e não estão ali, à vista, naufrágios que podem ou não ter acontecido, histórias dentro de histórias, e uma avó amada.

A *Horizonte silencioso* segue-se *Céu caótico* (2005), publicação póstuma pela SECULT-Pará. Contos escritos entre 2004 e 2005, quando esteve no Rio de Janeiro a tratamento e na Ilha do Mosqueiro, onde Maria Lúcia escolheu viver até seus últimos dias.

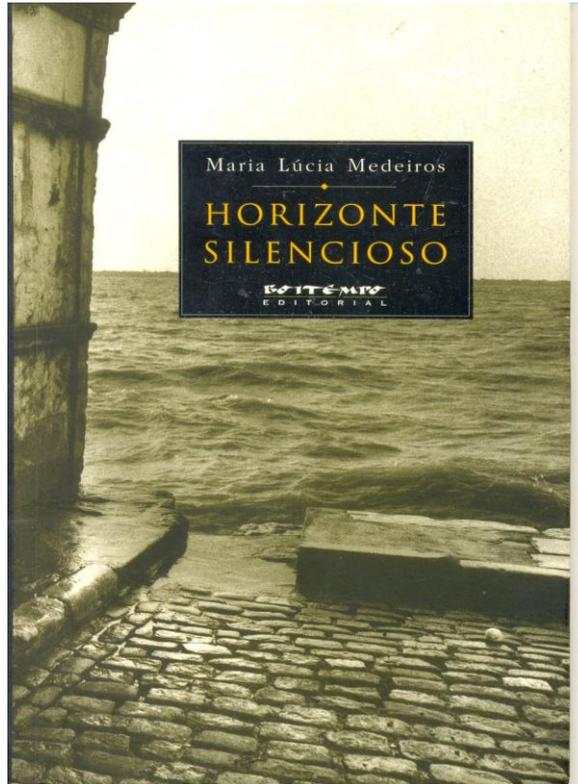


Figura 29: Capa do quarto livro de Maria Lúcia Medeiros, 2000.
Fonte: Arquivo pessoal.

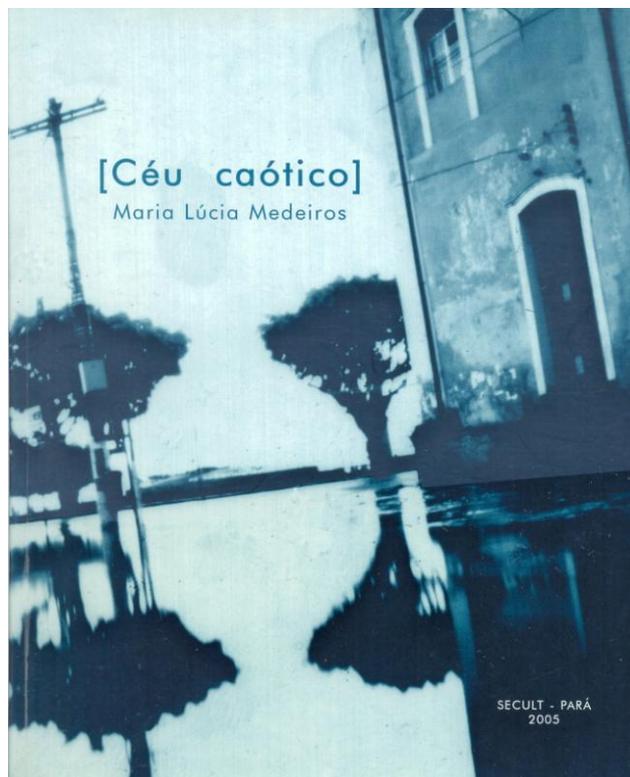


Figura 30: Capa do quinto livro de Maria Lúcia Medeiros, 2005.
Fonte: Arquivo pessoal.

Feita essa apresentação de seus títulos, pergunto-me como seria seu processo de criação? Como começava um conto?

Maria Lúcia se revela em muitos momentos tanto na leitura quanto na escrita. Vimos que ela se dizia “leitora compulsiva”. Que escrevia e guardava em cadernos e mais cadernos. Nesses cadernos, há traços, linhas que revelam desenhos de casas, barcos e textos, em volta sempre textos. Escrevia nesses cadernos as ideias para os contos, fragmentos de lembranças que algo ou alguém despertava e que logo virava uma anotação ou um traço, uma ideia. Depois passava para sua pequena máquina *Olivetti*. Mas tudo começava em um ou outro caderno. Em 1997, começou a escrever o Diário, com fatos de sua vida, com relatos de sentimentos, alegrias, tristezas, perdas.

Do último livro publicado, *Céu Caótico*, faz parte o conto *I'm in the mood for Love*, do qual encontrei em seus guardados um esquema intitulado ‘primeira alternativa’, ou seja, não a primeira ideia, talvez, mas uma das muitas aberturas de sua criação, seu ensaio, suas anotações, as partes, as frases, as perguntas sobre as personagens, quem eram? Vejamos.

1ª alternativa

Começa com "Abriu a porta c/ cuidado)

I parte (ou seja, o músico chegando para a 1ª aula de música / um plano da cidade / .

II parte - (Quem era o músico e quem era o professor)
 Pode começar com "Só me pareceu ter caído do céu"
 ele' e os ouvintes do piano)
 (ou seja, apresenta-se o professor, como chegou na cidade / de novo um plano sobre a cidade / como se instalou e onde se instalou)

III parte (Apresenta-se o o dos músicos e por conseguinte o músico, ~~através~~ três e partes do ouvinte)
 Pode começar com "A vila dos Industriários ele' e ~~o~~ ouvinte ~~ouvinte~~ com o marinhaio"

IV ou III parte b) Pode começar com o "Possumos Paul
 e aí introduzir uma parte para a próxima parte que seria

IV parte — A visita que os III fazem ao professor.
 e a pequena mostra de quem é o músico (professor)

Aqui deveria entrar os professores do músico / uma apresentação do aluno e professor e uma figura de mulher
 um foto universidade — e uma de James Dean / on Broadway Melis
de Fleuryville

V parte — a última aula / o professor faz parte /
 a aula / e vidas de um /

Figura 31: Esboço do conto *I'm in the mood for love*, 2005.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

De onde, acabo de me perguntar, vêm as ideias do escritor, de que fonte jorra esse mundo imaginário. *I'm in the mood for love* em sua narrativa descreve lugares como praça, catedral, largo da sé e de um professor de música. Essa matéria transformada em palavra está na imaginação e na vivência do escritor. Esse mundo povoado de lembranças é, também, a vida de Maria Lúcia em sua cidade Natal e de todos os anos vividos em Belém. A casa da família, onde nasceu, em

Bragança, e vivia uma de suas tias muito querida, a quem Maria Lúcia chamava carinhosamente de Tia Sabazinha transfigura-se na casa do Professor Stock. Características dos antigos casarões, janelas altas, a cristaleira ao fundo, a mesa, as flores tudo remonta a um ambiente impresso na memória.



Figura 32: Tia Sabazinha, foto Elza Lima, 2002, possivelmente.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Em *A poética do espaço* (1998), Bachelard observa que se “lê uma casa”, que se “lê um quarto”, pois eles guiam os escritores e os poetas na análise da intimidade. Diz, ainda, que se podem examinar algumas casas e alguns quartos “escritos” por grandes escritores. A esta imagem acrescento que se pode ler o

ambiente da vida e o fictício, pois cada vez mais posso ver que se emaranham entre o documental e o simbólico de que trata a crítica biográfica (SOUZA, 2002).

Do documental, remeto sempre ao Diário, no qual há muito sobre ela mesma e seus pensamentos sobre o exercício de sua ficção. No dia 15 de janeiro de 1999, Maria Lúcia escreve em seu diário a perda de um grande amigo, amigo de infância, o Ricardo. Fala de sua dor e rememora as conversas com sua irmã Yêda “que tem guardada” uma enorme parte de sua infância. Conta do prazer que tinha de conversar com ela. Diz ainda que naquele momento ouvia *Blue Moon*, música segundo ela um capítulo à parte. E prossegue “Incrível como foi possível escrever ‘Teu segredo: os nomes’. Ele é legítimo”.

No conto “Teu segredo: os nomes” (2000), há uma ebulição de acontecimentos envolvendo uma mulher e um homem, em que tudo se mistura: tardes quentes, chuva, cinema, cigarro, sem deixar entrever onde entra a fantasia e a realidade no espaço do texto.

Mas naquela tarde era o avesso das coisas como sempre fora, de preferência assim, em tardes claras, para que o mundo se mostrasse a ela poço de escuridão inevitável. Em meio a náusea, clarões: árvore da praça curvadas pela chuva, o céu encoberto, as vozes distantes (p. 29).

Legítimo então para mim vira pergunta: por que legítimo? E por que o comentário entremeado a lembranças? Será que para mostrar o *quantum* de sua vida esprou-se por sua ficção, ainda que a escritora não o percebesse de imediato e não o planejasse. Refaço meus próprios passos neste trabalho para voltar a *O Lugar da Ficção* (2004), no qual ela, a escritora, observa:

A tessitura não se restringia a uma experiência isolada, alguma coisa que ao se transmudar seguisse em linha direta alinhando personagens, situações, lugares. Não, tal era a minúcia do recorte que, pesquisadora de meu próprio texto, me deparava quase um irreconhecível criador. Uma palavra, um só vocábulo arrastava torrentes de imagens. Outra palavra posta no lugar de um outro nome passava a ser o nome sem de fato sê-lo. Uma porta aberta a serviço do lúdico impossível para ser possível aos olhos de um outro leitor (p. 8).

A criação literária e sua matéria feita de vieses de lembranças, de fragmentos de memórias, de memórias inventadas, de memórias feitas de

esquecimento. É preciso esquecer às vezes para lembrar no texto criado “todas as vidas que outrora tive”, diria o poeta Fernando Pessoa.

Maria Lúcia, ainda em 15 de janeiro, escreve no Diário que tentará selecionar imagens “e ver no que dá”. As imagens procuradas vêm de suas lembranças, de coisas vistas, vividas e ouvidas, sentidas. Esse recordar não deixa de ser a espécie de memória involuntária da qual fala Proust (1954) – as coisas que ela lembra sem esforço, para no futuro, inspirar uma escrita – o real inspirando a ficção.

- O neon escrito “Blue Moon” que eu via da janela da casa da Anita, em São Braz. Atrás do mercado.
- As meninas do Gentil de capa de chuva bege e pasta escolar de couro, com fecho assim [e desenhava um retângulo] sem alças.
- O quintal do Gentil, as aulas de Ed. Física, a professora Olga, os calções azuis e as blusas brancas, o porão onde nos vestíamos.

- O mármore das soleiras, os gestos da Irmã Maria Augusta comigo depois de uma sessão de cinema no Colégio na sala de química. O olhar.
- Eu folheando revistas sobre as missões das Filhas de Santana (ordem a que pertenciam as freiras do Colégio) na África. Revistas italianas. [que incitavam talvez a alma a viajar – evasão no espaço]
- As capas dos meus livros. Meu pai chegando com os nossos livros novos. Jamais deixamos de comprar um livro sequer. O cheiro deles quando o ano escolar começava. As saias grossas. Era o meu pai quem comprava os nossos livros.
- Meu irmão Ronaldo saindo de uniforme cáqui para o Paes de Carvalho.
- a forma, o gosto, a textura, a cor do sorvete de cupuaçu
- o cheiro das sorveterias.
- os ônibus, o cheiro dos ônibus.
- Nadiège – uma Audrey Hepburn cabocla. O uniforme impecável, limpo, engomado, uma imagem da adolescência, morena, dentes brancos, filha de um dentista com uma professora, filha única mulher, três irmãos mais novos e endiabrados Sérgio, Roberto e Haroldo (MEDEIROS, Diário, 15 de janeiro de 1999).

acho de foto, relaxante, conversar com ele. "Blue Moon" é um capítulo e parte. É a música que me inspira. Ela oculta os meus sonhos. Inútil como foi possível escrever Teu segredo: o amor. Ele é legítimo. Não acredito em fadas.

Vou tentar selecionar umas imagens e ver no que dá:

O neon escrito "Blue Moon" que eu vi da janela da casa da suite, em S. Prax, atrás do mercado.

As mezinhas do Gentil de capa de chuva bege e pasta escolar de couro, com fecho, ornice 

sem alças.

O quintal do Gentil, as mols de Ed. Física, a professora Olga, os coleções aqui e os Klaus Boncos, o praça onde os vestiauros.

O momento dos solistas, os gestos da Sra. Nane Auguste comigo depois de uma sessão de cinema no Colégio na sala de Química. O olhar.

Figura 33: Página do diário de Maria Lúcia Medeiros, 1999.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Essas pequenas porções de memórias já surgiam, naturalmente, no dia 20 de dezembro de 1998, quando ela registra no Diário a leitura que fez de um livro ofertado a ela por Benedito Nunes.

Sexta-feira fui participar do depoimento do Benedito Nunes para o Museu da Imagem e do Som. Eu, Max Martins e Lilia Chaves. Fizemos só uma parte. No próximo janeiro, continuaremos.

O quanto tudo é previsível mas sempre temos a impressão da surpresa, do inusitado. Quem somos e para onde vamos?

Gostei de ter elaborado as perguntas. A pergunta sobre "a rota prazerosa do menino Benedito Nunes" foi magnificamente bem recebida e respondida.

Jantei lá e B. Nunes me deu a "Cidade Transitiva" do Armando Mendes. Passei o fim de semana degustando o livro. Belém dos anos quarenta, final, 48, me encanta. Tenho pequenas manchas na memória, como se a imagem saísse da mancha, meio nebulosa também.

Uma delas é o meu olho “vendo” o chão de paralelepípedo passar rápido, o que me parece ser o meu olhar de dentro do bonde. Vejo os trilhos.

Outra mancha é o chão de quadradinhos das calçadas (algumas ainda têm) da passarela central do Museu E. Goeldi. Eu olhando para baixo ou talvez o nível da minha altura, acho que 05 anos, seis anos. Os pregões, eu lembro.

O cheiro da cidade vem e eu, às vezes, sinto (MEDEIROS, Diário, 20 de dezembro de 1998).

As tantas imagens enumeradas por Maria Lúcia são recordações despertadas por uma leitura sobre a cidade de Belém. Instantâneos de memória ali ao alcance da mão que não pode tocá-los, mas pode “vê-los” e “sentir-lhes” o cheiro. Aliás, esse sentido é recorrente em seus registros de vida e de ficção, o cheiro de doce de goiaba no conto ‘Janelas Verdes’, ou a espécie de ode ao cheiro ‘Em todos os sentidos’, “... e minhas narinas de ar me sublevam, me subvertem, me submetem e um novo sentido me doma, eu cheiro”. E ainda, “Licor de fruta a molhar-me os dedos, sinais transmitidos às narinas em êxtase...”. Uma vida lembrada, guardada para vir a ser fonte de inspiração para o fazer literário, a criação poética. Transformar essas imagens em palavras foi o trabalho da escritora. Essa procura da palavra pelo escritor e pelo biógrafo que tenta dar vida ao biografado pela palavra escrita “propicia a operação inversa de procurar, na palavra, a vida, e é tarefa silenciosa e lenta, como o recolhimento do ser na invenção da reminiscência, que se dá no avesso da poesia. A escrita conta-se a si mesma enquanto percurso e descoberta” (CHAVES, 2004, p. 24). A essa tarefa eu acrescento a palavra angústia, o desespero de que ainda falta contar algo, de que falta alguma coisa... uma quase falta de ar, que se transforma em alegria, quando o texto parece ganhar vida e tecer-se por si, e dor, quando parece que nada faz sentido. Falamos, aqui, então de vidas entrelaçadas ou de textos encadeados de ficção, e repito com Maria Lúcia “Não me negues a palavra”.

Essa mesma angústia encontro em seus textos e em seu Diário, como no trecho um pouco acima em que ela se pergunta “quem somos e para onde vamos?”, mas há nessa vida o narrar de muitas alegrias. No dia 20 de dezembro de 1998, ela registra a missa que mandou celebrar pelo aniversário de sua mãe com o Coral do Instituto Carlos Gomes na Igreja de São João e a parte dos ritos finais em leu uma pequena biografia dela e uma oração que escreveu. Conta que nunca

pensou que fosse se emocionar tanto e fala da alegria que sentiu como se de uma tarefa cumprida.

“As imagens poéticas têm, também, elas, uma matéria”, afirma Bachelard (1989). Na criação literária de Maria Lúcia, a matéria da qual se formam as imagens gera uma prosa poética cheia de mistérios, devaneios, do não dito para ser dito de outra forma, em busca de um entendimento cuja compreensão estética extrapola o uso da lógica, ao reinterpretar os fatos da experiência pela transfiguração da realidade e construção de metáforas.

Os fatos da experiência, ao serem interpretados como metáforas e como componentes importantes para a construção de biografias, se integram ao texto ficcional sobre a forma de uma representação do vivido (SOUZA, 2000, p. 119).

Integram-se a esse texto, as personagens construídas segundo a escritora, em entrevista à revista ‘Troppo’, do Jornal *O Liberal* (1998), de forma tanto ficcional quanto inspiradas em pessoas, e que ela, Maria Lúcia, não saberia precisar quando termina uma e acaba outra. “É um pouco como no sonho, mesmo. Você sonha com a casa de fulano mas não é a casa do fulano. Acho que a realidade e a ficção deslizam no fio da navalha” (MEDEIROS, 1998). A afirmação se traduz no que diz SOUZA (2000) sobre a biografia literária e que já citamos em outros momentos: são pontes metafóricas que se constroem entre o fato e a ficção.



Figura 34: Página da Revista 'Tropo', 1998.
Fonte: Acervo da escritora, organizado em 2009/2010.

Para Maria Lúcia, escrever precisava de um tempo, algo como “rezar o texto”, dizia o poeta Max Martins, que ela sempre citava quando falava do assunto. Seus livros foram lançados com um espaço de pelo menos dois anos e parecem ter vida própria. Em *Zeus*, a infância revelada. Em *Velas, Por quem?* e *Quarto de Hora*, a idade adulta. Em *Horizonte Silencioso*, a maturidade. Esse percurso leva a *Céu caótico*, o fim ou o princípio que renasce na arte da palavra, palavra que não se esgota e se reelabora no exato momento em que o leitor abre o livro e recria o universo da realidade e da ficção da escritora, a partir de seu próprio universo e se permite, enfim, deslizar no “fio da navalha”. Como diz Maria Lúcia, em TER SER: “Rouco e quase louco, achou que pouco pode ser parco e, para ir à luta, nesses mistérios, é preciso barco, é preciso arco” (1988, p. 29).

Certa vez perguntaram-lhe por que escrevia e Maria Lúcia respondeu “porque os fantasmas se chegam, porque os fantasmas se afastam”.

O universo da escritora, constituído do lugar de onde vem – rios, quintais, em Bragança –, dos lugares onde viveu – Belém, Rio de Janeiro, Mosqueiro – dos lugares por onde passou – Lisboa, Londres, Nova York, Berlim –, não deixa de ser o material de sua criação literária: imagens que os olhos

contemplam e que a memória guarda, como os fantasmas que se chegam. Às vezes, é preciso seguir essas imagens que nascem em nós mesmos e que vivem em nossos sonhos, lembra-nos Bachelard (1989). É um arquivo em que os guardados, perdidos, reencontrados recompõem o material da memória – como as frases que vêm e voltam neste mesmo texto, como águas iguais e nunca as mesmas, em um mesmo rio. Encontrar uma carta, um bilhete, uma anotação remonta a um fato vivido, cujos registros estavam ali, nos mais diferentes lugares da casa onde viveu a escritora. O reencontro dessas lembranças parece alimentar a ficção de Maria Lúcia, como observa o poeta Max Martins, em matéria do jornal *A Província do Pará* (1997): “Há uma coisa imaterial fluindo na linguagem, na psicologia dos personagens. Uma coisa da região, chuvosa, cinza, um escuro à meia-luz”.

As histórias de vida e de ficção vão se entrelaçando, urdindo a trama de seus contos. Tomemos a constatação feita pela personagem de “*Quarto de Hora*”: “Esperar o final da história é querer a história, é merecê-la pelo direito da espera, é possuir infinitamente, *ad aeternum*” (MEDEIROS, 1994, p. 14). Nessa novela encontramos todos os elementos da natureza, os rituais, os mistérios e a filha que anseia pelo final de uma adivinhada história. Durante seis dias, a mãe a enleva numa espécie de ritual de passagem, que se completa com sua morte, no sétimo dia. Passa-se da água ao fogo, do mistério do nascimento com todo o sangue que ele gera ao sangue da matança dos cordeiros. A história se faz e se refaz na paciência da filha em esperar o seu final para merecer não só o final da história, mas o adentramento no mistério da vida – amor, dor, morte, abandono, sofrimento – que gera novas histórias, nas quais, como já dissemos, vida e arte se juntam.

Em “Mentiras e verdades no mesmo chão”, do livro *Quarto de Hora*, a autora (a narradora-personagem?) implora: “Não me negues a palavra de cujas artes se nutriu tanto exílio pois se assim o fizeres estarás negando a permissão e as promessas” (MEDEIROS, 1994, p. 53). Mais tarde a doença que acometeu Maria Lúcia Medeiros condenou-a ao silêncio, com o tempo não mais podia articular as palavras. Pode, então, o escritor, o artista prever o porvir? Responde a escritora Lygia Fagundes Telles, em matéria publicada na *Revista Cláudia* (2010, p.101): “O escritor é vidente. Avança no tempo, vara o futuro e desvenda o personagem até seu doce ou amargo fim”.

O arquivo deixado em registros de lembrança escritos, não deixa de ser um arquivo de memória, que ressurge ao contato com um livro, um texto, ao ouvir uma música. É quando as imagens se aproximam para dar sentido a um texto, seja de lembranças, seja de ficção. Grafar a memória seria um ato de busca de permanência ou a consciência da morte que um dia vai chegar. SOUZA (2000) ao analisar a obra de Pedro Nava, essencialmente memorialística, pergunta se escrever a memória, se buscar a fundo o reviver o momento não corresponderia a começar a morrer.

A matéria de sua criação também vem de suas leituras, que não deixam ser a memória a possibilitar a leitura crítica de seus textos de vida pessoal e de criação literária. Em seus guardados, encontrei um livro de poemas de Paul Valéry com versos, vários versos grifados. Ao lê-los, seu filho Mariano Klautau (guardião do arquivo) comenta que as imagens contidas naqueles versos lembram algumas de seu conto “Céu caótico”, título que dá nome ao livro publicado postumamente: “No mais judas do ser, uma ponta me cresce; / Veneno, o meu veneno, vê-me e se conhece: / Ele doura uma virgem que a si mesma enlaça / De inveja... Mas de quem, a inveja e a ameaça?”.

*Quel repli de désirs, sa traine!... Quel désordre
De trésors s'arrachant à mon avidité,
40 Et quelle sombre soif de la limpidité!*

*Ô ruse!... A la lueur de la douleur laissée
Je me sentis connue encor plus que blessée...
Au plus traître de l'âme, une pointe me naît;
Le poison, mon poison, m'éclaire et se connaît:
45 Il colore une vierge à soi-même enlacée,
jalouse... Mais de qui, jalouse et menacée?
Et quel silence parle à mon seul possesseur?*

*Dieux! Dans ma lourde plaie une secrète sœur
Brûle, qui se préfère à l'extrême attentive.*

*Que desordem de amor, a cauda!... Que estorcer
De tesouros burlando a minha cupidez,
40 E que sede sombria de outra límpidez!*

*Que ardil!... Sob o luar da dor ultrapassada
Eu me senti mais que ferida, devassada...
No mais judas do ser, uma ponta me cresce;
Veneno, o meu veneno, vê-me e se conhece;
45 Ele doura uma virgem que a si mesma enlaça
De inveja... Mas de quem, a inveja e a ameaça?
E que silêncio fala à minha única fêmea?*

*Deuses! Em minha chaga uma secreta gêmea
Queima, que se prefere a essa atenta estrênuu.*

Figura 35: Página 82-83, do livro de poemas de Paul Valéry (1871-1945)
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010

A possibilidade de se deixar influenciar permite aflorar a própria criatividade e a peculiaridade de sua criação, reveladas em suas anotações, escritas, desenhadas, rascunhadas, descritas em seu Diário, o jardim íntimo do escritor, conforme observa Souza, para explicar ser tudo isso parte do exercício literário, da criação poética.

A página de rascunho, metaforicamente considerada o jardim íntimo do escritor, revela o que o texto definitivo não consegue transmitir: a imaginação sem limites, os recuos da escrita, os borrões, o espaço no qual a face escondida da criação deixa transparecer o fulgor e a paixão da obra em processo. Página branca, marcada de signos negros, torna-se a imagem do espelho que refletiria as relações pessoais do escritor com o texto, onde se supõe ser tudo permitido. Pela liberdade de rasurar, de escrever entre as linhas, de acrescentar aos originais margens desordenadas e rebeldes, este laboratório experimental desempenha papel importante na história da literatura moderna. O entusiasmo pelo processo da escrita e o interesse pela gênese dos textos ultrapassam a curiosidade do crítico em penetrar nos bastidores da criação e atingem dimensões próprias ao exercício literário (SOUZA, 2008, p. 3).

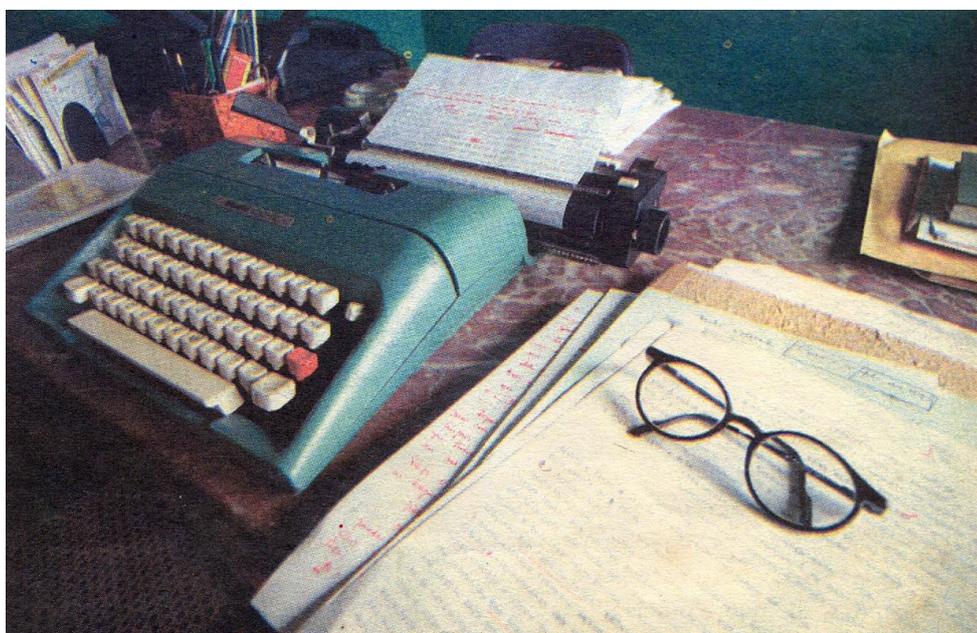


Figura 36: Máquina *Olivetti* de Maria Lúcia Medeiros, foto Alberto Bitar, 1988.
Fonte: acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Esse é o “jardim íntimo” de Maria Lúcia, “o espaço no qual a face escondida da criação deixa transparecer o fulgor e a paixão da obra em processo” (SOUZA, 2008, p. 3). Quem o teria “cultivado?” Quem teria arrumado aquelas coisas lado a lado: sua pequena *Olivetti*, livros, canetas, os óculos cuidadosamente dispostos sobre a mesa de trabalho, junto com as ideias e os tantos sonhos guardados. A criação de Maria Lúcia Medeiros para um momento, posa para uma foto. O que se poderia ler nesse espaço? Adivinham-se as gavetas com suas anotações de aulas, seus estudos. Os livros com seus marcadores. Os escritos com

suas rasuras, correções. Os acréscimos manuscritos entre as linhas datilografadas. As desordenadas e rebeldes margens de alguns de seus originais Seu “laboratório experimental”. A transformação dessa matéria em criação literária. O quanto a mesa de um escritor conta de seu processo de criar, da sua maneira de ver o mundo?

Enfim, diante de seus textos, pergunto-me, mais uma vez: quem é a escritora? Quem é a professora? A leitora? A mulher? Que linha as separa? Ouso dizer que a linha se transforma em ponte cujo início e fim são indefinidos, pois os traços que as desenham vêm da mesma linha que retrata a escritora, e que desenha seus textos de fato e de ficção.

ATO IV - CÉU CAÓTICO

Ai! se eu tivesse autonomia
Se eu pudesse gritaria
Não vou, não quero

Cartola, Autonomia

Todos sabem que vão morrer um dia, faz parte do processo que se chama vida. Mas, tomar consciência disso deve ser, no mínimo, muito estranho. Lembro, ao assistir um documentário sobre o compositor Cartola, de ouvi-lo contar que, quando soube que estava com uma doença para a qual não tinha cura, escreveu a canção “Autonomia”. “Não quero ir!”. Deve ter sido isso que Maria Lúcia sentiu quando realmente se deu conta da gravidade do seu mal. Dizia aos amigos que tinha sido um envelope errado que alguém lhe entregara. Não era para ela. Não podia ser. Passou no decorrer desse processo por muitas fases, tristeza, raiva, bravura, medo, silêncio e solidão. E muitas, muitas perguntas, mais para si mesma do que para ter uma resposta.

CENA 1 PRA QUE PAREI DE FUMAR?

Ela lamentando, tomou o
terror recém-nascido em suas
trêmulas mãos.

William Blake

Maria Lúcia tinha uma vida agitada, dividia-se entre os compromissos profissionais, que eram muitos, e os sociais, que incluíam jantares com amigos, familiares, escritores de passagem por Belém, viagens. Apreciava a boa mesa. Nas festividades, como Círio e Natal, sempre fazia preparar algo especial para receber os filhos e os amigos que por ali passassem para um cumprimento. Desfrutava desse prazer coletivo que é comer e beber.



Figura 37: Foto da escritora em casa, Natal de 1996.
Fonte: Arquivo pessoal.

Também gostava de fumar, pois, além de ser, para ela, uma espécie de pausa, achava charmoso.

Apreciava cinema, tinha seus atores e atrizes preferidos. Uma delas era Jane Fonda. A fantasia que o cinema cria, que inclui a fase em que fumar era charmoso e não um atentado à saúde, talvez se sentisse transportada para um outro tempo, o da fantasia, do sonho.



Figura 38: Foto da escritora em casa.
Fonte: acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Depois da morte de um de seus grandes amigos, o arquiteto Henrique Pena,⁹ com quem saía e viajava, recolheu-se um pouco. O que causa comoção na morte é a separação, a falta, tal como registra Philippe Ariès: “a expressão da dor dos sobreviventes é devida a uma intolerância nova com a separação” (ARIÈS, 2003, p. 67). Em seu diário ela registra. “Acabo de chegar do enterro de meu amigo Henrique Pena. Quem poderia imaginar? A vida é um fio, uma coisa tão efêmera. Perdi uma parte de mim, talvez a parte da solidariedade, do sonho, da fantasia, da beleza, das viagens. Perdi um grande amigo” (Diário, 23 de fevereiro de 1997). A reflexão da escritora em seu diário sobre a efemeridade da vida não deixa de ser a consciência da morte, da finitude e da dor da perda que talvez só o encontro com a arte, com a literatura aplaque. É o reconhecimento que aparece em seu texto de 1993: “Confesso que enquanto leitora, busquei o compartilhamento da minha dor na literatura”.

A falta do grande amigo, aliada à hospitalização de outra amiga muito querida (Laís Zumeró)¹⁰ com problemas cardíacos, fez com que ela refletisse sobre as mudanças que já vinha fazendo em sua vida e que planejou continuar. Parou de fumar depois de muitos anos e começou a caminhar. Embora gostasse de dormir tarde, o que provocava a necessidade de dormir um pouco mais pela manhã, passou um bom período acordando cedo. Saíamos cedinho e nos encontrávamos em certo trecho da Avenida Governador José Malcher para a caminhada. Depois não quis mais madrugar, e passou a caminhar um pouco mais tarde com a “Dona Nazaré”.

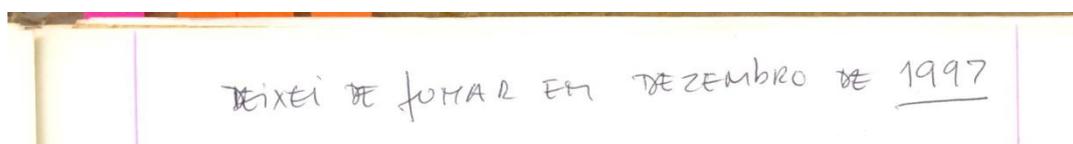


Figura 39: Página do Diário, 16 de outubro de 1998.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

(Poucas vezes Maria Lúcia Medeiros usava letra de forma. As letras grandes, de forma, e o grifo sobre a data parecem querer dar força à sua decisão.

⁹ Henrique Pena, paraense, arquiteto e professor.

¹⁰ Laís Zumeró, paraense, professora, durante muitos anos dirigiu a Editora da UFPA.

Não sei. Deve ter sido difícil parar de fumar, ela que tanto saboreava o cigarro e que parecia pensar melhor fumando.)

Ainda que tenha feito todas essas mudanças de hábitos, deu-se conta de estar sentindo um estranho cansaço, foi quando descobriu que tinha uma obstrução nas veias do coração. Fez uma angioplastia e ficou bem. Isso foi em 2000.

Retomou as caminhadas com afinco até o dia em que descobriu que estava mancando, ou melhor, claudicando, como dizia ela. Estranhou muito isso, ficava se examinando e começou uma *vía crucis* de visitas a médicos de especialidades diversas. Tratou-se por quase um ano de um provável vírus sem melhorar e sentindo cada vez mais o encurtamento da perna. Foi, então, que os filhos e os amigos sugeriram uma ida a São Paulo para uma investigação mais criteriosa. Descobriu estar acometida do “Mal de Charcot” ou “Esclerose Lateral Amiotrófica”.¹¹ Quando chegou da viagem tudo era ainda novidade, mesmo a doença. Contou que fizera todas as perguntas possíveis ao médico: Quanto tempo? O que podia esperar ainda? Qual a melhor e a pior coisa que ele poderia lhe dizer? Tudo assim, sem dramas, numa espécie de excitação da viagem.

Com o passar do tempo deu-se conta do quão grave era a situação: estava com um problema de saúde que ela nunca imaginou que teria. Um dia, quando caminhávamos juntas, para uma ida a certa agência bancária, de repente, disse: “nunca pensei que meu prazo de validade fosse tão curto!”. Lembrou-se, em outra ocasião, de alguém que tinha tido o mesmo mal e de como essa pessoa se revoltou. Um dia, ao falar sobre o assunto, de repente perguntou-se: “Pra que parei de fumar?”

Mesmo com o agravamento da doença, nunca mostrou para os amigos sua revolta, sua dor. Magoava-se com pequenas coisas, uma voz mais alterada, uma negação. Um dia discutiu com uma pessoa que ocupava o apartamento de seu amigo Sérgio Wax,¹² que estava sob sua responsabilidade. A pessoa deixara uma conta em aberto, e ela ligou para pedir que fosse feito o acerto. Quando me contou, chorou muito, soluçava dizendo que aquilo não era justo, não com ela naquela situação. Nas muitas conversas que tivemos, lembrou-se de um sonho que tivera um dia. Caminhava por uma rua estranha, desconhecida para ela. De repente,

¹¹ Enfermidade degenerativa dos neurônios que provoca atrofia muscular.

¹² Poeta e escritor italiano, que viveu alguns anos em Belém.

deparava-se com um homem negro que a abraçava e, naquele abraço, os corpos se atravessavam. Contou que alguém lhe dissera que só teria outro sonho assim quando estivesse para morrer. Não sei se teve outros sonhos, mas a personagem do conto “Casa que já foste minha”, do livro *Céu Caótico*, narra: “Sonhei que Deus Nosso Senhor me arrancava de ti e ia curar minhas feridas à beira de um rio” (2005, p. 19).

Buscou alternativas, uma delas foi submeter-se a tratamento na cidade do Rio de Janeiro, onde escreveu boa parte dos contos do livro *Céu caótico*. Quando voltou, preferiu ficar no Mosqueiro, onde tinha uma casa. Adorava a casa, o quintal, o lugar. Mesmo já quase sem falar, recebia os amigos com alegria, sentava com eles na varanda, apreciava o entardecer, a noite e escrevia, completando e discutindo com seu filho Mariano a edição de *Céu caótico*. O livro, publicado postumamente, foi organizado, ainda, por ela. Até o fim, manteve estreitos laços com o ato de escrever e com a vida.

No período que ficou em Belém, reveza-se entre a casa do Mosqueiro e o apartamento na Avenida Generalíssimo, onde ficava para resolver as coisas do cotidiano e do tratamento. Aceitou o acompanhamento de uma psicóloga. No decorrer da terapia, trocou correspondência com essa profissional. Isso lhe deu novo alento, não só por conta das sessões em si, como também, por vislumbra ali um cenário e um personagem a ser criado. Essa capacidade de transfigurar a realidade pela criação literária, que vem desde Zeus, quando a menina tira os óculos para penetrar outro cenário, acentuava-lhe o brilho do olhar e o sorriso e a entusiasmava, como ela mesma se refere acerca da ficção.

Confesso que estou profundamente decepcionada com este texto que não quer acompanhar a velocidade de meu empenho para entusiasmar vocês em torno desse lugar sagrado da ficção (MEDEIROS, 2004, p. 14).

Nessa época, organizou uma gincana para as crianças defenderem a Ilha, quando a prefeitura de Belém quis construir uma ponte no Farol, contou com o apoio dos amigos em um abaixo-assinado. Na casa, cercou-se das coisas que amava, móveis, estantes com seus CDs e seus livros, a escrivaninha onde escrevia, com seu computador.

Essa casa, também, era como a realização de um sonho. Tinha desejado muito uma casa no Largo da Sé, em Belém, como registra em seu Diário, nos dias 25 de agosto e 9 de setembro de 2001, “Depois um jantar na casa da Dulcília e na certa a comemoração do fechamento do negócio do Largo da Sé”. E, “a casa do Largo da Sé está mais próxima”.

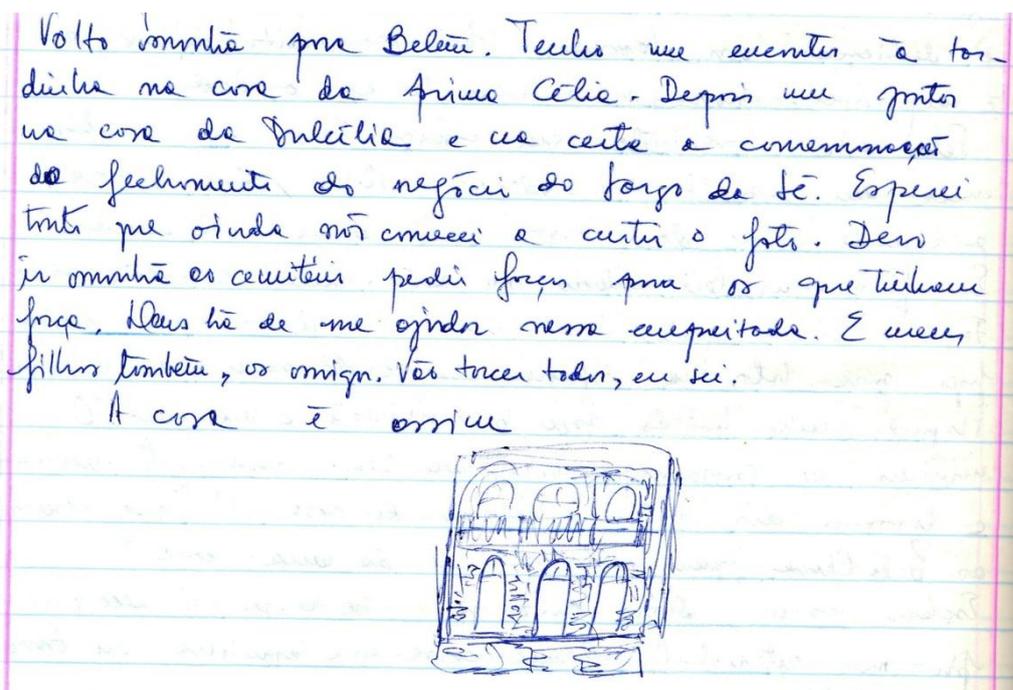


Figura 40: Página do Diário, 25 de agosto de 2001.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Considerava como certa a compra desse casarão antigo, com dois pavimentos, janelas altas e com a frente para um dos lados da Catedral da Sé. Infelizmente, uma sucessão de eventos concorreu para que o negócio não se realizasse, recursos não liberados pelo Banco para o qual solicitara financiamento e o interesse de outra pessoa para quem ela mesma sugerira que adquirisse a casa. Como conta em seu Diário, deu a preferência a essa pessoa. Nesse meio tempo, comentou com outra amiga a situação, e esta lhe propôs comprarem juntas o imóvel, com a ideia de criarem um espaço, meio pousada meio lugar para eventos culturais. Renovou-se e ligou para a primeira pessoa a quem dera a preferência, mas esta se recusou a desistir, alegando já ter mobilizado recursos para a compra e a reforma do espaço. Para ela, foi uma enorme decepção todo esse processo. Sofreu tanto que ligava para os amigos contando o fato.

60 anos, imagine só, a gente não está mais em idade de ter decepções. Sêpio, meu amigo, diz "não pode te decepcionar" e eu entendo o que ele quer dizer. Tu ilusão é muito fora de moda, neste século 21. Eu entendo quando ele me alerta para isso. Por que acreditar tanto? Por que eu preciso acreditar que fulano é ótimo, bom caráter, correto, amigo, maravilhoso? Acho que é nesse ponto que ele quer tocar.

Ah mãe da casa ~~por~~ e ^{entre} duas pessoas que estavam interessadas (Dina e Clarisse) eu segui meu código hierárquico e atrai mãe para Dina. Ela havia visto a casa primeira e pediu a preferência primeira. Só que Clarisse (que era a 2.^a) provou mais forte que era de fato minha amiga.

Figura 41: Página do Diário, 7 de abril de 2002.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

A casa, que ela tanto desejou e com a qual tanto sonhou, envolvia muito mais do que uma simples morada. Significava estar no bairro da Cidade Velha com seus casarões antigos, suas igrejas, as primeiras ruas da cidade que surgia – lugar que mais apreciava na cidade de Belém. Em “I’m in the mood for love”, conto que integra o livro *Céu caótico*, vem à tona essa paixão. O espaço do conto gira no entorno da cidade velha – a catedral, o largo, o rio, os barcos e a descrição dos espaços do casarão rememoram a casa pela qual ansiou um dia. Mistura-se a realidade de seu desejo ao desejo do menino, realizado na ficção

O menino voltou-se para as janelas da frente e olhou os barcos que passavam. “Lá vai um São Miguel, um Fé em Deus, um Estrela-Guia...”, pensou ele livrando-se da camisa para receber no peito a brisa da baía. Depois se voltou dando as costas para a janela para ter, pela última vez, a visão do casarão, dos amplos espaços, dos arcos das portas, do assoalho, da clarabóia, do corredor sumindo lá para os fundos da casa, do correr da janela batendo na hora da chuva (MEDEIROS, 2005, p. 42).

Esse espaço – que ela sonhou que teria um dia – veio a realizar-se com a casa do Mosqueiro, na qual escolheu viver até o fim. Às vezes, dizia que a ideia de adquirir essa casa tinha sido a sua salvação. O próprio lugar era muito querido por ela. O nome Praia do Farol lembrava-lhe o romance da Virginia Woolf, *Passeio ao Farol*, pois era um passeio, e há mesmo um pequeno farol abandonado, e ali passara muitas férias com os filhos. A casa que ficou tem tudo o que povoou sua infância, quintal, biblioteca, varanda, onde passou muitas tardes com os amigos ora em silêncio ora escrevendo em sua *lousa mágica*¹³ que ganhara quando aos poucos foi perdendo a voz e a possibilidade de falar. Sobre esse espaço simbólico de vida e convivência, diz Bachelard (2008), reside nosso canto no mundo, nosso primeiro universo, e último para Maria Lúcia.

Portanto, é preciso dizer como habitamos nosso espaço vital de acordo com todas as dialéticas da vida, como nos enraizamos dia a dia, num “canto do mundo”.

Porque a casa é o nosso canto do mundo. Ela é, como se diz amiúde, o nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo (BACHELARD (1884-1962), 2008, p. 24)

O espaço “casa” possui um significado muito especial para Maria Lúcia. O casarão de sua infância em Bragança, as primeiras moradias em Belém acabaram por sintetizar-se nesse canto último, que foi a casa do Mosqueiro, o “canto do mundo” de Maria Lúcia, como ela murmura no conto “Crônicas de minha passagem”, do livro *Céu Caótico*: “Mais palpável vem a casa de frente para o rio e a dona dela, Senhora daquelas salas azuis, como se voasse baixinho, espaços enormes...” (MEDEIROS, 2005, p. 26).

¹³ Quadro infantil com caneta para desenho, que apaga com o movimento da direita para a esquerda e vice-versa.



Figura 42: Foto da casa do Mosqueiro, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 43: Foto da casa do Mosqueiro, jardim, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 44: Foto da casa do Mosqueiro, sala, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 45: Foto da casa do Mosqueiro, detalhe da sala, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.

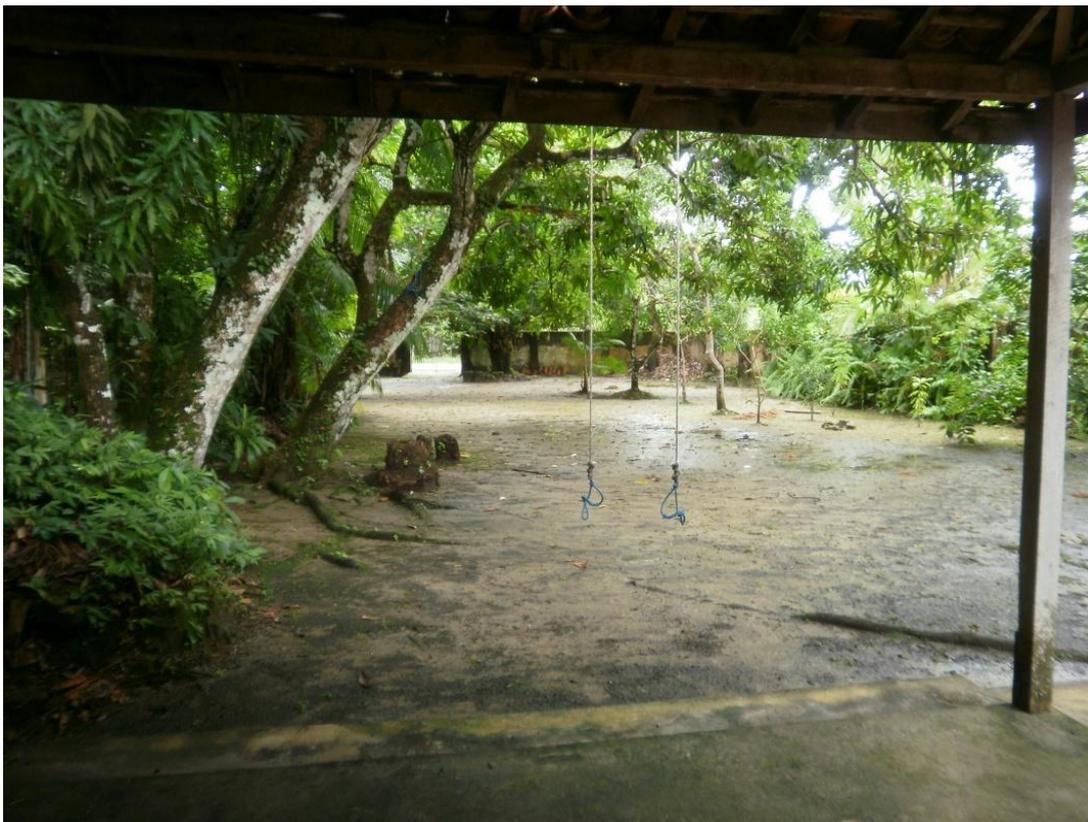


Figura 46: Foto da casa do Mosqueiro, quintal, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 47: Foto do Mosqueiro, Praia do Farol, 2010.
Fonte: Arquivo pessoal.



Figura 48: Foto do Mosqueiro, Farol, 2010.
Fonte: Foto de Armando Teixeira Soares Filho.

CENA 2 - E NÃO TERÁ SIDO A MORTE O PRIMEIRO NAVEGADOR?

Aqui, uma pergunta me
oprime: não terá sido a morte
o primeiro navegador?
Bachelard

O livro *Céu caótico* foi o adeus de Maria Lúcia Medeiros. Homenageou os filhos e os amigos dedicando-lhes contos, lembrando-os, talvez para ser lembrada. A morte não apaga os rastros do que deixou. O conto que dá nome ao livro empresta, também, seu nome a este capítulo. Fala de uma personagem que enfrenta uma tempestade, ventos e chuva. Sobre ela diz a narradora: “Tremia de frio. Tremia de medo” (2005, p. 50). Em algum momento talvez seja o que a escritora tenha sentido diante da “tempestade” que enfrentou tão bravamente.

Aos poucos foi percebendo que seu corpo lhe obedecia cada vez menos, já perdera a articulação das palavras, não podia mais andar, quando

perderia totalmente os movimentos? Começou a olhar seus guardados e teve uma atitude estranha, pelo menos para a forma de como cuidava de seus papéis e anotações. Ela mesma arrumou e separou o que quis. As lacunas deliberadas, que encontro em seus tantos papéis, foi ela mesma que providenciou. Não sei precisar se existe algo guardado em outro lugar, ou se o que separou foi destruído. Assim como Hughes queimou alguns diários de Sílvia Plath, alegando a sobrevivência dos filhos, conforme cita Malcom, em *A Mulher Calada* (1995), a própria Maria Lúcia selecionou os seus escritos. É possível que tenha organizado um arquivo à parte com o que queria que fosse lido ou visto. Respeito isso como um de seus últimos desejos: coisas que ela queria que ficassem só com ela. Não vou cavoucar nem inventar histórias sobre isso, que cada um entenda como quiser, senão para que serviriam as entrelinhas? Não era ela mesma, como bem o diz o crítico Benedito Nunes, uma pescadora de palavras e do que não é palavra, a entrelinha? Depois de ter feito sua arrumação, Maria Lúcia chamou-me e disse-me que, daquele momento em diante seu filho Mariano era o seu “ministro da fazenda” que o ajudasse a cuidar das coisas.

Mal de Arquivo, de Derrida interpreta o arquivo sob o viés da psicanálise freudiana, na qual a “pulsão de morte” evidencia-se. O impulso para guardar, para preservar tem sua outra face, o de destruir ou esconder, para tratar do arquivo em todas as suas possíveis dimensões – a vontade de destruir ou de guardar os segredos. Esse *corpus* Maria Lúcia dominava e conduzia: sua produção literária, sua correspondência, o registro de seus sonhos mais secretos, suas decepções, sua solidão. No momento em que seu corpo não lhe obedecia, ela podia comandar o *corpus* que escolhia e separava, que destruía ou aconchegava. O que teria pensado? Rasgar, esconder ou guardar algo para que fosse encontrado quem sabe um dia? É possível que tenha sorrido diante de todas essas possibilidades.

A propósito, há pouco, conversando com o Mariano, guardião do arquivo, disse-me ele que algumas coisas estão realmente guardadas, separadas. Talvez um dia, possamos olhá-las e fazer junto um trabalho com elas.

Cabe à escrita biográfica, também, descerrar a cortina e falar daquilo que nos aterroriza e que nos provoca dor, uma forma de transgressão na tentativa de manter viva a imagem do que se foi:

Transgredir é essencial na arte biográfica. Mais do que gênero literário, a biografia é um desacato. Insubordinação contra a morte, fixação na vida, exercício de suscitação, ressuscitação dos finados e esquecidos (Dines apud Vilas Boas, 2008, p. 23).

Que mais nesse exercício de transgressão pode o intérprete falar quando o ponto final foi colocado na vida? Encerrar o estudo ou retomar o arquivo, sempre o arquivo. Aquilo que foi deixado ou legado para as lembranças, tal como o projeto de viver para escrever, de Maria Lúcia, declarado em entrevista ao jornal *O Liberal*.



Figura 49: Jornal ‘O Liberal’ 29 de abril de 1998.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Muitos escritores deixaram registros desse mesmo tipo de projeto de vida legado apenas à escrita. Mário Faustino foi um deles, que celebrou a vida e a escrita.

Mário Faustino selou a união entre sua vida e sua poesia ao pronunciar as palavras rituais “até que a morte nos separe”, firmando

um pacto que cumpriu religiosamente. Deixou de publicar versos e pretendia levar a público, a cada cinco anos, um longo poema, composto dos fragmentos escritos durante esse período em que viveria a poesia. Para Mário Faustino, a experiência poética foi indissociável de sua vivência, embora, como categoria existencial pura, o vivido oponha-se ao escrito, que ele alimenta (CHAVES, 2004, p. 349).

O biógrafo – ou a biógrafa –, para chegar a esses encontros da biografada com a sua arte, remexeu muitas caixas. Foram buscas feitas em um tesouro, do qual este trabalho não dará conta, mas deixará o espaço para a continuidade, a biografia da biografia da biografia, o espelho dos espelhos, num jogo infinito de reprodução.

Nesse legado, como dissemos, ainda há muito a ser explorado. Não apenas textos em prosa inéditos ali existiam, como também, houve a surpresa de encontrar poemas escritos por Maria Lúcia. Será que teria sido esse o começo de seu exercício de ficção?

Em um dos poemas, ela fala de naufrágio. Qual naufrágio? Referia-se ela ao do primeiro navegador citado na epígrafe desta cena, num prenúncio do que viria?...

Para tantos naufrágios
Em mar aberto
Escolho o teu ventre

Para, entre velas,
Buscar o veio.
E entre as vagas
Do veio
nafragar (MEDEIROS, 1984).

Uma escritora que declarava seu anseio – viver para escrever – leva quem escreve sua vida a interpretar seus textos como parte desta vida e, *affranchi de l'ordre du temps* [liberado da ordem do tempo] (PROUST, 1954, p. 230) misturar passado, presente e futuro, na revelação de sua existência.

Retornando à figura de Maria Lúcia, nos traços deixados por ela em seus contos, a leitura de alguns títulos parece revelativa. “Horizonte Silencioso” tem uma personagem contadora de histórias, delas o neto tem uma preferida: a do naufrágio. Era costume a família sair para o mar até uma praia. Nesse dia, houve

tempestade, chuvas e ventos e a família não conseguiu voltar, os que ficaram entraram em desespero achando que nunca mais veriam filhos e netos. Na manhã seguinte, eles voltam. Diz a narradora:

No gramofone Tito Gobbi cantava *Torna* para que meu velho pai, de olhos fechados, pudesse então sonhar. Meu irmão e sua mulher dormiam abraçados, meu filho também dormia. Aproximei-me da janelinha alta da casa e olhei o oceano, as ondas indo e vindo e então chorei de soluçar (MEDEIROS, p. 66).

A personagem olha o oceano perdida em seus pensamentos, sonhos e ilusões. A escritora aos poucos, por força da enfermidade, foi silenciando. Sobre o livro *Horizonte Silencioso* (2000), em carta de 1999, ela diz: “Foi assim que entendi como se você achasse ‘silencioso’ demais o meu ‘horizonte’”.

Mas muito antes, em “Mentiras e verdades no mesmo chão...”, a escritora, pela voz de sua personagem, pedia a palavra, para que não se perdesse memória, e escrevia sobre a falta de sons articulados,

Não me negues a palavra de cujas artes se nutriu tanto exílio pois se assim o fizerdes estarás negando a permissão e as promessas. Não é esse o silêncio de que preciso para atravessar a floresta. Imposto o sossego me faltarão os sons articulados, os ruídos para que não percamos a memória. Não me negues a palavra para que a trilha não se altere nem as perspectivas sejam removidas (MEDEIROS, 1994. p. 53).

Olhar o horizonte silencioso, pedir pela palavra e sonhar que um dia ela não lhe seria negada, ainda que pela voz da personagem, é o desejo manifesto em “Crônicas de minha passagem”: “Um dia – quem dera fosse um domingo – recuperei a fala tão grande fora o susto e nunca mais foi possível fazer de conta que tinha estado ausente tanto tempo” (MEDEIROS, 2005, p. 25).

ATO V - CRÔNICAS DE MINHA PASSAGEM (EROS E TÂNATOS)

Para que não se vá a vida ainda
e a amada volte

pede à palavra

outra palavra

outra

Sob palavra

Max Martins (1990)

A palavra lida ou escrita foi sua grande paixão. No conto “Crônicas de minha passagem”, que faz parte do livro *Céu Caótico*, Maria Lúcia indaga “De onde buscarei palavras e quais versos me seguirão ditados pela memória? Qual tempo escolherá a memória, o tempo dos amantes? O da infância, indelével? O da solidão, a ocupar os segundos das horas mortas?” (MEDEIROS, 2005, p. 25).

Essa paixão fez com que me perguntasse, ao me aproximar do final deste trabalho, sobre o que eu queria trazer da biografada, neste momento. A morte silenciosa? A doença avassaladora? Ou sua voz... sua palavra...? Ao começar a pensar nos Atos finais da dissertação, chamei-os, a princípio, de Eros e Tânatos, assim juntos. Neles falaria de seu amor pela leitura e pela escrita, pelos amigos, pelas trocas de correspondência; em seguida, falaria da morte. Foi difícil. Era como se nada pudesse ser dito do fim. Depois, separei-os e os inverti: falaria da morte (Tânatos) e então do amor (Eros).

Para isso, retomei “O Banquete”, de Platão, cujas páginas iniciais deixam claro, que, após as decisões sobre o comer e o beber quando apetecesse aos convivas, Erixímaco propõe seja despedida a tocadora de flauta, e que se distraíssem com discursos – mas de que tema falariam os convivas do banquete, senão de Eros?

Nenhum de nós, Erixímaco, teria dito Sócrates, votará contra a tua proposta. Do meu lado, não me recuso a falar, pois confesso não entender de nada mais, senão de amor. Agatão e Pausânias, também, não se esquivarão, e muito menos Aristófanes, que só se ocupa com Dionísio e Afrodite, nem nenhum dos presentes, apesar de ficar muito difícil a tarefa para os que nos encontramos nos últimos lugares. Mas, se os primeiros colocados desenvolverem o tema com eloquência, declarar-nos-emos satisfeitos. Com feliz auspício, pois, inicie Fedro o elogio de Eros (PLATÃO, 2001, p. 30).

Ao deparar-me com esta frase, lembrei de outro livro que tenho há algum tempo e do qual li alguns trechos. Intitula-se *Os sentidos da paixão* e traz artigos de vários pensadores sobre a paixão. Revi pelo menos quatro artigos: “Sobre o medo”, de Marilena Chauí; “Platão: As várias faces do amor”, de José Américo Motta Pessanha; “Paixão da igualdade, paixão da liberdade: a amizade em Montaigne”, de Sérgio Cardoso; “A paixão de Clarice Lispector”, de Benedito Nunes.

Chauí (1987) trata do medo enquanto paixão, o que envolve ideias de corpo, alma, poder, ética, morte, esquecimento. O medo, segundo ela, é e sempre será paixão articulada com outras formas, formando um verdadeiro *sistema de medo*. Ao tratar do medo do esquecimento, “e de jamais poder deslembrar”, traz à tona sentimentos humanos assolados pelo medo.

Temos medo do esquecimento e de jamais poder deslembrar. Da insônia e de não mais despertar. Do irreparável. Do inominável e do horror à perda do nome próprio, essa “doença mortal” que, um dia, Kirkegaard chamou de desespero humano (CHAUÍ, 1987, p. 37).

E, pela contradição, nos aproximamos da biografia literária. Nela, queremos lembrar, lembrar o biografado, sua obra, trazer seu nome e sua herança literária à lembrança e ao conhecimento dos vivos.

Em *Platão: as várias faces do amor*, nos achegamos à paixão da escritora tratada no início deste capítulo: a palavra. Na compreensão de José Américo, o discurso de Eros é, sobretudo, o amor pela palavra, pelo discurso em que amor e palavra estão intrinsecamente ligados.

Falar de amor em Platão cria uma inevitável circularidade. Dela não podemos fugir: o próprio Platão não nos deixa escapar. É que, em Platão, amor e fala, amor e discurso, amor e palavra estão intrínseca e definitivamente interligados. Há, para Platão cumplicidade entre Logo e Eros. Para sermos mais corretos: existe estreita vinculação entre as diversas formas de amor – múltiplas figurações de Eros – e as respectivas linguagens que falam do amor e com que o amor se fala. Os discursos amorosos retratam as várias faces de Eros (CARDOSO, 1987, p. 77).

Fiquei pensando nas faces de Eros para ver até onde ele poderia ser tratado como amizade, para falar dos amigos, o que incluiria os escritores, tratados como se os conhecêssemos – nós biógrafos, e os leitores de biografia -, e aqueles

que passaram pela vida da biografada (alguns dos quais vim a conhecer, ainda que brevemente). Perguntei a mim mesma, durante dias, o que ela gostaria que estivesse aqui registrado, que história consentiria à palavra de outrem escrever? Por que não, pensei, exatamente, o que deixou? Os livros publicados, o Diário, os escritos em cadernos, os papéis avulsos, os *tickets* de metrô, de avião, mapas de lugares, cartas, postais? A história de sua vida em suas próprias palavras?

Ao contar os impasses, as dúvidas e perguntas que me assaltaram, encontro no livro de Sergio Vilas Boas, intitulado *Biografismo*, um capítulo chamado “Transparência”, no qual, em certo trecho, reflete o autor:

Ora, não existe nenhuma regra declarada ou subtendida que impeça o biógrafo de dar transparência à sua narrativa pela inclusão (pertinente, sensata, comedida) de suas dúvidas, suas escolhas, seus conflitos, seus impasses, suas vivências ao longo da jornada biográfica: dizer, por exemplo, como chegou lá e até onde não pôde chegar por causa disso ou daquilo. Mas não uma ou duas linhas no prólogo. Refiro-me a expor no contexto do que se narra, a fim de imprimir franqueza e liberdade de espírito (VILAS BOAS, 2008, p. 180).

Enfim, para Eros e Tânatos sobrou apenas o espaço de um entre parênteses em subtítulo de capítulo. O importante é a palavra. A paixão pela palavra tratada nesse breve espaço dos parênteses.

Abandono, então, meus pensamentos para entregar, de certa forma, a palavra a Ela, Maria Lúcia Medeiros. É ela quem deve ter as palavras finais.

CENA 1 - AMIZADE, CERTO APEGO DELICADO

Pedro, tu me amas?

– Sim, Senhor, tu conheces toda a amizade que tenho por ti.

João 21,25

Cardoso (1987), ao interpretar a amizade em Montaigne, esclarece que a origem de seus ensaios sobre amizade, está na perda de seu amigo Etienne de La Boétie. Seu discurso não é o da filosofia da amizade. Ele pensa na sua experiência de amizade como uma troca em que poderia ver não só o outro, mas a si próprio.

Com a morte do amigo é como se o seu eu perdesse consistência, pois só a presença de La Boétie corporificava seus pensamentos ajudando-o a decifrar-se.

A reflexão sobre a amizade – e tudo que escreve – não é em Montaigne, como muitas vezes em outros humanistas, apenas exercício num tema clássico de dissertação. Pensa sua experiência de amizade e pensa-se nela. Decifra-a e decifra-se, traçando como diz, em carne viva (*au vif.*) seu auto-retrato. Mas esta interpretação da vida e da obra – constatação certamente banal relativa a toda atividade literária – atinge nele uma profundidade rara. Aí mais do que nunca, a obra faz-se vida, não tira apenas dela sua origem e alimento; pois, na verdade, sua obra nasce da experiência e proximidade da morte (CARDOSO, 1987, p. 160).

Há dois pontos na concepção de amizade por Montaigne que nos aproximam: a relação do biógrafo com o biografado e a vida revivida da biografada pela atividade literária, o que inclui suas relações de amizade com os escritores que apreciava, com os que conheceu pessoalmente, cujos textos enriqueceram a vida da biografada e inspiraram seus escritos.

5.1 - Logos e Eros

O meu quinto caso não teve nem um pouquinho de desamor. Ele se chamava Rainer Maria Rilke. O Rilke como eu sempre disse.

O Rilke. O Machado. A Clarice. O Drummond. A gente fala de escritor que curte feito coisa que tivesse sido criado junto. Eu acho isso tão gostoso! O Dickens; o Flaubert; o Eça; o Bandeira...

Lygia Bojunga Nunes

Maria Lúcia tinha apreço pelos escritores, seus amigos corporificados no texto. E outros que viraram mesmo amigos no mundo real, o Milton Hatoum, a Lygia Bojunga Nunes, o Bartolomeu de Campos Queirós, a Leyla Perrone Moisés. Com estes trocou correspondência e em algum momento os recebeu em Belém.

Não poderia deixar de começar pela Virginia Woolf, pois era inegável seu fascínio pela escritora inglesa. Quando visitou a casa da Virginia na Inglaterra foi como se tivesse visitado uma amiga que não via há muitos anos: um reencontro. No verso de um mapa delineando o percurso para chegar a Rodmell escreveu.

Sábado /6/julho, 1985

13 e 35. Estou em Rodmell, Inglaterra. Estou num pub bem pertinho de Monks House. Rodmell é lindo. Ou será lindo o meu sonho? De ter sonhado e acreditado estar aqui um dia. Monks House abre às 2 hs. Espero. Estar diante da casa sem poder entrar lá foi uma grande sensação. Ou estar no trem e descer em Lewes. Ou acordar cedo e confiar que Renata faria tudo para dar certo, chegamos finalmente aqui. Não sei se voltarei mas chegar até aqui não permite “jamais” ou “nunca”. Tudo se transforma numa emoção pura, rapidamente. Encontrar uma casa que tem uma plaquinha “BED and Breakfast”, e saber que poderíamos ficar aqui por uma noite ou 2 noites. Aqui neste lugar onde passa o Rio Oure para onde ela foi e onde mergulhou num dia, em 1941. Eu ainda não tinha nascido. Queria levar uma flor dos jardins de Monks House, Renata não aceita a ideia. Penso aqui no último livro *Between the acts*. Não revisado. Um grande sonho, Rodmell. E a mulher perguntando se queríamos ver a igreja. Rodmell’s Church. Não. Andar em direção ao rio. Que viagem!!!

Sábado / 6 / julho, 1985.

13 e 35. Estou em Rodwell, Inglaterra. Estou num pub
 bem pituicho de Monks House, Rodwell é lindo. Ou será
 lindo o meu olho? De teu sábado e o crédito está
 aqui um dia. Monks House é de 2 lbs. Espero.
 Estar diante da casa sem poder entrar já foi uma
 grande surpresa. Ou estar no túnel e descer em Londres.
 Ou ainda cedo e apanhar que talvez fosse tudo para
 dar certo, chegar um finalmente aqui. Não sei se
 voltarei mas depois até aqui nos permite "tomar" no
 "lunch", tudo se transforma ~~em~~ ~~uma~~ ~~coisa~~ ~~para~~ ~~uma~~
 dormente. Gostaria de uma casa que tem uma plaquinha
 "B&B and Breakfast", e saber que poderíamos ficar aqui por
 uma noite ou 2 noites. Aqui neste lugar onde fosse o
 Rio Ouse para onde ele foi e onde ele surgiu um
 dia, em 1941. Eu ainda não tinha nascido. Queia tem
 uma flor dos jardins de Monks House. Talvez não
 oculte a ideia. Pense aqui no último livro ~~de~~ Between
 the acts. Não revisado. Um grande olho, Rodwell. E a
 minha perambulação de questionar ver a igreja. Rodwell's
 Church. Não. Andar em direção ao rio. Que viagem!!!

Figura 50: Anotações de viagem, 1986.

Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Virginia tinha um lugar especial na vida da biografada, que guardava recortes de jornal sobre a escritora inglesa, anotava, como já vimos, o que lia dela e sobre ela – e lia muito! Na foto seguinte das escritoras, em que vemos o perfil da Virginia e o sorriso de Maria Lúcia, pode-se sentir que a imagem é mais que um quadro na parede. Ainda que anos as separem, a paixão pela palavra as juntou e em algum momento foi salvação para ambas.



Figura 51: Maria Lúcia na sala de seu apartamento.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

O carinho de Maria Lúcia pela escritora, feito de admiração pela vida e pela obra, lembra a amizade de Montaigne e La Boétie. Em agenda de 1992, ela recorta, colore e cola detalhes de um *folder* feito para a apresentação de palestra que preparou sobre a Virginia e marca a data de aniversário da escritora inglesa, como se faz com os grandes amigos. No verso do *folder*, o poema que escreveu em Rodmell:

IN MEMORIAM

Num canto da aldeia, no fundo do rio
Abracei tua âncora, soltei teu navio...

Eras a comandante bela e sábia
E toda envolta em corais
Flutuavas histórias de nunca mais

À sombra dos olmos
À sombra da morte
Os dedos longos nas folhas
Folheando, desfolhando...

Depois me deixaste sozinha contra o muro
 Feito de Tempo e delírio.
 Diante de mim a âncora, o navio...
 E o teu perfil
 liquefeito.

(Rodmell, julho, 85)



Figura 52: Página da agenda da escritora, 1992.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2009/2010.

Outra grande paixão foi a Clarice Lispector, talvez até tenha inspirado alguns de seus textos e seu jeito de escrever. (É bom lembrar que Clarice Lispector esteve em Belém, na década de 40, tendo depois voltado depois em 1975, então escritora reconhecida.)

Clarice, meio misteriosa, de escrita enigmática, fascinava a escritora. Maria Lucia chegou mesmo a dar a um de seus contos, o mesmo nome de um livro da Clarice, “Onde estivestes de Noite?”. Nesse conto, a personagem, uma leitora, caminha pela cidade carregando seus livros até deparar-se com o Central Hotel:

Súbito se deparou diante do velho Central Hotel onde muitos a viram chegar, sair, tocar as paredes, respirar. E porque “a noite era uma possibilidade excepcional”, ergueu mais a cabeça e correu os olhos pelas janelas da frente do hotel, fechadas umas, outras iluminadas, todas espectrais àquela hora da noite. “Senhora, em qual delas deitastes vosso olhar ausente?” (MEDEIROS, 2000, p. 42).

O olhar ausente de Maria Lúcia pousa certamente neste pôster da Clarice, que permanece em uma das paredes da casa do Mosqueiro:

“Senhora, em qual delas deitastes vosso olhar ausente?”



Figura 53: Pôster da Clarice Lispector na casa do Mosqueiro.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

Se as tendências da crítica biográfica incluem “a reconstituição de ambientes literários e da vida intelectual do escritor, sua linhagem e sua inserção na poética e no pensamento cultural da época” (SOUZA, 2002, p. 112), essa é a

linhagem da escritora Maria Lúcia Medeiros por preferência e por inclinação à prosa sensível e poética dessas escritoras.

Outros escritores e estudiosos da literatura que ela veio a conhecer, e que em algum momento estiveram em Belém, foram recebidos com muito carinho. E em algum momento trocaram correspondências.

A escritora e ensaísta Marisa Lajolo, em carta de 1986, fala, entre outros assuntos, de uma amiga comum: Leila, que teria voltado encantada de Belém e diz que desconfia que Maria Lúcia tem grande parte nesse encanto.

São Paulo, 12 de fevereiro. 1986.

Oi, Lucinha:

Para não dizer que você desaparece sozinha, demorei meses para responder sua carta. A boneca alemã do museu idem, me olhando de baixo do vidro de minha escrivaninha dá razão a você: 85 foi realmente pesadíssimo, muito do brabo!!! Envolvi-me muito com os cursos para as salas de leitura aqui em São Paulo, e estou batalhando com a Lígia para que se faça algum tipo de avaliação. Já lá vai um ano que estamos em Belô, e nesse blá também concordo com você: a fundação João Pinheiro tem um astral altíssimo... Quem sabe ainda nos encontraremos nas alterosas, ao compasso de bolinhos de arroz e demais quitandas?

No mais, amarga-se a janice reinante na paulicéia, o que faz tudo ter um certo clima de velório, em que o defunto somos nós mesmos. No mesmo passo, o que se vê no governo do estado e no planalto central não deixa muita margem para ilusões... Quando foram mesmo as festas das Diretas já? E a derrubada da ditadura? Ontem ou anteontem, para recomeçar tudo hoje, nos nossos narizes não sei se complacentes ou impotentes... Enfim, numa quarta feira de cinzas estou influenciada pelo clima. Não ligue.

Falei rapidamente com a Leila, que voltou en cantada com Belém, e desconfio que você tem parte grande no encanto, sacramentado sobre um pato no tucupi. Vamos juntas agora para São José dos Campos, para mais um curso de Salas de Leitura. Se meus planos derem certo, será meu último curso no gênero. Estou com duas disciplinas na UNICAMP neste semestre, mais alguns alunos em fase final de tese, um projeto grande em andamento sobre a história da leitura no Brasil... ou seja, com divertimento mais do que suficiente para 40 horas semanais, sem contar o recesso do lar.

Tive 15 dias de férias maravilhosas na praia, o que fazia muito tempo que não acontecia. Sol, sal, mar, peixinhos e carangueijos, e alguns romances policiais para, como se diz, não perder o hábito da leitura...

Receba, portanto, um abraço ainda ensolarado e marítimo, e um pouco enfarado de leituras, livros & alunos, mesmo quando estes assumem as feições de professores. Dê notícias, e seja portadora de saudações a Albenisa e Telma.

Saudades da

Marisa

MARISA LAJOLO - RUA DE YEGU... APARTAMENTO...

Figura 54: Carta de Marisa Lajolo, 1986.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Bartolomeu de Campos Queirós, escritor de Literatura Infanto-juvenil, esteve mais de uma vez em Belém, em Feiras de Livro, para falar de seus livros. Na carta a seguir, conta de uma perda para a amiga também escritora.

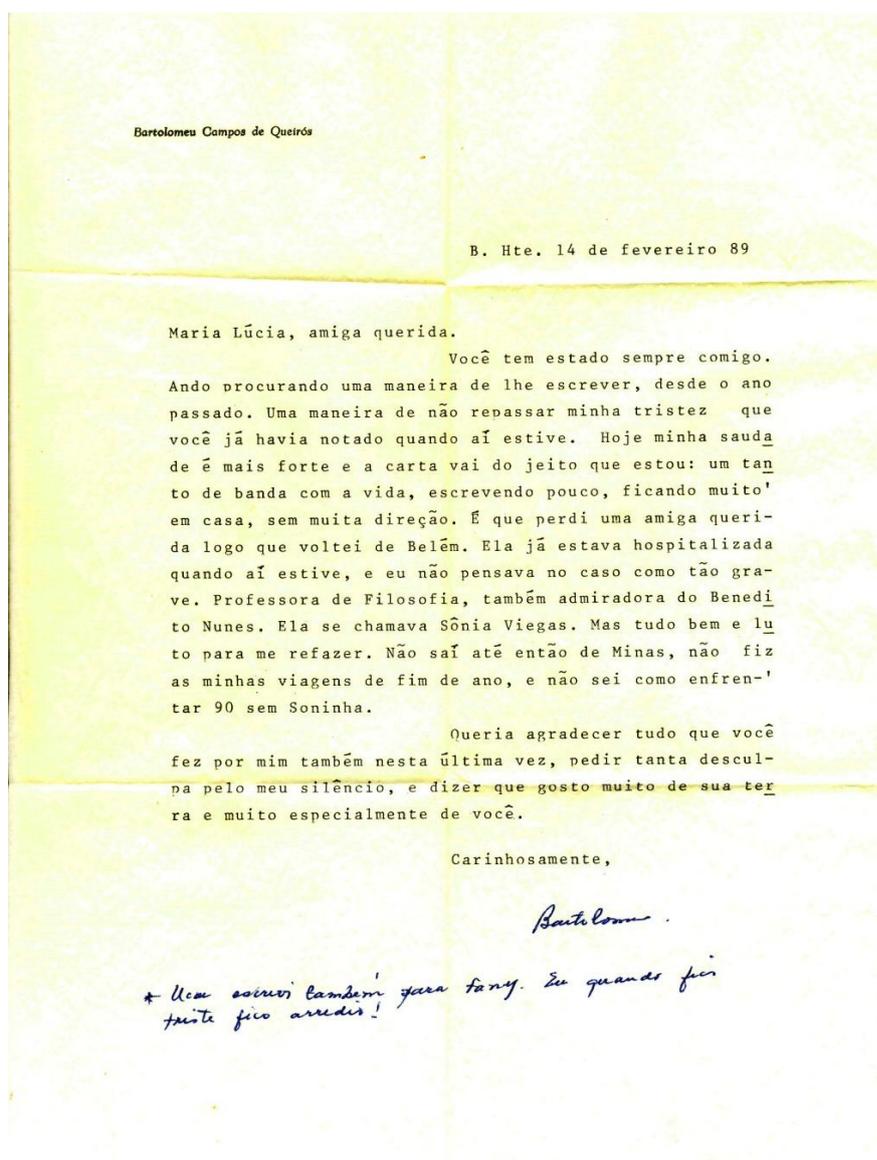


Figura 55: Carta de Bartolomeu de Campos Queirós, 1989.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

escritor Milton Hatoum agradece a hospitalidade e as iguarias da comida paraense.

Querida Maria Lucia,

Mais uma vez, obrigado mesmo pela hospitalidade e as suprimas iguarias paraenses. O pato no tempo sera' saboreado aos poucos, solenemente, como quem reza pedindo o impossivel a Deus.

Aqui vao algumas lembrancinhas: o livro de contos do Onetti, o do Mario de Andrade e tres exemplares da Cult, cujo numero e' dedicado a Drummond. Escrevi um ensaio sobre um poeta paulistano, espero que te goste. Poderes dar um exemplar para a Juvenina e a Amarilis? Um exemplar e sempre de agradecimento e amizade.

O livro do Darcy e' para a Lais.

Te dou noticias sobre o conto na Cult.

Eu e Ruth gostariamos de passar um tempo em Belim. Quem sabe?! E o hotel? Ja' faleste com o Dr. Amir?

Um abraço cheio de saudade,

Milton

Ruth

Figura 56: Carta de Milton Hatoum.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

5.2 - “Affecto que une dous amigos”

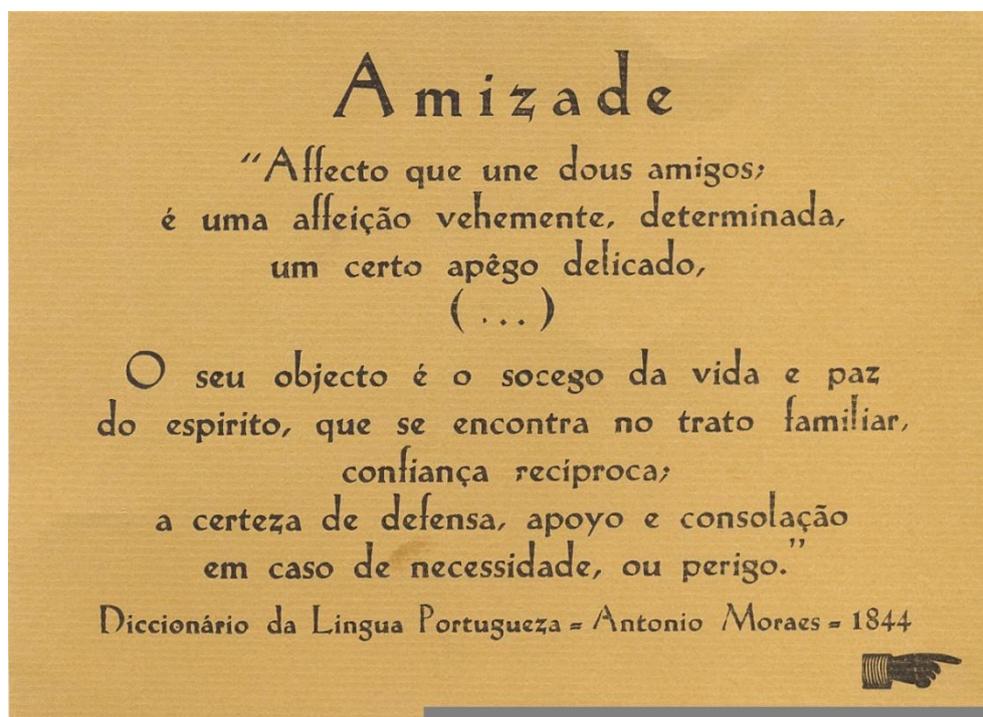


Figura 57: Cartão de 1987.
Fonte: Arquivo pessoal.

No ano de 1987, Maria Lúcia Medeiros fez imprimir esse cartão e o enviou aos amigos com votos de Feliz Ano Novo. Apreciava esses gestos, tanto de oferecer quanto de receber cartas, cartões, pequenas lembranças, quase sempre ligados à leitura e à literatura. Tinha prazer em presentear com livros, sempre ligada na leitura e na escrita. A face da escritora sempre surgindo de tantas outras que encarnava, fragmentos de imagens do imaginário afetivo a compor pequenas unidades biográficas, os biografemas de Barthes (1984).

Tinha vários grupos de amigos, às vezes um dos amigos poderia passear entre todos eles, mas era difícil estar em todos. Com a Ângela Maroja,¹⁴ reunia-se ora para estudar ora para falar de coisas do cotidiano, para rirem de suas “loucuras” e das dos outros, falar de outros, também, colocá-los na berlinda, como diziam, uma certa maledicência. Sem dúvida, Henrique Pena, de quem já falamos, era o amigo das ideias renovadoras, das viagens, das novidades. Onde estivesse Henrique dava notícias: um postal comentando o lugar, um olhar diferente sobre

¹⁴ Professora de Filosofia da UFPA.

viagem, um convite a realizá-las. No postal escolhido especialmente para ela, Henrique envia uma foto de um de seus artistas favoritos, James Dean. No verso, uma referência às viagens, às palavras, material de lida da escritora.

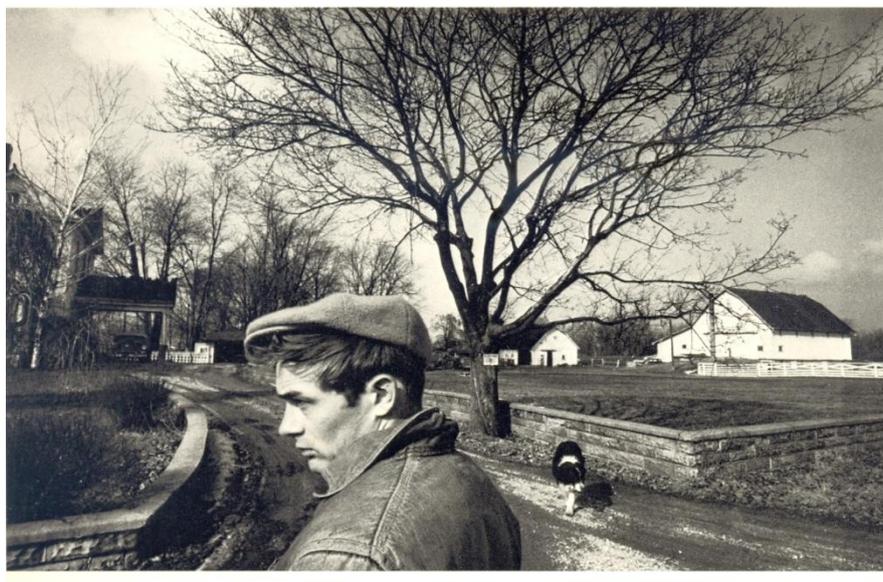


Figura 58: Postal de 1991.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

JAMES DEAN, FAIRMOUNT, INDIANA, 1955
PHOTOGRAPH BY DENNIS STOCK

Maria Lúcia, tu que sabes o que a
palavra representa, não podes imaginar,
nem eu quando uma sequer para
descruer a elegância, na maneira
de viver das pessoas daqui, de New
Orleans. Queira agradecer a solidari-
iedade de aqui estares, participante,
desta que será uma das minhas
inesquecíveis experiências. Beijos do
censurada!

Amigo Henrique 20/11/91

© 1979 MAGNUM PHOTOS, INC.
PRINTED BY RAPOPORT PRINTING CORP.
© FOTOFOLIO, BOX 661 CANAL STA., NY, NY 10013
MP4

Figura 59: Verso do Postal de 1991.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Durante certo período encontrava-se muito com Henrique Pena e Juruema Bastos. Jantavam, falavam de viagens, livros, desejos. Isso durou até a morte de Henrique num acidente em Bragança. Na foto, Juruema (ou Juju como ela a chamava) e Taís, filha de outra grande amiga, Laís Zumero, em sua sala de estudo, no apartamento em que morou durante muitos anos, em Belém. O relógio antigo, o quadro, à direita um quadro de cortiça com cartões e fotografias dos filhos, netas e amigos. Maria Lúcia cercava-se das coisas que amava. E de suas leituras e escritos – a palavra mais que tudo. Quando não pôde mais falar, escreveu com alegria e dor.



Figura 60: Foto Juruema Bastos e Taís Zumero.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Outra grande amiga com quem trocava impressões sobre leitura e sobre sua criação literária, quase sempre a primeira a ler seus escritos, era Amarilis Tupiassu, a quem carinhosamente chamava de Lila.



Figura 61: Foto Maria Lúcia Medeiros, Amarilis Tupiassú e Laís Zumero.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Sebastião Ramalho (Tião) e Renata Malcher. Ele, bancário de profissão, grande leitor e ela, arquiteta e professora. Amigos muito queridos de Maria Lúcia. Viajaram juntos, trocaram correspondências e confidências.



Figura 62: Foto Sebastião Ramalho e Renata Malcher.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Norma Barata (viúva do escritor Ruy Barata), amiga de muitos anos e testemunha da luta de Mariano Klautau e de outros, contra a ditadura que se instalou no País em 1964.



Figura 63: Foto Maria Lúcia Medeiros, Norma Barata e Laís Zumero.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Na casa do Mosqueiro, Elaine (Leleca), professora e amiga de Maria Lúcia. Estiveram juntas na Casa da Linguagem e partilharam muitas aventuras. Na foto com seu companheiro, o poeta Marcílio, que dedicou seu último livro de poesia à Maria Lúcia.



Figura 64: Foto Elaine e Marcílio.
Fonte: Arquivo pessoal, 2011.

CENA 2 - A VIDA REINVENTADA, VIAGENS

Quando partires de regresso a Ítaca
deves orar por uma viagem longa,
plena de aventuras e de experiências.
Konstantino Kavafis

Não quero demonstrar nada, quero mostrar.
Fellini

Maria Lúcia conta que quando descobriu os livros descobriu um outro jeito de ser. Eu diria que ao descobrir as viagens (as que começou a fazer com os amigos) descobriu uma outra forma de ver e de estar no mundo. Seus cadernos de viagem recriam os momentos vividos em outros lugares. As lembranças trazidas, a sensação de ser viajante, de partir, de se distanciar de certo lugar, de estar num outro espaço. As imagens a seguir, retiradas de seus cadernos, dão o tom do quanto esse deslocamento mexia com sua imaginação, ligando-a sempre com a literatura e com a escrita. A ideia é, não apenas de dar a palavra à escritora, mas também de deixar um campo à continuidade, de oferecer aqui uma escrita feita de imagens, a exemplo da fotobiografia, e mesmo um ir além, fazer um trabalho com fotos e recortes de seus álbuns, agendas e cadernos de viagem.



Figura 65: Foto Maria Lúcia Medeiros e Henrique Pena, 1988.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Apreciava a música, deve ter sido uma emoção ter visto a Sarah Vaughan, como ela mesma registra, Que sorte!

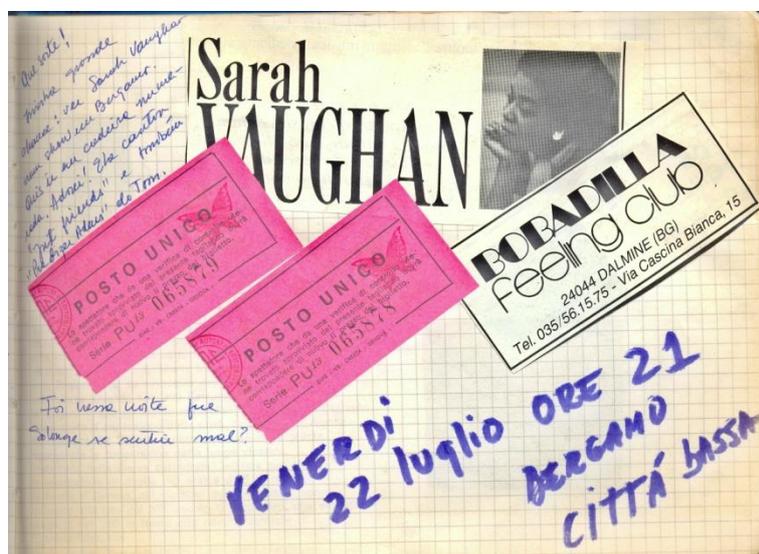


Figura 66: Página de álbum de viagem, 1988.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Com Solange, que conheceu na Itália, uma brasileira morando em Barcelona e colega de estudos de sua amiga Renata.



Figura 67: Página de álbum de viagem, 1988.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

O registro de ter passado por Verona em 1985 e colado os recortes de um mapa e detalhes da cidade. As lembranças da viajante.

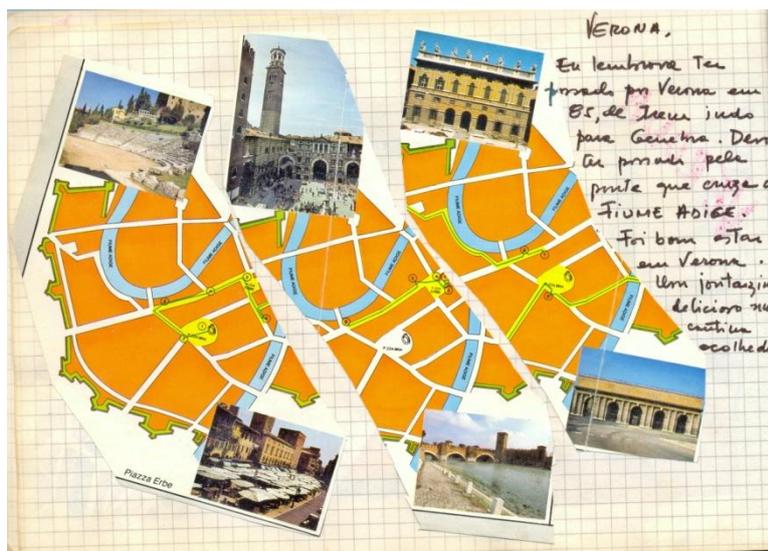


Figura 68: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Valdir Sarubbi, o primo e amigo querido. Aquele mesmo de quem falamos nos primeiros capítulos, que lhe contava dos filmes que ela por força da idade não podia ver.

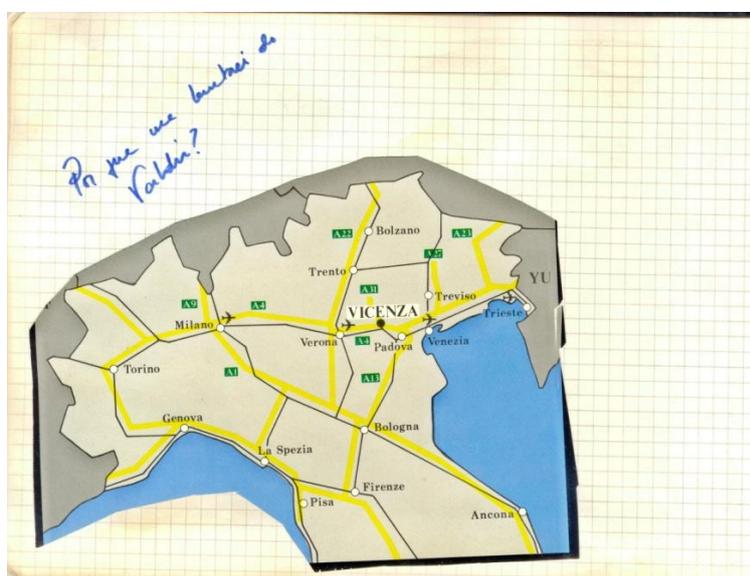


Figura 69: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Padova vista pela escrita de Maria Lúcia – uma cidade fantasma. E Padova transforma-se numa curta história feita por quem tem paixão pela escrita, a vida e a ficção em viagem por outras terras.

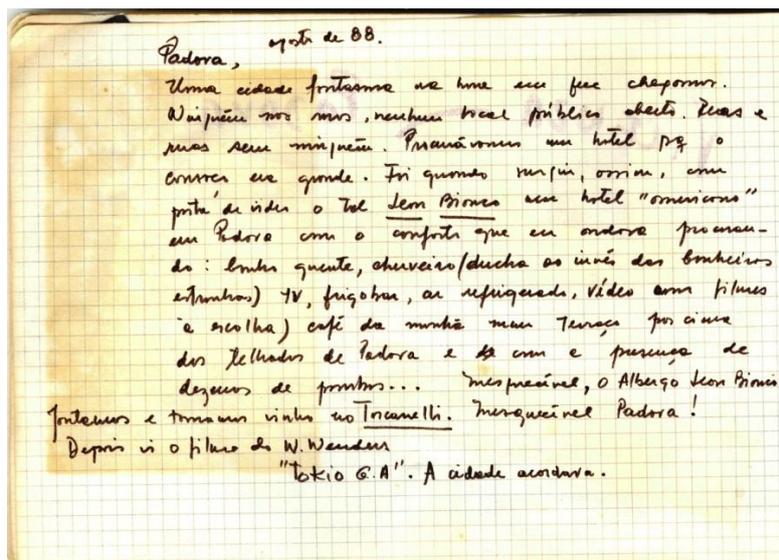


Figura 70: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

O jantar “pesado” me faz pensar pesado, o clima com os amigos que às vezes acontece ou o tipo de comida mesmo. E a referência literária feita no ticket do trem em que momento entrou – o antes, o depois... Foi parte da conversa ou da memória?



Figura 71: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

A continuidade das pequenas histórias de vida.

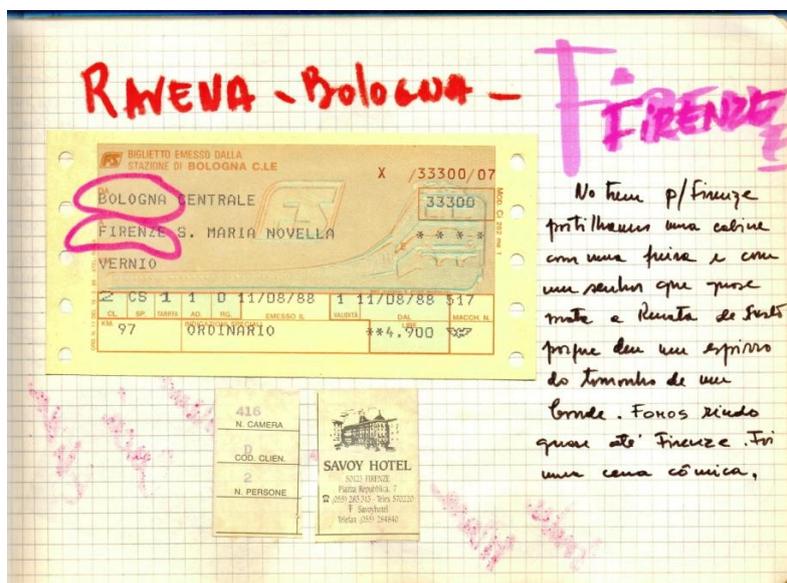


Figura 74: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Tinha esse sonho de conhecer Lucca porque associava com seu nome, e mesmo alguns amigos mais chegados, como a Renata Malcher, a chamavam de Luca.



Figura 75: Página de álbum de viagem, 1988.
 Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

O encontro com o amigo querido, as trocas – o saco com comida e vinho e as cartas em mão.

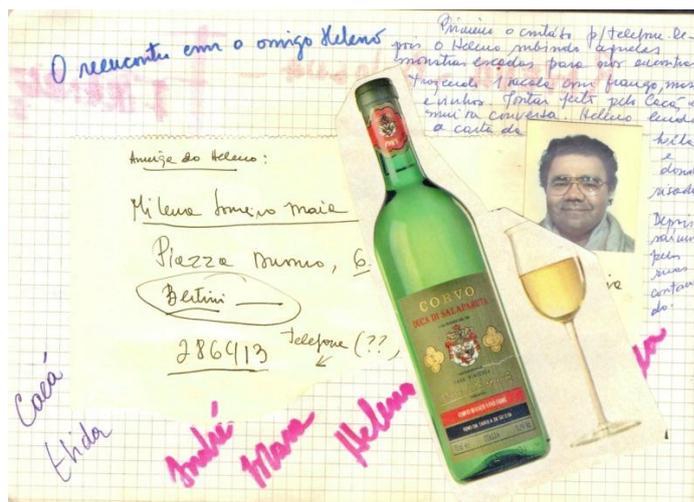


Figura 76: Página de álbum de viagem, 1988.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Ah! As novidades dos que estavam do lado de cá do oceano.



Figura 77: Página de álbum de viagem, 1988.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

A capacidade de ver e olhar o outro como personagem de histórias que se desenrolaram ali diante de seus olhos. Sempre o amor à palavra escrita, falada, lida. Um jeito muito próprio de ler o mundo e de escrevê-lo como ficção. A ponte, relembramos, entre o fato e a ficção – a imaginação e a realidade.

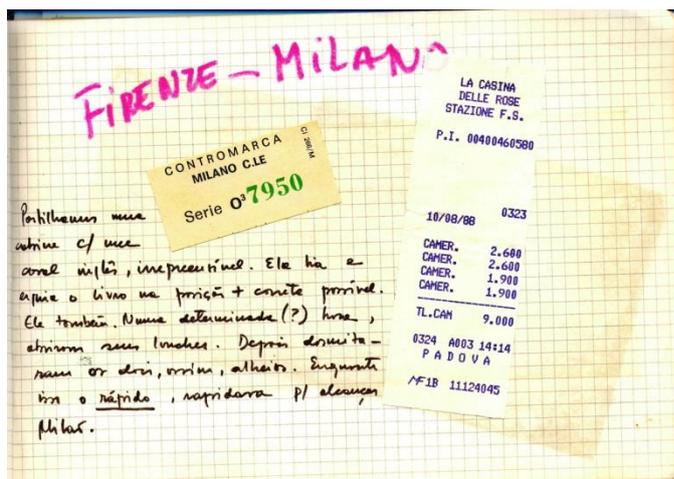


Figura 78: Página de álbum de viagem, 1988.
Fonte: Acervo da escritora, organizado 2010/2011.

Repito à exaustão o que se confirma em sua vida de leitora e escritora: a paixão pela palavra lida, escrita, falada. Maria Lúcia por ela mesma.



Figura 79: Maria Lúcia Medeiros (1942-2005).
Fonte: Agenda Banpará, elaboração: Amarilis Tupiassú e Lais Zumero, 2011.

REMATE – ENTREATOS, O FATO E A FICÇÃO

Quando o cimo de nossos céus se juntarem
minha casa terá um texto.

Paul Éluard

Juntar a vida e a obra de Maria Lúcia Medeiros envolveu não só a pesquisa bibliográfica, com também a pesquisa nos arquivos deixados pela escritora que gerou um novo texto – biográfico e interpretativo –, uma biografia literária.

Para dar suporte a esta aventura biográfica fizemos um breve percurso pelas teorias literárias, e olhamos com atenção a crítica biográfica, assunto estudado hoje, no Brasil, pela professora Eneida Maria de Souza.

Feito esse aporte teórico nos detivemos em traçar o perfil biográfico – vida e obra – de Maria Lúcia. O trabalho não tem a intenção de contar a vida em ordem cronológica, embora comece retratando a escritora com fatos de sua infância e adolescência contados por ela mesma no livro *Antologia de nossa infância e adolescência*, coordenado por Fanny Abramovich (1985).

Esta dissertação, a exemplo da escrita de uma peça de teatro, dividiu-se em Atos e cenas por duas razões. A primeira, inspirada no livro *Entre os atos*, de Virginia Woolf, escritora muito admirada por Maria Lúcia. No texto da escritora inglesa, a ação desenrola-se “entre os atos” de uma peça que estava sendo representada na casa de um dos personagens. Todos os personagens estão reunidos para assistir, em um clima de ansiedade, do *frisson* comum das esperas do que o espetáculo irá revelar.

No texto de Virginia Woolf, há referências aos diálogos, ao figurino e à música: “A plateia reunia-se outra vez. A música os chamava” (Woolf, 1981, p. 89). Mas é nos intervalos entre os atos, que se conhece o drama das personagens do romance, seus encontros e desencontros, suas alegrias e misérias... Dessa maneira, a escritora trança dois níveis de ficção, a da peça de teatro e a do romance em si – como uma *mise en abîme*, histórias encaixadas em outra história...

A segunda razão foi inspirada na frase de SOUZA (2002) que define a biografia literária como uma “ponte metafórica entre o fato e a ficção”. A ficção é a vida tornada palavra, reescrita em novo texto, mostrada ao leitor por meio de outra

voz, a da biógrafa, que retomou os fatos da vida da escritora biografada, retrçou-os ao sabor das descobertas fornecidas pelo labirinto de um arquivo, interpretando essa vida enquanto texto-documento tão importante quanto o dos papéis colecionados nas pastas.

Atos e cenas retratam as diferentes faces da escritora – mulher, mãe, leitora, professora e escritora. Em todos procuramos colocar sempre em evidência a influência da vida sobre seus escritos e de suas leituras sobre sua vida. Porque Maria Lúcia Medeiros viveu a vida como se fosse uma escritura, e essa escritura, como ela dizia, dava sentido à sua vida mesmo quando nada fazia sentido.

Escrever fazia parte do dia-a-dia, da maneira de viver: escrevia e guardava o que escrevia. Seus escritos compreendiam os textos pessoais encontrados em toda forma de documentos– cartas, bilhetes, poemas, fotos, fragmentos, álbuns de viagens, Diário, anotações em cadernos e em papéis avulsos comentários nos livros, lista de compras, inventários de guardados e de palavras –, além dos ficcionais que mostram sua intimidade com a palavra em todos os níveis de escrita. Na busca do recurso da criação poética, vivência e literatura reuniam-se. É o que a escritora confessa, na voz de um de seus personagens no conto TER SER:

O dicionário ajudava quase sempre e aulas ele se dava e mistérios desvendava e lições aprendia... Ele prendia-se (sabia que estava errado) porque prendia-se (sabia que estava certo), agarrava-se ao mistério. Horas seguidas, lápis entre os dedos, jogo febril, aula inventada a menor sopro de vento. Invento outro (pensava) é só querer, mesmo sem sopro de vento. (MEDEIROS, 1988, p. 27) .

Maria Lúcia publicou seu primeiro livro em 1988, *Zeus ou a menina e os olhos*. A exceção de “Corpo Inteiro”, todos os outros contos retratam a vida de meninos e meninas que em algum momento descobrem saídas inusitadas para certas situações da vida. No decorrer de sua existência lançou mais quatro livros de contos e um ensaio intitulado *O lugar da Ficção* (2004).

A trajetória de Maria Lúcia Medeiros traçada aqui reafirma seu papel de escritora e sua importância para a Literatura Paraense. E pescadora excepcional de palavras como era, não fosse a conjuntura (econômica e editorial de divulgação de livros) que separa, no Brasil de grandes extensões, as criações literárias das

diferentes regiões, Maria Lúcia Medeiros seria autora conhecida e lida em todo o país. Seus contos equiparam-se à produção contista brasileira e mundial.

O discurso literário de Maria Lúcia Medeiros é desse porte. Ela consegue pescar com a palavra, como disse a milagrosa pescadora de coisas que foi Clarice Lispector, a entrelinha, o que não é palavra (NUNES, 1988, p.5).

O paralelo traçado entre vida e obra literária, com passagens pela crítica literária, revelam a riqueza do texto de Maria Lúcia Medeiros, não regionalista, mas impregnado do verde que marca os escritores da Amazônia, fluido e forte como as águas dessa região. Aliás, a água desliza por sua vida e por seus contos, situando-os entre chuvas, rios e trovoadas. Nascida às margens do Rio Caetés, encontramos em muitos textos chuvas torrenciais, águas que se derramam de diferentes maneiras como uma forma peculiar de destino, como diz Bachelard (1989, p. 6): “a água é também um tipo de destino, não mais apenas o vão destino das imagens fugazes, o vão destino de um sonho que não se acaba, mas um destino essencial que metamorfoseia incessantemente a substância do ser”.

Esse destino esteve sempre, de diferentes formas, ligado à Literatura. Formada em Letras pela Universidade Federal do Pará, seu primeiro trabalho foi com adolescentes, em uma escola particular, onde, dito por ela mesma, experimentou tudo o que quis e que sempre acreditou com relação à Literatura, Cinema, Teatro e Música – como consta em auto-apresentação feita para Fanny Abramovich, no livro *Ritos de Passagem* (1985, p. 89).

O objetivo maior deste trabalho – de retratar a face da pessoa humana e a da escritora, e de sublinhar quanto do claro-escuro da literatura enriqueceu a pintura de ambas as faces – foi alcançado no momento em que, pelo texto, demonstramos o ganho, vindo da curiosidade, da descoberta, da invenção e do novo, desvelando a sua vida e sua obra.

(Muito ainda ficou para ser feito. No fim desta “peça”, na cena 2 do último ato, à maneira do cineasta italiano Federico Fellini, eu já não quis demonstrar, apenas mostrar postais, fotos de amigos e amores. Uma amostra, talvez, um embrião de uma futura fotobiografia de Maria Lúcia Medeiros. Uma futura tese, quem sabe?)

Se, em seus textos, a autora de *Horizonte silencioso*, funde realidades e gêneros literários, também a nova crítica literária (por meio da biografia literária) revela a possibilidade de unir domínios que antes se encontravam separados: a leitura conjunta, aqui realizada, de textos e de vida, revisa o que a atual crítica biográfica propõe – a fusão da obra e da existência.

A crítica biográfica, como vimos, nada tem a ver com o biografismo da crítica literária do século XIX, pois permite uma nova interpretação da poesia e da vida “além de seus limites intrínsecos e exclusivos, por meio da construção [a repetição é proposital] de pontes metafóricas entre o fato e a ficção” (SOUZA, 2002, p. 43).

A importância de ligar a biografia de uma escritora aos seus textos literários aparece, ainda, nas características e na história da região, do país e do próprio mundo. O trabalho meticuloso que procuramos fazer de recuperação da memória acabou por dar sentido à necessidade de se transmitir ao presente e ao futuro as riquezas de um legado literário. Esse legado está, sobretudo, nas imensas possibilidades de reescritura do texto. A epígrafe desta conclusão diz: “minha casa terá um texto”. Só compreendi a citação quando encontrei, em minhas leituras, a frase: “A casa do judeu e do poeta é o texto” (DERRIDA apud BONDER, 1996, p. 38) Para aqueles que não têm lugar – real ou imaginário – há sempre um texto para abraçá-lo. Como diz Maria Lúcia Medeiros (contracapa do livro *A ficção de Maria Lúcia Medeiros*, 1999), “escrevo porque preciso... Porque faz sentido quando nada faz sentido. Porque os fantasmas se chegam porque os fantasmas se afastam”.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. *Ritos de passagem de nossa infância e adolescência: antologia*. São Paulo: Summus, 1984.
- AGOSTINHO, S. *Confissões*. 18^a. Edição. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no ocidente*. Tradução: Priscila Viana de Siqueira. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- AVILA, Myriam. *O retrato na rua: memórias e modernidade na cidade planejada*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.
- BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- _____. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. Tradução de Maria Margarida Barahona. Lisboa-Portugal: Edições 70, 1988.
- _____. *A câmara clara: nota sobre a fotografia*. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- _____. *Le bruissement de la langue*. Paris: Éditions du Seuil, 1984.
- BENJAMIN, Walter. *Passagens*. Belo Horizonte: UFMG, 2006.
- BERGEZ, BARBÉRIS, BIASI, MARINI e VALENCY, Daniel, Pierre-Marc de, Marcelle e Gisèle. Tradução de Olinda Maria Rodrigues Prata. *Métodos críticos para a análise literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BÍBLIA SAGRADA. Tradução Padre Matos Soares. São Paulo: Paulinas, 1989.
- BOGÉA, José Arthur. *ABC de Maria Lúcia Medeiros*. Belém: UFPA, 1991.
- BONDER, Nilton. *Portais Secretos: acessos arcaicos à Internet*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- BORELLI, Olga. *Clarice Lispector: esboço para um possível retrato*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- BOURDIEU, Pierre. *Les règles de l'art: genèse et structure du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- BRAIT, Beth. *Bakhtin e o círculo*. Beth Brait (org.). São Paulo: Contexto, 2009.
- BROCH, Herman. *A morte de Virgílio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*. São Paulo: Editora Nacional, 1976.
- CARDOSO, Sérgio...[et al.]. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CHAVES, Lilia Silvestre. Mário Faustino: uma biografia. Belém: Secult; IAP; APL, 2004.

DERRIDA, Jacques. *Mal de Arquivo*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor*. Tradução António Fernando Cascais e Eduardo Cordeiro. Lisboa: Passagens/Vega, 1992.

_____. L'écriture de soi. In: *L'autoportrait*. V. 5. Paris: Presses Universitaires de France, 1983.

JUNG, Carl Gustav. *Memórias Sonhos Reflexões*. Tradução de Dora Ferreira da Silva. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

LEJEUNE, Philippe. *O Pacto autobiográfico: de Rousseau à internet*. Tradução de Jovita Maria Gerheim Noronha, Maria Inês Coimbra Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

LIMA, Luiz Costa. *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção Hans Robert Jauss et al*. Coordenação e tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MADELÉNAT, Daniel. *La biographie*. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.

MALCOM, Janet. *A mulher calada*. Tradução: Sergio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MEDEIROS, Maria Lúcia Fernandes de. *Velas, por quem?* Belém: CEJUP, 1991.

_____. *Zeus ou a menina e os óculos* (contos). São Paulo: R. Kempf, 1988.

_____. *O lugar da ficção*. Belém: SECULT, 2004.

_____. *Céu caótico*. Belém: SECULT, 2005.

_____. *Horizonte silencioso*. Boi Tempo, 2000.

_____. *Quarto de hora*. Belém: CEJUP, 1994.

_____. *Antologia de contos*. Belém: Editora Amazônia, 2003.

_____. "O lugar da Errância". (in: *A Amazônia e a crise da modernização/org*. Maria Angela D'Incao e Isolda Maciel da Silveira). Belém: MPEG, 1994.

NUNES, André Costa et al. **1964**. *Relatos Subversivos: os estudantes e o golpe militar no Pará*. Belém: edição dos autores, 2004.

PLATÃO (427-347 a.C). *O Banquete – Apologia de Sócrates*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. -2. ed. rev. – Belém: EDUFPA, 2001.

QUEIROZ, Eça de. *O primo Basílio: episódio doméstico*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa*. Campinas: Papirus, 1994

ROGER, Jérôme. *A crítica literária*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

SAVARY, Olga. *Poesia do Grão-Pará*. Rio de Janeiro: Graphia, 2001. 521 p. p. 482-485.

SEBRAE/PA. *Guia Turístico do Pará: ecológico, histórico e cultural*. São Paulo: Empresa das artes, 2006

SOUZA, Eneida Maria de. *Crítica Cult*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

TUPIASSÚ, Amarílis. *A ficção de Maria Lúcia Medeiros: leituras*. Organização de Amarílis Tupiassú. Belém: SECULT, 2002.

VILAS BOAS, Sérgio. *Biografismo: reflexões sobre as escritas da vida*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

WERNECK, Maria Helena. *O Homem encadernado – Machado de Assis na escrita das biografias*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1996.

WOOLF, Virginia. *Entre os atos*. Tradução: Lya Luft. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

UNESP-FCLAs-CEDAP, v. 4, n.2, p. 1-10 - jun.2009. *Crítica Genética e Crítica Biográfica* por Eneida Maria de Souza.

Ipotesi: revista de estudos literários. Universidade Federal de Juiz de Fora v. 4, n. 2, lu/dez. 2000. Juiz de Fora: UFIF, 2000.

<www.oparanasondasradio.ufpa.br>. Acesso em: 24 jul. 2010.

Coleção Allen Morrison. (Disponível em: www.tramz.com. Acesso em: 24 jul. 2010).

<<http://www.cinemaolympia.com.br/historia.html>>. Acesso em 30 jan. 2011.